

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
HISTÓRIA

Thiago Luiz Viegas Vogt

***MENSAGEIRO DA PAZ - O PORTA VOZ DO
PENTECOSTALISMO DA ASSEMBLEIA DE DEUS
NO BRASIL***

Niterói
2023

THIAGO LUIZ VIEGAS VOGT

LINHA DE PESQUISA
POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E MEMÓRIA

***MENSAGEIRO DA PAZ - O PORTA VOZ DO PENTECOSTALISMO DA
ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Marcelo da Silva Timótheo da Costa

Niterói
2023

CIP - Catalogação na Publicação

V887 Vogt, Thiago Luiz Viegas.
Mensagem da paz: o porta voz do pentecostalismo da Assembleia de Deus no Brasil. / Thiago Luiz Viegas Vogt. -- Niterói, RJ, 2023.

ix, 1-117p.

Numeração da publicação: [i] – ix, 1-117p].

Referência(s): P. 109-117.

Orientador: PhD. Marcelo da Silva Timótheo da Costa
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2023.

1. Pentecostalismo. 2. Assembléia de Deus. 3. Mensagem da paz - Periódico. I. TÍTULO.

CDD 270.0981

THIAGO LUIZ VIEGAS VOGT

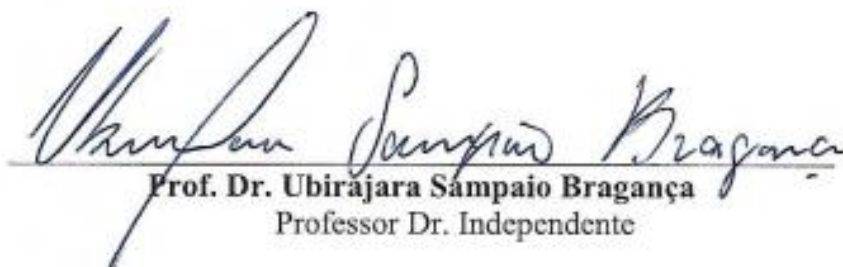
**“MENSAGEIRO DA PAZ - O PORTA VOZ DO PENTECOSTALISMO DA
ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL.”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 29 de agosto de 2023 pela banca examinadora, composta pelos professores:



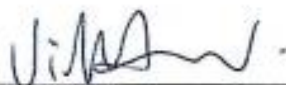
Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Ubirajara Sampaio Bragança

Professor Dr. Independente



Prof.ª Dr.ª Vivian Cristina da Silva Zampa

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

*Dedico essa pesquisa as mulheres da minha vida,
Mariana Vogt, Sara Hope, Lucia (in memorian) e
Ermelinda (in memorian).*

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo fôlego da vida, e por se revelar a cada dia manifestando seu perdão, sua graça e sua salvação.

Agradeço aos meus pais, Jorge Vogt e Lucia Vogt (*in memoriam*) por me transmitirem valores, exemplos a serem seguidos e força de vontade para lutar todos os dias.

Agradeço a minha família. O amor da minha vida, minha esposa, Mariana da Silva Vogt e a minha princesa da esperança, minha filha, Sara Hope, que entenderam meu silêncio, obstinação e ausência quando estava debruçado sobre pilhas de livros, jornais e páginas infindáveis de anotações e anotações. Esse apoio é um preço que nunca vou poder pagar.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo da Silva Timótheo da Costa, por ter me acolhido como orientando quando já percorria um caminho, e com sua erudição e simpatia tornou muitas vezes o trabalho proveniente da sua orientação uma tarefa admirável e também instigante.

Agradeço a Prof^ª. Dr^ª. Adrianna Setemy, por me direcionar nos primeiros passos e por ser uma das primeiras pessoas a acreditar na viabilidade desta pesquisa.

Agradeço ao meu amigo, Prof. Dr. Misael Henrique Silva do Amaral, por me incentivar e me ajudar durante o processo seletivo.

Agradeço ao Reverendo Carlos Roberto Coutinho Romolo, por ter me apresentado despretensiosamente o edital da Universidade Salgado de Oliveira e assim ter me proporcionado a oportunidade de passar por uma porta que já julgava estar fechada.

Agradeço por fim, a Universidade Salgado de Oliveira representada nos funcionários e em todo o corpo docente deste programa de pós-graduação.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar através de levantamento bibliográfico, a trajetória do movimento pentecostal brasileiro representado na denominação Assembleia de Deus. Fundada no início do século XX, em Belém do Pará, pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, se tornou rapidamente a principal representante do pentecostalismo, um modelo a ser seguido por outras denominações, a partir de sua influência na teologia, nos costumes e na ideologia política e conservadora. Assim objetivamos apresentar como as crenças pentecostais se desenvolveram a partir da ideia de reproduzir os eventos carismáticos contidos nos textos bíblicos e nos relatos anteriores dos movimentos religiosos que aconteceram na Inglaterra e nos Estados Unidos, e com o passar das décadas no Brasil passou a se direcionar para a ocupação do espaço público e a influenciar diversos setores da sociedade vigente e até posições legislativas e executivas da política nacional. Então, a medida que o conjunto de crenças se modificam para se tornar um conjunto de interesses, o *Mensageiro da Paz*, que além de ser o principal periódico religioso do pentecostalismo brasileiro, se torna o porta-voz da instituição que no decorrer dos anos, além dos púlpitos nos templos busca ter a voz de seus líderes amplificada nas páginas de um jornal e no cotidiano de seus fiéis.

Palavras-Chave: Pentecostalismo, Assembleia de Deus, *Mensageiro da Paz*, Conservadorismo, Política.

Abstract

The present work aims to analyze, through a bibliographical survey, the trajectory of the Brazilian Pentecostal movement represented in the denomination Assembly of God. Founded at the beginning of the 20th century, in Belém do Pará, by the Swedish missionaries Daniel Berg and Gunnar Vingren, it quickly became the main representative of Pentecostalism, a model to be followed by other denominations, based on its influence on theology, customs and in political and conservative ideology. Thus, we aim to present how Pentecostal beliefs developed from the idea of reproducing the charismatic events contained in biblical texts and in previous reports of religious movements that took place in England and the United States, and over the decades in Brazil began to be directed for occupying public space and influencing various sectors of current society and even legislative and executive positions in national politics. Thus, as the set of beliefs changes to become a set of interests, *Mensageiro da Paz*, which in addition to being the main religious journal of Brazilian Pentecostalism, becomes the spokesperson of the institution that, over the years, beyond the pulpits in temples, it seeks to have the voice of its leaders amplified in the pages of a newspaper and in the daily lives of its faithful.

Palavras-Chave: Pentecostalism, Assembly of God, Messenger of Peace, Conservatism, Politics.

Sumário

| | |
|--|------------|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I - Breves considerações sobre o pentecostalismo..... | 4 |
| 1.1 Origens da doutrina e do pensamento pentecostal..... | 5 |
| 1.2 A experiência pentecostal se espalha pelos Estados Unidos..... | 12 |
| 1.3 O pentecostalismo chega ao Brasil..... | 18 |
| 1.4 A Assembleia de Deus, modelo do pentecostalismo brasileiro..... | 23 |
| Capítulo II - Pentecostalismo brasileiro, religião e política..... | 38 |
| 2.1 O pentecostalismo da Primeira República até a Ditadura..... | 44 |
| 2.2 A expansão do pentecostalismo na ditadura civil-militar..... | 48 |
| 2.3 Pentecostalismo e a abertura política..... | 61 |
| Capítulo III - O pentecostalismo pelas páginas do <i>Mensageiro da Paz</i>..... | 72 |
| 3.1 O <i>Mensageiro da Paz</i> e a expansão pentecostal da Assembleia de Deus no Brasil..... | 76 |
| 3.2 O palanque político montado em um periódico religioso..... | 81 |
| 3.3 O conservadorismo pelas páginas do <i>Mensageiro da Paz</i> | 98 |
| Considerações finais..... | 105 |
| Fontes..... | 109 |
| Bibliografia..... | 110 |

Introdução

Ainda jovem, após a experiência da conversão religiosa ao cristianismo, comecei a graduação em História. No ambiente acadêmico, a partir de tantos questionamentos, passei a refletir sobre a movimento religioso que passei a fazer parte.

A parte das questões de foro íntimo, principalmente aquelas que dizem respeito a fé, algumas outras me chamavam a atenção, como a concorrência religiosa, o desejo voraz de expansão e a necessidade de influência política.

Fazendo parte de uma denominação inserida no movimento pentecostal, e diante de posturas diametralmente opostas ao que é apresentado nos textos dos evangelhos, me dediquei a busca de compreender esse complexo modelo religioso.

Então, para compreender a ideologia pentecostal que estava inserido, passei a pesquisar sobre a Assembleia de Deus, que durante o século XX passou a servir de modelo para o pentecostalismo brasileiro.

Com um crescimento exponencial desde a sua fundação em 1911, na cidade de Belém do Pará, a Assembleia de Deus, em poucas décadas, já estava presente em todas as regiões brasileiras, e se tornou rapidamente a maior denominação pentecostal brasileira¹. Desde o seu nascimento, e com seu processo expansionista religioso, a denominação se tornou também um modelo religioso a ser replicado por diversas outras igrejas e movimentos pentecostais que vieram a seguir, definindo praticamente o que é ser pentecostal no Brasil.

Assim, esse trabalho pretende, por meio do levantamento bibliográfico, propor uma reflexão e problematização de aspectos do pentecostalismo e como seus valores estiveram presentes em diversos momentos da política nacional durante o século XX.

No primeiro capítulo, cuidamos de apresentar um panorama dos principais eventos que antecederam e impactaram o nascimento propriamente dito do movimento pentecostal no Brasil, através dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren que vinham dos Estados Unidos, portadores de uma considerável bagagem de experiências carismáticas. Cuidavam de comparar o movimento religioso que participavam com o evento descrito nas páginas do Novo Testamento bíblico, conhecido como o dia de

¹ O censo de 2010, aponta que um total de 12.314.410 de pessoas se identificam como fiéis da Assembleia de Deus. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>. Acessado em 09 abr 2023.

pentecostes, trazendo consigo um conjunto de crenças. Tivemos o cuidado de elencar como tais eventos contribuíram para a construção de mais um movimento religioso no cristianismo brasileiro.

Essa interpretação de mundo é a tônica da espiritualidade pentecostal. Ela não é importante apenas para a fundamentação religiosa, mas uma maneira de se apresentar a sociedade. O pentecostalismo, enquanto expressão da religião cristã, parece ser a combinação de uma presença pública com algum tipo de esperança no transcendente e, assim, arriscam manter os pés no chão, mas com um destaque para a fé que se apoia na contínua operação do Espírito Santo. Seja na dinâmica da própria igreja ou nas relações com o que se processa fora da igreja.

No capítulo seguinte, discorreremos como o pentecostalismo, depois de estabelecido, se desenvolveu em solo brasileiro, tendo por objetivo ampliar a sua influência sobre temas presentes na sociedade. Assim, versamos sobre os principais assuntos e resoluções doutrinárias e teológicas, a partir do modelo pentecostal da Assembleia de Deus, e como esses assuntos foram inseridos no debate público e em determinadas ocasiões ganhou relevância, seja pelo interesse dos próprios líderes religiosos, ou pelo interesse de representantes da sociedade brasileira.

Por fim, dedicamos ao terceiro e último capítulo, uma abordagem específica do principal meio de comunicação pelo qual a Assembleia de Deus divulgou os avanços, a mensagem e a teologia do pensamento pentecostal no Brasil, o periódico *Mensageiro da Paz*. Desde seu nascedouro, o jornal pentecostal apresenta em suas páginas o processo de expansão da própria denominação, e como a Assembleia de Deus contribuiu ativamente para a implantação do pentecostalismo em um país predominante católico, e também como um folhetim religioso acaba alçado a circulação nacional, servindo como vitrine para expor principais aspectos da teologia e doutrina pentecostal.

Então, junto do levantamento bibliográfico, e a análise das edições do *Mensageiro da Paz*, enquanto fontes, cumprem o objetivo de demarcar as posições tomadas do pentecostalismo brasileiro acerca das questões políticas e sociais, e evidenciando desta forma a construção ideológica resultado de suas posturas na construção do pensamento e práticas de políticos, militares e pentecostais.

Sendo assim, lançamos mão de conceitos usados por autores como Marco Morel, Tânia Regina de Luca, Héctor Borrat, Renée Zicman e Oscar Lustosa, por exemplo.

Das periferias das grandes cidades às classes mais abastadas, o pentecostalismo espalhou-se superando a imagem tradicional do fiel como sendo um indivíduo exclusivamente inserido nas camadas sociais mais baixas, com pouca instrução e que vivia sob um rígido esquema disciplinar.

Desde então, o fiel pentecostal não pode mais ser identificado com facilidade a partir de determinados estereótipos pré-concebidos. Atualmente, restam poucos elementos que apontem para o pentecostalismo do início do século XX, pois podemos observar neste trabalho que as mudanças e avanços que ocorreram durante o século passado transformaram a sociedade, e como consequência transformaram o próprio movimento pentecostal.

Assim, é possível entender que as transformações e as aparentes novas concepções sobre determinados assuntos, são resultados de um processo gradual ocorrido nas últimas décadas e influenciadas por múltiplos agentes políticos e religiosos envolvidos com determinados programas e interesses das partes envolvidas.

Capítulo I - Breves considerações sobre o Pentecostalismo.

Uma das principais pretensões do pentecostalismo, enquanto movimento religioso, é a declaração de que usam apenas a Bíblia como regra de fé e conduta. A partir de tal prerrogativa, multiplicam-se diversos movimentos religiosos, que buscaram reproduzir os eventos do Novo Testamento bíblico a partir da memorialização do dia do Pentecostes. Apesar disso, o fervor religioso de sua origem foi arrefecendo diante de novas demandas e interesses, que modificaram ainda mais suas práticas em solo brasileiro.

Por este motivo, este primeiro capítulo discorre inicialmente sobre a evolução desse movimento religioso, e sua posterior expansão que desenvolveu organização peculiar e hierarquia eclesiástica, junto da oferta de novas experiências místico-religiosas.

Independente da área de estudo, é possível notar como o pentecostalismo é um fenômeno que surge no século XX, com crescimento quantitativo e desdobramentos que se estabelecem no tecido social², e causa impacto também nas Igrejas protestantes históricas.³

Das periferias às classes mais abastadas, o pentecostalismo espalhou-se, superando a imagem tradicional do fiel como sendo um indivíduo exclusivamente inserido nas camadas sociais mais baixas, com pouca instrução, que vivia sob um rígido esquema de disciplina e esforço diário para se afastar do “mundo”⁴. O pentecostalismo com o passar do tempo revela o perfil de um indivíduo que deseja integrar-se à sociedade, influenciar a esfera pública e que se preocupa com o bem-estar no cotidiano⁵.

² LOPES, Rodrigo Barbosa. *A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. p.20.

³ ANDREY, Marlon. A teologia da confissão positiva e o American way of life no Brasil. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v.12, n.2, pp.273, 2020.

⁴ No campo da teologia pentecostal é o sistema que se opõe de forma persistente e sistemática aquilo que os pentecostais consideram ser o Reino de Deus. Nesse aspecto, os fiéis são instados a não se apegarem a esse sistema entendido como o mundo. No pentecostalismo da Assembleia de Deus, conformar-se a este mundo significa perder toda a identidade espiritual. ANDRADE, Claudionor Côrrea de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p.218.

⁵ FONSECA, André Doney. História e Pentecostalismo. In: REIS, Tiago Siqueira (Org.) *Coleção História do Tempo Presente: Volume 1*. Boa vista: Editora da UFRR, 2019. p.27.

Sendo assim, o fiel pentecostal não pode mais ser identificado com facilidade a partir de determinados estereótipos que já foram definidores dessa comunidade de fé por muito tempo⁶.

Então, o termo pentecostalismo serve para abarcar uma grande variedade de igrejas em diversos lugares do mundo que guardam alguma familiaridade, mas que necessariamente não tem algo em comum, a não ser, a ênfase na ação do Espírito Santo⁷. Por causa disso, o Pentecostalismo é caracterizado em linhas gerais por crenças como a cura divina, revelações sobrenaturais. Como dizem reproduzir a mesma base de fé, teologia e prática do cristianismo primitivo, seus fiéis acreditam em milagres, expulsão de demônios e no diálogo com Cristo⁸.

Atualmente, não resta praticamente nada que lembre o pentecostalismo do início do século XX, pois as mudanças e avanços alcançados no século passado transformaram a sociedade e como consequência o próprio movimento pentecostal. Em certa medida é aceitável que, dentro dessas igrejas, os fiéis já estejam secularizados, e até que em alguns casos não seja possível encontrar resquícios do pentecostalismo moderno⁹.

1.1 Origens da doutrina e do pensamento pentecostal.

A doutrina do batismo com o Espírito Santo é uma das pedras basilares da doutrina pentecostal. Tal doutrina teria sido prenunciada pelos profetas do Antigo Testamento, bem inserta na escatologia judaica. Ela trata da interpretação pentecostal da profusão do Espírito Santo sobre a terra¹⁰, como descrito no texto bíblico, e que o crente pentecostal faz questão de citar de memória¹¹:

Depois disto, derramarei meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens,

⁶ FONSECA, *Coleção História do Tempo Presente...* p.27.

⁷ ANDERSON, Allan. Varieties, taxonomies, and definitions. In: ANDERSON, Allan (et al.) *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2010. p.15.

⁸ MACIEL, Moisés Brasil. *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. p.42.

⁹ VALÉRIO, Samuel Pereira. Pós-pentecostalismo - Apontamentos teológicos e sociológicos. *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião*, Juiz de Fora, v.11, n.1, pp.111-123, jan/jun.2014. p.114.

¹⁰ OLIVEIRA, Raimundo F. *A doutrina pentecostal hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p.22.

¹¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é Pentecostalismo?* São Paulo: Brasiliense, 1987. p.13.

visões. Mesmo sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito (Joel 3,1-2).¹²

O termo pentecostal vem de Pentecostes, celebração do calendário religioso judaico, comemorada cinquenta dias depois da Páscoa. Na narrativa do livro bíblico de Atos, os discípulos receberam a efusão do Espírito Santo, na mesma ocasião em que se completaram cinquenta dias da ascensão de Cristo¹³, quando se encontravam unidos na cidade de Jerusalém:

Quando chegou o dia de Pentecostes, eles se achavam reunidos todos juntos. De repente, veio do céu um ruído como de violento vendaval que encheu toda a casa onde eles estavam; então lhes apareceu algo como línguas de fogo, que se repartiam, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e se puseram a falar outras línguas conforme o Espírito lhes concedia exprimirem-se (Atos dos Apóstolos 2,1-4).¹⁴

Apesar de parecer simples, na associação entre o termo Pentecostes e a explicação para a origem do movimento pentecostal, existe uma complexidade e um esforço para tentar explicar a origem do grupo que se empenha para ter origem bíblica ou histórica¹⁵ ao associar-se com o texto bíblico.

Em linhas gerais, os adeptos do pentecostalismo, diferentemente dos demais protestantes, acreditam que Deus realiza milagres, por intermédio do Espírito Santo, em nome de Cristo. E continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder¹⁶.

¹² A BÍBLIA. Tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.646.

¹³ FERNANDES, Rubem César. *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p.51.

¹⁴ A BÍBLIA. Tradução ecumênica... p.1341.

¹⁵ CASSIN, Max David Rangel. *"House of Cunha": Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2020. p.8

¹⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2012.

E assim creem também que o movimento pentecostal triunfará, pois só através dele é que o avivamento¹⁷ desejado, buscado e esperado tem encontrado livre curso no mundo hoje.¹⁸

Por isso, o centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença considerada significativa do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir línguas estranhas.¹⁹ Para isso, os fiéis pentecostais se referem ao seguinte texto bíblico:

Eu vos batizo na água, em vista da conversão; mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu: eu não sou digno de tirar-lhe as sandálias; ele vos batizará no Espírito e no fogo (Evangelho segundo Mateus 3.11).²⁰

O movimento pentecostal retoma o desafio posto pela Reforma Protestante, sobrevalorizando o Pentecostes, como evento fundante da Igreja Cristã. E partir da própria Reforma, o movimento prossegue com o princípio do sacerdócio universal dos crentes, abrindo a experiência restrita aos discípulos do episódio bíblico para todo o conjunto dos fiéis²¹. O catolicismo interpretou a sucessão apostólica em um sentido sacerdotal, atribuindo à função do Bispo o poder místico de constituir e cuidar da Igreja ao longo do tempo, até o fim dos tempos. Recusando a tradição católica, a Reforma Protestante optou por conclamar a uma volta aos textos sagrados e às experiências fundadoras dos relatos bíblicos²².

Então, como religião cristã, o movimento pentecostal possui alguns pontos comuns com o catolicismo, dentre eles a crença Trinitária, Deus Pai, Jesus Cristo, Espírito Santo. Mas não possui missa, nem sacramentos. No templo, não há um altar com imagens de santos. Com as demais igrejas protestantes, é comum a ênfase na Bíblia como fundamento das crenças.²³

¹⁷ No ambiente pentecostal, o termo avivamento está ligado a crença em uma ação sobrenatural do Espírito Santo, como uma solução divina para neutralizar, deter e restringir os males que podem atingir os crentes dos dias atuais. Além disso, o avivamento é acompanhado da crença no batismo com o Espírito Santo e a manifestação das línguas estranhas e dos demais dons carismáticos. GILBERTO, Antônio (org.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. pp.209,210.

¹⁸ OLIVEIRA, *A doutrina pentecostal hoje...* p.20.

¹⁹ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?...* p.7.

²⁰ A BÍBLIA. Tradução ecumênica... p.1195.

²¹ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política....* p.51.

²² FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política....* p.51.

²³ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?...* p.8.

Dentre os diversos tipos de protestantismo, acaba sendo importante destacar a diferença entre o pentecostalismo e os demais dentro do campo evangélico. É necessário esclarecer que, tratando de pentecostalismo, estamos analisando enquanto movimento religioso com raízes no Metodismo Wesleyano e posteriormente no Movimento de Santidade, que surge e se desenvolve nos Estados Unidos²⁴. O Metodismo Wesleyano²⁵ e o Movimento de Santidade²⁶ se baseiam numa interpretação fundamentalista da Bíblia, na crença da próxima vinda de Cristo e na importância dada a efusão ao batismo do Espírito Santo²⁷.

O pentecostalismo, enquanto movimento avivalista²⁸ como conhecemos hoje, surgiu na Inglaterra durante a Revolução Industrial, com origem nas doutrinas ensinadas por John Wesley²⁹, considerado o criador do movimento pentecostal³⁰, que propunha um “reavivamento evangélico”, através das reuniões organizadas pelo Clube Santo³¹, que incentivava a prática de orações e até um certo nível de ascetismo³². Não parecia intenção de Wesley fundar um novo movimento religioso, mas trazer uma nova perspectiva para a Igreja Anglicana, da qual ele fazia parte, que estava cada vez mais distante, formal e racionalista.³³

²⁴ GOUVÊA NETO, Ana Luisa. O uso político da religião e o uso religioso da política: como a defesa de pautas morais indica uma compreensão de gênero. *Interações*, Belo Horizonte, n.22, p.325, 2017.

²⁵ Metodismo é um movimento evangélico fundado por John Wesley em 1729 na Inglaterra. A principal característica da doutrina metodista é a conversão instantânea. ANDRADE, *Dicionário Teológico...* pp.213-214.

²⁶ Também conhecido como Holiness. É um movimento que busca preservar a tradição de John Wesley. Originou-se nos Estados Unidos em meados do século XIX. O termo também se refere a movimentos dentro do cristianismo que enfatizam fortemente a santificação total e uma vida de separação e piedade. ERICKSON, Millard J. (org.). *Dicionário Popular de Teologia*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011. p.93

²⁷ MACIEL, *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico...* p.42.

²⁸ Movimentos de natureza religiosa de tendências ocorridas em vários momentos da história que envolveram o ressurgimento ou a renovação do interesse espiritual. ERICKSON, *Dicionário Popular de Teologia...* p.131.

²⁹ MAIA, Eduardo Lopes Cabral. *Religião e Política: o fenômeno evangélico*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. p.18.

³⁰ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?...* p.20.

³¹ O Clube Santo foi um grupo de cristãos anglicanos da Universidade de Oxford, que regularmente organizavam cultos, participavam da Eucaristia, estudavam textos bíblicos com regularidade e visitavam os encarcerados. Dentre esses, estavam John Wesley e George Whitefield, personagens conhecidos do metodismo inglês. Também são chamados de Traças da Bíblia. BUYERS, Paul Eugene. *História do Metodismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1945. p.44.

³² MACIEL, *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico...* p.42.

³³ cf. OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida Acadêmica, 1999. p.506; MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.18.

As práticas religiosas iniciadas por John Wesley, passaram a ser conhecidas como Metodismo.³⁴

Wesley era filho de pais anglicanos com muitos filhos, e quase não escapou ao incêndio de sua casa em 1709. A partir dessa experiência, passou a ser conhecido como um “tição tirado do fogo”. Em 1720, Wesley ganhou uma bolsa de estudos para a Universidade de Oxford. De 1726 a 1751, atuou como professor do Lincoln College e, em 1728, foi ordenado ao ministério anglicano. Depois de ajudar por dois anos seu pai numa pequena paróquia perto de Epworth, Wesley voltou às suas tarefas de professor. Tornou-se, então, o líder do “Clube Santo”. Os membros desse grupo foram apelidados de “metodistas” pelos estudantes, por causa do seu estudo bíblico metódico, seus hábitos de oração e suas iniciativas de ação social nas prisões e entre os pobres.³⁵

Podemos dizer que o movimento metodista no começo do século XVIII triunfa com John Wesley, sendo um movimento embrionário dentro de acontecimentos históricos, inseridos no contexto religioso da Inglaterra, como a Reforma Anglicana e posteriormente o Puritanismo Inglês.³⁶

O reavivamento metodista pode ser considerado o terceiro despertar religioso da Inglaterra, depois da Reforma do século XVI e do Puritanismo do século XVII. O movimento ligado a John Wesley e um grupo restrito de pessoas dominou o cenário religioso do século XVIII. O Metodismo foi para o Anglicanismo o que o Pietismo foi para a Reforma Luterana.³⁷ No entanto, o Metodismo teve oposição do clero Anglicano, ficando os pregadores metodistas proibidos de pregar em territórios pertencentes as paróquias da Igreja Anglicana.³⁸

John Wesley tinha a convicção de que a verdadeira fé em Cristo resulta inevitavelmente em boas obras. Para ele, portanto, a chave de uma reforma social era a conversão dos indivíduos. Um indivíduo considerado pecador, tendo achado paz com Deus, viverá, em consequência, em paz com seu próximo; amando a Deus, o pecador redimido amará e servirá a seu mundo.³⁹

³⁴ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.18.

³⁵ CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.329.

³⁶ cf. REILY, Duncan A. *A Influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil, 1953. p.2; BARBIERI, Sante Uberto. *Estranha estirpe de audazes*. São Bernando do Campo: Imprensa Metodista, 1958. pp.4-5.

³⁷ CAIRNS, *O Cristianismo através dos séculos...* p.328.

³⁸ BUYERS, *História do Metodismo...* p.160.

³⁹ REILY, *A Influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra no Século XVIII...* p.2.

Durante viagem missionária às colônias estabelecidas no continente americano, Wesley teve seus primeiros contatos com os Morávios.⁴⁰ Com práticas ainda mais disciplinadas que as praticadas pelo Clube Santo, estes cristãos levantavam-se às quatro da manhã para orações, meditações e exercícios espirituais até as dez da noite quando se recolhiam para dormir.⁴¹

Determinada noite, em meio a um temporal que se abatia sobre o navio durante a viagem de ida para o Novo Continente, justamente no momento em que os morávios começavam o seu culto religioso na madrugada, Wesley percebeu que enquanto os ingleses gritavam de medo, os morávios permaneciam cantando calmamente.⁴²

Wesley, quando dessa experiência marcante, não conseguiu entender imediatamente o segredo desse estranho desprezo pela morte. Reconheceu por muitos dias que tinha então o pecado do temor, do medo da morte. E como a religião anglicana praticada por ele, e nem o Metodismo nos seus primeiros passos, podiam livrá-lo do temor da morte, ele julgou que ainda não tinha o completo livramento do pecado.⁴³

Ao retornar a Inglaterra, Wesley retomou o contato com um grupo de morávios, onde chegou a convencer-se de que Cristo o salvara pessoalmente e era sua única justificação, santificação e redenção. Alguns autores acreditam que, até aqui, Wesley ainda não tinha experimentado algum tipo de conversão.⁴⁴

Tal experiência aconteceu em 24 de maio de 1738, em uma capela da Rua Aldersgate, em Londres. O próprio Wesley narra que, na noite dessa data, enquanto meditava no prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, lia as palavras que indicam a mudança que Deus efetua no coração através da fé em Cristo, sentiu um calor estranho em seu coração e confiou unicamente em Cristo a sua salvação. E ainda acrescenta, que

⁴⁰ A igreja Morávia foi fundada por Nikolaus Von Zinzendorf. Teólogo alemão de origem nobre, foi educado na fé luterana, sob influência do movimento pietista. Tornou-se anfitrião de uma comunidade de exilados da Boêmia, membros da Unidade dos Irmãos, cujas raízes remontavam ao reformador pré-protestante Jon Hus, e da qual chegou a ser líder. Em meados do século XVIII, esta comunidade foi conhecida como Igreja Morávia. Em 1732, Zinzendorf foi ordenado ministro luterano, e dois anos depois consagrado bispo dos morávios. Sua insatisfação com os vários sistemas de teologia o levou a desenvolver ideias próprias sobre a Bíblia e sobre práticas eclesiais e a vida cristã, evitando tanto o racionalismo empírico como o dogmatismo da ortodoxia luterana. Sua ênfase foi dada na “religião do coração”. GONZÁLEZ, Justo L. *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*. Santo André: Editora Academia Cristã, 2005. pp.678-679

⁴¹ FITCHETT, William Henry. *Wesley e seu século*. Rio de Janeiro: Igreja Metodista de Vila Isabel, 1916. p.47.

⁴² FITCHETT, *Wesley e seu século*... p.47.

⁴³ FITCHETT, *Wesley e seu século*... p.47.

⁴⁴ GONZÁLEZ, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*... p.664.

lhe foi dada segurança de que Cristo havia apagado todos os seus pecados e que estava salvo da lei, do pecado e da morte.⁴⁵ Passados dois séculos, estudiosos ligados ao Metodismo, ainda discutem se essa experiência representou uma genuína conversão de Wesley ao cristianismo ou se foi um evento especial de crença na Santificação.⁴⁶

Desta forma, o fundador do Metodismo acreditava ser dever do homem após a Justificação, dedicar-se à Santificação⁴⁷. O Metodismo tem grande ênfase na ideia de Santificação, mas para que seus adeptos conseguissem tal feito, era necessária muita oração, algo como um “dom dado por Deus”, mas que só era obtido com a prática diária⁴⁸, que proporcionava um crescimento, uma Santificação gradual, como um avanço diário no conhecimento e no amor de Deus.⁴⁹

O cristianismo evangélico, que surge após a Reforma Protestante, é um tipo de cultura multifacetada notoriamente difícil de ser definida com precisão, mas podemos ver no Metodismo um comprometimento com a ortodoxia cristã, aliado a crença em uma experiência transformadora que fosse suficientemente impactante para tornar um indivíduo genuinamente cristão.⁵⁰

Progressivamente, a ideia de santificação pelo Espírito foi, sem dúvida, tomando corpo no protestantismo, em especial, no contexto pentecostal. Chegou-se mesmo a distinguir dois tipos de batismo: o realizado com água, ritual que requer a presença de um ministro, e o batismo no Espírito Santo, que não tem ritual e é considerado como sendo o Espírito Santo se apossando do fiel, manifestando a sua presença através de sinais⁵¹, sendo um deles falar em línguas estranhas⁵². De acordo com os fiéis pentecostais, como havia

⁴⁵ GONZÁLEZ, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé...* p.664.

⁴⁶ OLSON, *História da Teologia Cristã...* p.523.

⁴⁷ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.18.

⁴⁸ CAMPOS JR. Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995. p.20.

⁴⁹ BURTNER, Robert, CHILES, Robert. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. Rio de Janeiro: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1960. p.174.

⁵⁰ OLSON, *História da Teologia Cristã...* p.529.

⁵¹ OLIVEIRA, *A doutrina pentecostal hoje...* pp.18-19.

⁵² Para o teólogo pentecostal Myer Pearlman, o impacto do Espírito Santo sobre a alma humana é tão direto, que a pessoa fica extasiada, falando de modo sobrenatural. Isto pelo fato de a mente ficar totalmente controlada pelo Espírito. Quando a pessoa fala uma língua que nunca aprendeu, pode ter a certeza de que algum poder sobrenatural assumiu o controle sobre ela. A Enciclopédia Britânica declara que a glossolalia (o falar em línguas) teria ocorrido em reavivamentos cristãos durante todas as eras; por exemplo, entre os convertidos de Wesley. Podemos multiplicar as referências, demonstrando que o falar em línguas, por meios sobrenaturais, tem ocorrido em toda a história da Igreja. O falar em línguas nem sempre é em língua conhecida. Para os que creem, tem havido casos recentes de pessoas falarem, por meio de um poder sobrenatural, línguas que nunca aprenderam e de haver na congregação quem as entendesse. PEARLMAN, Myer. *Atos - E a igreja se fez missões*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. pp.21-22.

sido no dia de Pentecostes e no decorrer do cristianismo primitivo⁵³, a experiência do batismo com o Espírito Santo, como o da salvação, é uma experiência definida na vida do crente. E o falar em outras línguas no ato do batismo com o Espírito Santo, não só o define como um fato marcante, mas também transforma-o num capítulo a mais na vida do cristão.⁵⁴

Basicamente, o Pentecostalismo, enquanto movimento cristão, se distinguiu do protestantismo histórico em suas práticas, ao pregar com base no episódio de Pentecostes, onde o Espírito Santo teria se manifestado aos apóstolos através das línguas estranhas. Tais manifestações, juntamente com a crença na cura divina, são os carismas que mais se sobressaem no meio pentecostal.⁵⁵

1.2 A experiência pentecostal se espalha pelos Estados Unidos.

A influência de John Wesley atravessa o Atlântico, e chega aos Estados Unidos, dando origem a diversas manifestações religiosas, dentre elas destacamos o Movimento de Santidade⁵⁶, o Grande Avivamento, o Segundo Avivamento, que culminaram por exemplo, no avivamento da Rua Azuza⁵⁷.

Nos Estados Unidos, os fiéis do metodismo encontraram uma situação particular que permitiram sua expansão. Fora da Inglaterra, os metodistas utilizavam-se de pregadores leigos para espalhar sua mensagem e há relatos que, em suas reuniões, ocorriam manifestações extáticas motivadas pelos cânticos e orações característicos dessas reuniões⁵⁸.

Assim, o metodismo foi introduzido nas treze colônias a partir de 1760, e em 1784, foi formalmente organizado e teve ordenado seu primeiro bispo. Depois da Revolução Americana, a separação entre Igreja e Estado levou as igrejas dos Estados Unidos a

⁵³ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.20.

⁵⁴ OLIVEIRA, *A doutrina pentecostal hoje*... p.45.

⁵⁵ GOUVÊA NETO, *Interações*... p.325.

⁵⁶ O Movimento de Santidade alegava que Deus levantara o Metodismo de John Wesley para a difusão da “santidade escriturística”. Ensinava que Deus extirpa pela raiz todo pecado do coração do crente, de tal forma que o coração se torna, de maneira motivacional, totalmente amor. “Perfeição Cristã”, “Amor Perfeito”, “Santificação Total”, e, no século XIX, “Segunda Bênção” ou simplesmente “Santidade” foram os diversos nomes dados ao movimento. FERGUSON, Sinclair B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 705.

⁵⁷ MACIEL, *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico*... p.42.

⁵⁸ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico*... p.18.

dependerem do sustento voluntário para suas realizações, e do proselitismo para trazer os não-crentes a comunidade de fé.⁵⁹

Os metodistas, seguindo o exemplo do país, que criou um governo nacional em 1789, elaboraram constituição e criaram uma organização nacional. Liderados por Thomas Coke e Francis Asbury, fundaram uma igreja nacional conhecida como Igreja Episcopal Metodista.⁶⁰

Dos movimentos que surgiram e se desenvolveram em solo estadunidense, enquanto disseminação religiosa dos grupos protestantes⁶¹, neste caso, foi o metodismo que deu origem ao movimento da Rua Azuza, e fez com que o Pentecostalismo alcançasse fronteiras além dos Estados Unidos, e chegasse ao Brasil⁶².

Os reavivamentos periódicos são uma característica do cristianismo norte-americano. A necessidade de alcançar os não crentes parece ter motivado estes avivamentos espirituais. Há narrativas de sua ocorrência em várias épocas, geralmente, em tempos de crise. A partir do século XVIII até o início do século XX, o constante movimento populacional, a sucessão de guerras brutais, e a tendência de separar Igreja e Estado parecem motivar o surgimento de tais movimentos.⁶³

O “despertar religioso” promovido pelos metodistas coincide com momentos de crise, pois eram inicialmente apolíticos, fortemente conservadores, e se afastavam do maléfico mundo exterior em busca da salvação pessoal. Suas energias “políticas”, em geral, eram dirigidas para as campanhas morais e religiosas.⁶⁴

O movimento Pentecostal no início do século XX, expandiu-se a partir de Los Angeles, na Rua Azuza, onde descendentes de negros escravizados e imigrantes reuniam-se para buscar o “batismo no Espírito Santo”⁶⁵.

Em verdade, muitos fiéis pentecostais acreditam que a Rua Azuza transformou-se em poderosa fogueira divina, onde centenas e milhares, de todos os pontos da América, atraídos pelos acontecimentos, iam ver o que se passava, eram batizados com o Espírito Santo, e levavam para suas cidades essa chama viva, o batismo com o Espírito Santo.

⁵⁹ CAIRNS, *O Cristianismo através dos séculos...* p.315.

⁶⁰ CAIRNS, *O Cristianismo através dos séculos...* p.319.

⁶¹ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.18.

⁶² MACIEL, *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico...* p.42.

⁶³ CAIRNS, *O Cristianismo através dos séculos...* p.316.

⁶⁴ HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.249

⁶⁵ VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião...* p.113.

Quem levou a mensagem pentecostal a Los Angeles foi uma senhora metodista, que, por sua vez, a recebeu na cidade de Houston, quando ali fora visitar seus parentes⁶⁶.

Esse ponto de partida do pentecostalismo, que atualmente alcança vários continentes, foi em 1906, no velho templo de uma Igreja Metodista, que já havia servido de armazém de cereais⁶⁷. Templo que se tornou local onde as orações se prolongavam noite adentro, lugar os fiéis buscavam a santificação pelo Espírito Santo⁶⁸.

No movimento que se desenvolvia na Rua Azuza, quem primeiro falou em línguas desconhecidas foi um negro. Nessas reuniões, era comum a presença de protestantes de cor branca e negra no mesmo ambiente, algo incomum na época marcada por segregação racial legal. E o fato de um homem negro haver falado em línguas estranhas, em um culto marcado com cânticos e orações em altas vozes, alvoroçou a imprensa norte-americana que entendia o evento como uma invasão da cultura africana na civilização ianque. No aspecto religioso, o fato era interpretado como uma reunião das raças em um novo Pentecostes⁶⁹.

O líder do movimento da Rua Azuza é William Joseph Seymour⁷⁰, um homem negro, deficiente visual de um dos olhos e sem instrução escolar. Mesmo não sendo um grande pregador⁷¹, ele conquistou boa reputação e a confiança dos demais cristãos locais⁷² ao começar a reunir-se com vários outros cristãos em cultos de oração, para que recebessem o que chamavam até aquele momento de “segunda benção”. Tal benção também era chamada de “santificação plena”, fazendo-se uso de termos usados pelos Metodistas⁷³.

Anteriormente, Seymour tinha tido contato com o movimento *Holiness* na cidade de Houston, e se submeteu às doutrinas mais rígidas que eram ensinadas por Lucy

⁶⁶ CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960. p.11.

⁶⁷ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.11.

⁶⁸ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?...* p.22.

⁶⁹ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?...* p.22.

⁷⁰ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.12.

⁷¹ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.12.

⁷² CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.19

⁷³ VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião...* p.113.

Farrow⁷⁴. O preceptor de Lucy Farrow⁷⁵, Charles Parham, também influenciou Seymour ao ensinar sobre o batismo no Espírito Santo⁷⁶, fazendo com que, desta forma, Seymour fosse ainda mais inserido nos ensinamentos pentecostais que já circulavam nas igrejas protestantes de diversas cidades dos Estados Unidos.

A influência de Parham sobre Seymour também é perceptível para além das questões teológicas e doutrinárias, alcançando pautas sociais e ligadas a outros temas do cotidiano. Parham considerava que os mais pobres deveriam abraçar a fé, mas reconhecia que seria mais fácil se fossem devidamente assistidas⁷⁷. Assim, juntamente com sua esposa, Sarah Parham, fundaram em Topeka, no Kansas, um lugar chamado “*Bethel Healing Home*”, um local para doentes que procuravam por cura divina, mas que também servia de estadia barata para aqueles que estavam de passagem pela cidade. Para os mais pobres, o local era gratuito.⁷⁸

Parham acreditava que os serviços sociais oferecidos aos mais necessitados ajudavam a espalhar a sua mensagem evangelística, sobretudo entre os trabalhadores e os cidadãos de pouco poder aquisitivo. Pelo fato de ter ganho a simpatia dos mais pobres, alguns desprezaram a influência de Parham, mas para este líder religioso, tal situação parecia um motivo de orgulho, pois fez com que as pessoas mais pobres e marginalizadas da sociedade de Topeka se sentissem valorizadas. Valorização essa que não se dava apenas pela acolhida nos programas sociais promovidos por Parham, mas pela crença que, no local, o fenômeno da fala em línguas era observado. Fenômeno, ainda de acordo com a fé, que indicaria que Deus estava entre eles.⁷⁹

⁷⁴ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.19

⁷⁵ Lucy Farrow, nasceu escrava na cidade de Norfolk, no estado da Virgínia. Sobrinha de abolicionista, foi uma pastora e missionária de destaque. Teve seu primeiro contato com o pentecostalismo através de Charles Parham, quando trabalhou como governanta em sua casa, e cooperou com o mesmo em uma igreja do movimento *Holiness* em Houston. BASTOS FILHO, Atanael Ferreira. *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. pp.9,10.

⁷⁶ cf. VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião*... p.113; CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.19.

⁷⁷ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.14.

⁷⁸ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.14.

⁷⁹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.15.

Quando Parham foi visitar Seymour e conhecer de perto o movimento da Rua Azuza, que começava a tomar vulto, este achou excessos nos cultos, pois considerava algumas manifestações não sendo espirituais, mas manipulações, como a prática de hipnose e outras técnicas que provocariam as manifestações⁸⁰.

Entre 1906 e 1909, Seymour editou um jornal, assim como Parham e outros líderes religiosos contemporâneos dele, para divulgar seus ensinamentos e doutrinas. Tinha o nome de *Fé Apostólica* e chegou a ter 50 mil exemplares em circulação no período citado⁸¹.

Nesse contexto, os eventos religiosos da Rua Azuza já tinham se tornado uma referência global do pentecostalismo, como um polo irradiador do movimento pentecostal para diversos países. ⁸²As celebrações agora eram superlotadas e recebiam pessoas de vários países para conhecerem a doutrina pentecostal, e assim levarem de volta para suas cidades e igrejas locais⁸³.

No entanto, a medida que o movimento da Rua Azuza ganhava contornos mais robustos com o passar dos anos, foi possível encontrar práticas sectárias, formalismos, liturgias e o desenvolvimento de uma aristocracia espiritual, que se distanciava das práticas e dos eventos iniciais sob a liderança de Seymour⁸⁴. Tudo isso levou ao afastamento de outras comunidades cristãs e o não reconhecimento da Rua Azuza como algo legítimo. Posteriormente, os fiéis e seguidores começaram a se desentender por questões culturais e raciais⁸⁵.

Mesmo assim, é oportuno salientar que o movimento liderado por Seymour se desenvolveu em contexto urbano, e durante algum tempo passou imune à segregação racial dos Estados Unidos, mesmo quando as instituições cristãs abraçavam tal prática. As reuniões eram um sincretismo da adoração cristã tradicional dos negros norte-americanos, com o movimento de santidade, que era considerado uma religião de brancos,

⁸⁰ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... pp.18-19.

⁸¹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... pp.20-21.

⁸² CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... p.11.

⁸³ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... pp.20-21.

⁸⁴ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... pp.20-21.

⁸⁵ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... pp.20-21.

mas que estavam sendo liderados por um negro. Esse espaço religioso conseguiu reunir pessoas de diferentes etnias e origens no mesmo espaço, sem compartimentos diferenciados para brancos e para negros. Para os seguidores de Seymour, tal fato era visto como uma confirmação da presença de Deus⁸⁶.

Fieis de várias igrejas, uns por curiosidade, outros por interesse na experiência pentecostal, iam até a Rua Azuza ver os acontecimentos. Alguns se transformaram em testemunhas e propagandistas do movimento pentecostal que estava em ação na cidade de Los Angeles⁸⁷.

Boa parte desses seguidores do movimento pentecostal da Rua Azuza eram trabalhadores que com o passar do tempo se tornavam líderes religiosos, diferente das demais igrejas que exigiam algum tipo de formação⁸⁸. Isso favoreceu para que o movimento encabeçado por Seymour desenvolvesse uma liderança multi-racial, com um grupo chamado de “12 anciãos”, onde pelo menos seis eram mulheres. Tornando, assim, a liderança de negros e de mulheres uma característica marcante nos primórdios do pentecostalismo.⁸⁹

Seymour também teve uma questão doutrinária com outra líder religiosa, a pastora Julia W. Hutchins. Seymour afirmava que “falar em línguas”, principal marca da experiência pentecostal, era uma condição primordial para que uma pessoa fosse considerada verdadeiramente batizada no Espírito Santo. Esse ensinamento não era aceito pela linha teológica do Movimento de Santidade, que ensinava que a santificação e o batismo com o Espírito Santo como estritamente correlatos, uma experiência na qual já haviam provado⁹⁰.

O movimento da Rua Azuza, e alguns outros que surgiram nos Estados Unidos, alimentavam uma expectativa, atizada pela virada do século, de que o iminente fim do mundo fosse precedido por movimentos de reavivamento espiritual⁹¹, como os

⁸⁶ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.21.

⁸⁷ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... p.12.

⁸⁸ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.22.

⁸⁹ ANTONIAZZI, Alberto (et al.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.74.

⁹⁰ cf. MILLER, Denzil R. *De Azuza para África para as nações*. Malawi: Assemblies of God World Missions, 2005. p.21; CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.20.

⁹¹ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*... p.74.

movimentos que marcaram a igreja primitiva com o fenômeno glossolálico, isto é, de busca de algum tipo de santificação, antes pela ação divina e sobrenatural do que pelo esforço humano de disciplina moral, e que rapidamente se difundiu nos meios protestantes norte-americanos⁹².

Enquanto o avivamento dos pentecostais conquistava terreno e se inseria na vida religiosa de cidades como Los Angeles, Chicago, dentro de pouco tempo as outras grandes cidades norte-americanas também foram alcançadas pelo movimento. Nesse momento o pentecostalismo já se destacava pelo espírito missionário e pelo interesse em outros povos. Cada um que se convertia, transformava-se imediatamente em missionário⁹³.

1.3 O Pentecostalismo chega ao Brasil.

O Pentecostalismo que se desenvolve no Brasil, no início do século XX, como uma forma do cristianismo⁹⁴, nasce como parte integrante no movimento religioso que já ocorria em diversas partes do mundo⁹⁵. Desde então, continua a crescer nos países em desenvolvimento⁹⁶, e no Brasil ocupa um lugar de destaque com cerca de quarenta e dois milhões de evangélicos⁹⁷.

O pentecostalismo brasileiro já nasce transnacional, pois a história das mais antigas, denominações pentecostais no Brasil está relacionada a personalidades vindas da Europa, que chegaram aqui passando primeiro pelas experiências religiosas dos Estados Unidos⁹⁸.

No Brasil, a expansão do movimento pentecostal não é recente, e ocorre de modo constante desde meados do século XX, o que torna o pentecostalismo o segundo maior grupo religioso do país, nos dias de hoje⁹⁹.

⁹² ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.22.

⁹³ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... p.13.

⁹⁴ CAIRNS, *O Cristianismo através dos séculos*... p.376.

⁹⁵ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política*... p.8.

⁹⁶ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.52, pp.121-138, 2004.

⁹⁷ Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>. Acesso em: 20 ago 2023.

⁹⁸ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política*... p.8.

⁹⁹ MARIANO, *Estudos Avançados*... p.121.

O pentecostalismo expandiu-se em três ondas no Brasil. A primeira delas ocorre a partir de da década de 1910, com a fundação da Congregação Cristã do Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). É conhecida como Pentecostalismo Clássico¹⁰⁰, onde a principal evidência é a crença da *glossolalia*¹⁰¹.

A segunda onda pentecostal se dá nos anos 1950-1960, tempo no qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e as denominações pentecostais se pulverizam. Esta onda é chamada de deuteropentecostalismo, e a sua ênfase é a cura divina e as primeiras inserções no Rádio e na Televisão.¹⁰²

E a última e terceira onda, que começa no final dos anos de 1970 e ganha força nos anos de 1980, é marcada por denominações que surgem nesse período, e trazem atualizações em novas possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas, como a Teologia da Prosperidade. Inovações que já encontram o movimento pentecostal bem inserido na sociedade.¹⁰³

Mesmo que, no início do século XX, alguns grupos protestantes tenham permanecido restritos aos territórios ocupados por imigrantes no Brasil, o proselitismo evangélico avançou no sentido de difundir suas ideias entre a população brasileira¹⁰⁴.

Então, a história do Protestantismo e do pentecostalismo acabam se amalgamando, pois as igrejas pentecostais foram fundadas em lugares onde outros grupos já haviam se estabelecido, como presbiterianos, batistas e crentes de outras igrejas. E esses grupos já possuíam práticas proselitistas. Isto quer dizer que já procuravam novos adeptos que deixaram a religião que tinham e acabaram por abraçar o protestantismo¹⁰⁵.

Proselitismo aqui não tem sentido pejorativo, depreciativo, mas aponta para um movimento de conquista, mediante o fato de que um indivíduo passa de uma religião para

¹⁰⁰ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.28.

¹⁰¹ Na fé pentecostal, é o dom sobrenatural concedido pelo Espírito Santo, que capacita o crente a falar em línguas estranhas. Alguns cristãos consideram, como os pentecostais, a consideram um dom a ser praticado ainda hoje. cf. ERICKSON, *Dicionário Popular de Teologia*... p.87; ANDRADE, *Dicionário Teológico*... p.167.

¹⁰² CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.29.

¹⁰³ cf. CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.29; VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião*... p.113.

¹⁰⁴ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico*... p.21.

¹⁰⁵ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.23.

abraçar o protestantismo, e por isso os pentecostais plantaram suas igrejas em áreas do protestantismo proselitista¹⁰⁶.

A expansão pentecostal, no Brasil, pode ser pensada em momentos distintos. Em um primeiro momento, pode ser compreendida as décadas entre 1910 e 1950, em uma época que 80% da população brasileira vivia em área rural. Nestes anos, a expansão se deu a partir das regiões Norte e Nordeste, e posteriormente, um período entre as décadas de 1950 e 1970, onde o pólo irradiador foi São Paulo e coincide fortemente com o processo de urbanização e a formação de uma sociedade de massas¹⁰⁷. Em alguns estados da região Norte, o protestantismo praticamente se reduz a presença do pentecostalismo representado pela Assembleia de Deus.¹⁰⁸

A crescente expansão pentecostal, muitas vezes superior à das demais denominações protestantes, colaborou para transformar o pensamento protestante brasileiro em uma religião popular, principalmente ao alcançar as massas migratórias recém-chegadas aos grandes centros urbanos¹⁰⁹. Esse grande número de pessoas econômica e culturalmente desprivilegiados, que desde início foram o público alvo do acima mencionado proselitismo religioso, é que serviram para apoiar as bases do pentecostalismo brasileiro¹¹⁰.

A atuação nesses setores menos favorecidos da sociedade é uma característica presente até os dias atuais nos grupos pentecostais no Brasil¹¹¹. Essas camadas pobres viam no Pentecostalismo um modo de inserção religiosa que lhes era restringida pelo Catolicismo e pelo Protestantismo tradicional¹¹².

Progressivamente, o pentecostalismo adotou uma evangelização voltada para o povo simples. Mas, neste processo de evangelização direta, é preciso observar que falar às camadas populares desprivilegiadas garantiu que, em um futuro próximo, o

¹⁰⁶ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.24.

¹⁰⁷ cf. VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião...* p.114; FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.8.

¹⁰⁸ VALÉRIO, *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião...* p.114.

¹⁰⁹ CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2002. p.193.

¹¹⁰ ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985. p.62.

¹¹¹ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.21.

¹¹² MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.23.

Pentecostalismo falaria através de agentes evangelizadores oriundos dessas camadas, e que serviam de sua própria cultura oral¹¹³.

Esses pregadores não letrados, que sabiam falar a “língua do povo”, não eram apenas permitidos, mas, estimulados¹¹⁴. Tais pregadores, personagens populares. Encontraram nas igrejas pentecostais um espaço de vivência religiosa, de manifestação da fé e de livre expressão de suas experiências, livres das limitações impostas pelos religiosos letrados¹¹⁵, e da marginalização imposta pela hierarquia social. Por isso, os primeiros missionários pentecostais que chegaram no Brasil, priorizaram a evangelização de pessoas mais simples.¹¹⁶

Para as elites nesse período, o pentecostalismo e suas práticas era a religião para uma multidão de crentes, pobres e ignorantes. Isso levou a busca de um clero nacional melhor qualificado e de uma classe média melhor educada, para que em busca de um “espírito nativista” as igrejas brasileiras pudessem ter autonomia e independência em relação às igrejas-mães de origem norte-americanas¹¹⁷.

O pentecostalismo no Brasil, ao canalizar a espontaneidade e emoção da alma religiosa das camadas populares, proporcionou condições para a emergência, no plano religioso, de um espaço público germinador de organizações típicas voltadas, não para a salvação a ser encontrada na sociedade civil, mas numa sociedade de salvação pelo poder do Espírito. Um espaço público de caráter religioso¹¹⁸, operado pelas igrejas pentecostais é de fundamental importância do desenvolvimento do pensamento e da prática pentecostal brasileira, e mais adiante será primordial para a atuação dentro do espaço político propriamente dito¹¹⁹.

A espiritualidade pentecostal, com ênfase nos sentimentos e emoções, plenos de arroubos estáticos, não abre mão de alguma racionalidade que possa dar ao crente instrumentos operativos para ordenar e manter sob controle sua relação cotidiana com o sagrado. As experiências místicas são vistas como um atestado de idoneidade religiosa

¹¹³ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.64.

¹¹⁴ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.24.

¹¹⁵ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.24.

¹¹⁶ BASTOS FILHO, *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos...* p.15.

¹¹⁷ CAVALCANTI, *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica...* p.193.

¹¹⁸ ROLIM, *O que é Pentecostalismo?*... p.66.

¹¹⁹ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.24.

que garante ao fiel o direito de esperar e receber no cotidiano as esperadas bênçãos de Deus¹²⁰.

A teologia pentecostal sempre foi dispensacionalista¹²¹, e assim continua sendo, mas com o passar dos anos se aproximou de outros ramos doutrinários distintos da primeira onda pentecostal. A doutrina que enfatizava a glossolalia e a crença no final dos tempos, já não são facilmente encontradas entre os seus pregadores. Atualmente tem se mesclado com o neopentecostalismo¹²² que enfatiza a confissão positiva.¹²³

Em linhas gerais, pode-se resumir o pentecostalismo na prática como a crença na cura divina, nas revelações sobrenaturais e pelo falar em línguas estranhas. Seus fieis acreditam poder acessar a mesma prática de vida do “cristianismo primitivo”, e por isso creem em milagres, exorcismos de demônios e no diálogo com Cristo.¹²⁴

Por este motivo, para que se possa entender o processo que levou ao estabelecimento e, posteriormente, ao grande crescimento pentecostal no Brasil, é necessário compreender o momento social, político e econômico em que se deu tal processo.¹²⁵

Até a chegada do Pentecostalismo no Brasil, a maior preocupação do protestantismo brasileiro de então era o cumprimento da lei que assegurava a liberdade de culto. Era uma luta pela sobrevivência, como um apelo às autoridades para que os fiéis protestantes fossem protegidos de possíveis perseguições movidas pelo clero católico romano que havia perdido os privilégios do Catolicismo enquanto religião oficial do Estado com o advento da República e do Estado Laico.¹²⁶ Soma-se a isso a preocupação

¹²⁰ ABUMANSUR, Edin Sued. “Os pentecostais e a modernidade” In: PASSOS, João Décio (Org.). *Movimentos do Espírito - Coleção Ecclesia 21*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.123.

¹²¹ A teologia dispensacionalista se baseia nas dispensações. Ensina que Deus se revela de modo distinto e particular ao ser humano em determinados períodos de tempo. Para o teólogo pentecostal Claudionor de Andrade, as diversas dispensações devem ser vistas como sucessivas dispersões da luz da graça que o Senhor vem derramando sobre a raça humana. ANDRADE, *Dicionário Teológico...* p.124.

¹²² No plano teológico, o neopentecostalismo caracteriza-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. MARIANO, *Estudos Avançados...* p.124.

¹²³ A teologia da confissão positiva elaborada por Kenneth Hagin é um tipo de teologia da prosperidade, existindo assim outras mensagens de prosperidade que possuem diferentes ênfases e entendimentos sobre “como alcançar a vida próspera”. ANDREY, *Temporalidades...* pp.272-298.

¹²⁴ MACIEL, *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico...* p.42.

¹²⁵ MAIA, *Religião e Política: o fenômeno evangélico...* p.21.

¹²⁶ CAVALCANTI, *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica...* p.193.

de se consolidar as denominações protestantes com uma identidade própria e o fortalecimento de uma liderança autóctone.

Sendo os protestantes, sobretudo os pentecostais, minoria nos primeiros anos do século XX, vemos que não era possível uma maior participação em uma República Oligárquica, que tinha como base os coronéis e no topo da política dos governadores, sem espaço para as massas ou para os setores médios¹²⁷, mas que por outro lado, aprendia a viver como um Estado Laico¹²⁸, sem que houvesse uma definição ou obrigatoriedade de uma religião oficial.

Enquanto movimento religioso, já nas primeiras décadas do século XXI, o Pentecostalismo avança na mídia, na política partidária, nos empreendimentos gráficos editoriais e nos produtos religiosos, conquistando crescente visibilidade, buscando legitimidade e reconhecimento social ao difundir-se, durante décadas, em diversos estratos e áreas da sociedade brasileira¹²⁹.

No caso do Brasil, há centenas de diferentes denominações pentecostais no país. Dada a diversidade institucional e a pluralidade interna desse movimento religioso, não é despropositado falar em pentecostalismos, no plural. Pois, além da presença do elevado número de igrejas existentes e concorrentes, há grande variação doutrinária, ritual, litúrgica, organizacional, comportamental e estética nesse meio religioso. Em suma, trata-se de um fenômeno religioso dinâmico e internamente diversificado, mas que neste trabalho, optamos por restringir a pesquisa a Assembleia de Deus.¹³⁰

1.4 A Assembleia de Deus, modelo do Pentecostalismo brasileiro

Antes dos missionários suecos chegarem ao Brasil trazendo dos Estados Unidos a experiência pentecostal, e assim fundarem a Assembleia de Deus, houve precursores nacionais de um protestantismo mais místico.¹³¹

José Manoel da Conceição, foi um ex-padre que se tornou pastor presbiteriano em 1865, mas acabou rompendo com os missionários porque sonhava com uma reforma do

¹²⁷ CAVALCANTI, *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica...* p.193.

¹²⁸ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.28.

¹²⁹ MARIANO, *Estudos Avançados...* p.121.

¹³⁰ MARIANO, *Estudos Avançados...* pp.68-95.

¹³¹ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.72.

catolicismo que desse origem a um tipo de “cristianismo brasileiro”, uma religião evangélica mais enraizada nas tradições e hábitos populares.¹³²

Além desse caso, havia na tradição religiosa brasileira os movimentos messiânicos, uma outra forma de protopentecostalismo pela sua natureza popular autônoma e, às vezes pela manifestação de carismas como a profecia e a glossolalia.¹³³

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu o início da implantação do movimento pentecostal no Brasil, de forma pacífica e aparentemente apolítica, e desarraigado das relações de dependência institucional que marcavam as missões históricas anteriores¹³⁴.

Já nos 1910, vemos surgir as duas mais antigas e importantes igrejas pentecostais em terras brasileiras: a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus. A primeira foi fundada em março de 1910, na capital paulista, no bairro do Brás, na época muito povoado por italianos. Seu fundador, Luigi Francescon, viveu algum tempo nos Estados Unidos e na Argentina, como imigrante, foi presbiteriano e depois abraçou o pentecostalismo. Em razão dessas antigas aderências, contou com a simpatia dos presbiterianos daquele bairro. Italiano, veio para o meio de seus compatriotas, chegando a São Paulo por volta de 1909.¹³⁵

A Congregação Cristã do Brasil era a maior denominação pentecostal em número de membros até a década de 1940, quando a Assembleia de Deus a ultrapassou, e desde então deixaram o topo da lista das denominações em número de membros. Segundo dados do IBGE em 2010, a Congregação Cristã soma 2.289.634 membros, enquanto a Assembleia de Deus, 12.314.410.¹³⁶

Paul Freston alerta que dentre as igrejas a serem pesquisadas para a compreensão do pentecostalismo no Brasil, a Congregação Cristã do Brasil é considerada de extrema dificuldade, pois não há quase nenhuma fonte escrita e extrema dificuldade para entrevistas.¹³⁷

¹³² ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.72.

¹³³ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.73.

¹³⁴ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* pp.73-75.

¹³⁵ ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa...* p.33.

¹³⁶ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.103 In: SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p.64.

¹³⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: Da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UNICAMP, Campinas, 1993. pp.68,69.

A segunda é marcada pela trajetória dos dois lendários pioneiros fundadores da Assembleia de Deus, chamados de pais do movimento Pentecostal no Brasil¹³⁸, Adolph Gunnar Vingren e Daniel Gustav Högberg. Suecos de nascimento, mas americanos pela nova religião que traziam ao Brasil.¹³⁹ Os dois se complementavam: Daniel Berg era um operário qualificado para trabalhar em fundição e Gunnar Vingren, um pastor intelectual da tradição judaico-puritana.¹⁴⁰

Gunnar Vingren, de pai jardineiro, ajudou-o nessa atividade até os 19 anos. Filho de pais batistas, Vingren foi criado dentro dos ensinamentos protestantes. Foi batizado nas águas aos 18 anos e ao ler sobre a escassez e a miséria em algumas tribos, ficou emocionado e, a partir desse dia, surgiu nele o desejo de ser um missionário cristão.¹⁴¹

Havendo migrado para os Estados Unidos, em 1909, Vingren assumiu o pastoreio da Primeira Igreja Batista de Michigan, e no mesmo ano, conheceu aquele que seria seu companheiro de missões no Brasil, Daniel Berg. No ano seguinte, Vingren conheceu a doutrina pentecostal e foi para uma igreja em Menominee. A nova doutrina causou divisão entre os membros da igreja e obrigaram o pastor a deixar sua liderança. Assim, foi enviado para a igreja de South Bend, Indiana, onde a doutrina pentecostal teve mais aceitação.¹⁴²

Durante a estada em South Bend, Vingren, em uma reunião de oração, teria experimentado uma experiência mística e recebeu de um homem chamado Adolfo Uldin, uma mensagem divina que dizia sobre seu envio missionário para um povo pobre de um lugar chamado Pará, para lhes ensinar os primeiros rudimentos da doutrina do Senhor¹⁴³.

Ao chegarem ao Brasil, na terceira classe do navio “Clement”, que saiu de Nova Iorque em 05 de novembro de 1910¹⁴⁴, Daniel Berg e Gunnar Vingren chegam em Belém do Pará, em 19 de novembro do mesmo ano¹⁴⁵, sem saberem falar a língua portuguesa e

¹³⁸ MILLER, *De Azuza para África para as nações...* p.34.

¹³⁹ ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa...* p.40.

¹⁴⁰ cf. BASTOS FILHO, *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos...* p.15; CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.15; ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.79.

¹⁴¹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)...* p.24.

¹⁴² CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)...* p.24.

¹⁴³ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)...* pp.24-28.

¹⁴⁴ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.16.

¹⁴⁵ SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.68.

sem conhecerem ninguém, mas desejosos de transmitirem a outros o que, segundo eles, era o conhecimento de um despertamento renovador.¹⁴⁶ Os relatos da época registram que foram ajudados por pessoas comuns até serem apresentados ao pastor metodista, de origem americana, Justus Nelson.¹⁴⁷

Nos Estados Unidos, tinham sido batistas antes de serem adeptos ao movimento pentecostal, razão pela qual receberam acolhimento fraterno dos Batistas de Belém, mesmo após afirmarem terem sido guiados por uma inspiração divina após uma noite de vigília de oração ainda em terras americanas.¹⁴⁸

Assim, Justus Nelson os levou até a Igreja Batista de Belém, e os apresentou ao pastor local, Jerônimo Teixeira de Souza, que lhes cedeu abrigo e apoio da igreja local.¹⁴⁹ Durante este período, Gunnar Vingren e Daniel Berg frequentavam a Igreja Batista de Belém do Pará. Vingren estudava a língua portuguesa e Berg trabalhou como fundidor e posteriormente como colportor.¹⁵⁰

No dia 08 de junho de 1911, Celina Albuquerque, da Igreja Batista, obteve a experiência de “falar em línguas”, através do batismo com o Espírito Santo, gerando um desentendimento doutrinário, fazendo com que no dia 13 de junho de 1911, treze membros¹⁵¹ da Igreja Batista fossem desligados por aderirem as práticas pentecostais.¹⁵²

Já no dia 18 de junho de 1911, na casa de Celina Albuquerque, os dissidentes da Igreja Batista, liderados pelos missionários suecos se reuniam com vistas a fundarem o que posteriormente se tornaria a maior denominação pentecostal do Brasil, inicialmente chamada de Missão da Fé Apostólica.¹⁵³

O nome Assembleia de Deus só veio a ser utilizado após alguns anos do movimento pentecostal iniciado por Berg e Vingren. Missão de Fé Apostólica teria sido

¹⁴⁶ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.9.

¹⁴⁷ cf. BASTOS FILHO, *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos...* p.14; CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.28.

¹⁴⁸ ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa...* p.40.

¹⁴⁹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.29.

¹⁵⁰ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.21.

¹⁵¹ Na obra de Emílio Conde, *História das Assembleias de Deus no Brasil*, é relatado um grupo de 17 pessoas fora os menores de idade que não são mencionados. CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* pp.25-26.

¹⁵² CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.29.

¹⁵³ cf. CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.26; ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.81.

o primeiro nome da denominação. O nome Missão da Fé Apostólica já era utilizado por igrejas pentecostais americanas que influenciaram Berg e Vingren.¹⁵⁴

É possível perceber, nas atitudes dos primeiros missionários, que eles estavam focados nas experiências místicas com o Espírito Santo, uma característica peculiar do pentecostalismo clássico. Sendo assim, as decisões tomadas por Berg e Vingren estavam, de acordo com sua crença já vivenciada no passado, associadas a uma ação sobrenatural da parte de Deus.

Com os primeiros passos da Igreja sob a liderança de Berg e Vingren, o movimento pentecostal se desenvolvia com múltiplas atividades evangelizantes, onde cada membro também era considerado um evangelista, que deveria pregar a parentes, amigos e vizinhos a nova experiência de fé. Gunnar Vingren era o pastor e Daniel Berg, no trabalho de colportagem, tinha a oportunidade de porta em porta de testemunhar a muitas pessoas.¹⁵⁵

A nova igreja tinha maior mobilidade para seu trabalho evangelizador; não estando limitada pelas restrições de um sistema denominacional que adota apenas algumas doutrinas. Enquanto isso, repercutiam, entre as várias denominações evangélicas, os acontecimentos que culminaram na fundação da Assembleia de Deus, principalmente a atividade e o zelo dos membros da igreja recém fundada.¹⁵⁶

Em 1912, Berg chegou a cidade de Bragança e Soure, no estado do Pará. Em 1913, chegou às margens do Rio Tajapuru, e isso levou ao ordenamento do primeiro pastor pentecostal no Brasil, Absalão Piano. No mesmo ano, chegaram na comunidade de Xarapucú e Cuatipuru, facilitados pela implantação da estrada de ferro Belém-Bragança.¹⁵⁷

Ainda em 1913, o missionário José Plácido da Costa e família embarcaram no navio Hildebrand, na cidade de Belém, com destino a Portugal. Tal viagem foi considerada a primeira demonstração do espírito missionário ao estrangeiro de uma igreja que contava apenas, com dois anos de organização.¹⁵⁸

¹⁵⁴ BASTOS FILHO, *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos...* pp.18-19.

¹⁵⁵ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.26.

¹⁵⁶ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.28.

¹⁵⁷ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.32.

¹⁵⁸ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.38.

Em 1914, chegaram os primeiros missionários para cooperar com o movimento que nascia no Brasil. Alguns vinculados com a colônia sueca dos Estados Unidos, ponto de partida de Berg e Vingren.¹⁵⁹ Mesmo com um início auspicioso, os missionários sofreram rejeição e certas adversidades por parte das igrejas históricas do protestantismo¹⁶⁰ e da Igreja Católica, mas isso não desanimou os suecos, pois em seu país de origem já haviam passado por situação semelhante, e no Brasil, eram favorecidos pela constituição que protegia a liberdade religiosa. Por esse motivo, há indícios de elogios por parte dos missionários ao governo.¹⁶¹

Assim, a evangelização promovida pelos pentecostais ia pontilhando a Região Norte, especialmente entre as camadas mais pobres da população. Tais faixas, com muito escassas possibilidades de melhoria de vida, encontraram nas celebrações pentecostais, momentos propiciadores da espontaneidade e liberdade religiosa.¹⁶²

Em 1916, o Continente europeu sentia os efeitos da guerra, que também chegavam ao Brasil. No dia 18 de agosto desse ano, chegava a Belém, vindo da Suécia, mais um casal de missionários. Era Samuel Nystrom e sua esposa Lina Nystrom. No ano seguinte, Samuel Nystrom já estava em Manaus, como pioneiro no estado do Amazonas.¹⁶³

Em novembro de 1917, foi publicado o primeiro jornal Pentecostal do Brasil. Tratava-se do “Voz da Verdade”, inicialmente dirigido pelos pastores Almeida Sobrinho e João Trigueiro. O periódico publicava as notícias relativas aos avanços para o interior, os endereços das igrejas e os horários de culto.¹⁶⁴

Em janeiro de 1918, o Voz da Verdade não circulou mais. No entanto, os líderes eram unânimes em reconhecer a importância da existência de um jornal para divulgar as doutrinas pentecostais. Assim, em janeiro de 1919, fundaram o jornal Boa Semente, com os mesmos intuítos da publicação anterior.¹⁶⁵

¹⁵⁹ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.81.

¹⁶⁰ Essas igrejas históricas protestantes são as denominações que tem uma ligação histórica direta com a Reforma Religiosa de 1517 e que são adeptas a Teologia Reformada. Então, as denominações consideradas históricas são os: Luteranos, Presbiterianos, Anglicanos, Batistas, Congregacionais e Metodistas. BARROS, Angélica. Infográfico: a árvore evangélica. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 8, n.87, p.23, dez.2012.

¹⁶¹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.29.

¹⁶² ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa...* p.42.

¹⁶³ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.39.

¹⁶⁴ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.42.

¹⁶⁵ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.44.

O ano de 1921 é marcado pelo primeiro livro de hinos da denominação cujo título era: Cantor Pentecostal. O pequeno livro tinha 44 hinos e dez coros. Nos primeiros anos de atividade, a Assembleia de Deus usou livros com canções religiosas comuns a várias igrejas evangélicas, como o Salmos e Hinos. Porém, o movimento pentecostal quase exigia o uso de uma hinologia estritamente ligada à doutrina pentecostal. Progressivamente, os valores intelectuais foram surgindo e apresentando a expressão poética daqueles que tinha uma crença comum a Assembleia de Deus.¹⁶⁶ Assim, em 1922, na cidade de Recife, surgiu a primeira edição da Harpa Cristã, que passou a ser o hinário oficial da Assembleia de Deus. A primeira edição contava com 100 hinos selecionados.¹⁶⁷

A expansão inicial da Assembleia de Deus foi moderada, limitando-se praticamente às regiões Norte e Nordeste, até que pudesse ter alcance nacional. Ela não aconteceu só com a ação planejada dos líderes, mas também pela mão de leigos, e fomentada por eles, geralmente pessoas simples. Chegando a década de 1930, a expansão geográfica e a nacionalização da denominação é acompanhada pela mudança para a então capital federal, o Rio de Janeiro.¹⁶⁸

Em meados da década de 1920, o missionário Vingren e família deixaram a igreja em Belém para transferir-se para o Rio de Janeiro.¹⁶⁹ De acordo com os relatos de Gunnar Vingren, a Assembleia de Deus do Rio de Janeiro foi fundada, no bairro de São Cristóvão, em 22 de junho de 1924.¹⁷⁰

A Assembleia de Deus, no Rio de Janeiro, cresceu mais do que em qualquer outra cidade no Brasil no mesmo período. O progresso acentuado e a posição privilegiada de operar na então capital da República deram à igreja uma situação de destaque e importância que seria conservada por muitos anos. Em 1926, a igreja do Rio de Janeiro hospedou a primeira convenção internacional da Assembleia de Deus.¹⁷¹

Com o intuito de evangelização, Vingren e seus auxiliares no Rio de Janeiro resolveram fundar um jornal que aliasse a fé evangélica e conteúdo noticioso. O nome

¹⁶⁶ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.48.

¹⁶⁷ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.51.

¹⁶⁸ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* pp.82-83.

¹⁶⁹ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.54.

¹⁷⁰ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.224.

¹⁷¹ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.230.

escolhido foi “Som Alegre”. O primeiro número foi publicado em novembro de 1929, e seu diretor era Gunnar Vingren.¹⁷²

O Som Alegre circulou até ao mês de Outubro de 1930, dando lugar ao *Mensageiro da Paz* como resultado da fusão dos jornais Boa Semente e Som Alegre. Os primeiros diretores do jornal foram os pioneiros Gunnar Vingren e Samuel Nystrom. Tal decisão foi oficializada em dezembro de 1930, na convenção realizada na cidade de Natal, e oficializou o jornal como órgão oficial da Assembleia de Deus no Brasil.¹⁷³

Em 15 de Novembro de 1927, chegaram à cidade de São Paulo o missionário Daniel Berg e sua esposa, com o objetivo de se fixarem na capital paulista. Assim, em 1928, foi inaugurada a Assembleia de Deus no Brás, e em 1934, no bairro do Ipiranga e na cidade de Santo André. Em 1938, o templo da cidade de Santos foi inaugurado, e em 1939, ocorriam as primeiras atividades na cidade de Araraquara.¹⁷⁴

Esse processo de nacionalização da confissão religiosa ocorreu quando a igreja ainda era essencialmente um movimento das regiões Norte e Nordeste, o que contribuiu para sedimentar características que subsistem até hoje. Até certo momento, as lideranças eram suecas, posteriormente, vemos a chegada de líderes nordestinos à alta cúpula. A mentalidade da Assembleia de Deus carrega as marcas dessa origem, desde a chegada dos primeiros suecos e depois da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte e Nordeste brasileiro que se desenvolve entre as décadas de 1930 e 1960.¹⁷⁵

O avanço do trabalho missionário em solo brasileiro, empreendido sob a liderança de Berg e Vingren, em apenas duas décadas, impressiona pelos números, pois no período de pelo menos vinte anos, a igreja iniciante já possuía apenas na cidade de Belém, três templos construídos que somavam o total de mil membros.¹⁷⁶

Berg e Vingren recebiam ajudas financeiras da igreja de Estocolmo, e não estavam de acordo em receber os missionários norte-americanos, pois havia uma disputa entre os pentecostais da Suécia e os pentecostais dos Estados Unidos pela evangelização em território brasileiro. Consideravam que não havia o direito de implantarem igreja em solo

¹⁷² CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.231.

¹⁷³ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.232.

¹⁷⁴ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* pp.263-274.

¹⁷⁵ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.84.

¹⁷⁶ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.31.

brasileiro. Somente os suecos, pois eram os pioneiros do movimento pentecostal no Brasil.¹⁷⁷

Os anos 1930 são importantes por alguns motivos. Foi a época em que a expansão geográfica em solo brasileiro estava basicamente completa, e foi quando a Assembleia de Deus teve a autonomia em relação à Missão Sueca. Consolidaram a transferência da sede da denominação, de Belém para o Rio de Janeiro. A nacionalização do movimento pentecostal é acompanhada pela mudança para a capital federal.¹⁷⁸

A autonomia em relação aos suecos e a sede estabelecida na capital federal lançam os fundamentos para o processo de institucionalização e legitimação da Assembleia de Deus e sua consolidação em várias esferas da vida social. Simbolicamente, esses passos criam e mantem um universo criado socialmente pelo pentecostalismo. A institucionalização aqui pode ser entendida como um processo importante para a manutenção e a transmissão de uma ordem social da religião pentecostal.¹⁷⁹

É necessário observar que a institucionalização provém do hábito dos indivíduos e ocorre sempre que há uma tipificação recíproca das ações habituais por todos os atores, e implicam, além disso, a historicidade e o controle. A historicidade diz respeito ao fato de que as instituições religiosas são resultantes de certo processo histórico, não sendo uma criação espontânea ou aleatória, como pode parecer ao entendimento do senso comum.¹⁸⁰

A ideia de controle seria algo inerente à própria definição de instituição, na medida em que as instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a ação humana estabelecendo padrões de conduta. O aspecto coercitivo das instituições contribui para a formação de uma objetividade social. Principalmente, na medida em que garante uma padronização dos modos de agir e pensar, e que se perpetua ao longo do tempo, fazendo com que os indivíduos tenham a impressão que a realidade social da instituição é quase uma realidade natural.¹⁸¹

¹⁷⁷ CASSIN, “House of Cunha”: Os líderes pentecostais dão as cartas. *Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.31.

¹⁷⁸ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*... p.83.

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Arilson. Secularização e mercado religioso e Peter Berger. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Rio Grande, v.4, n.7, pp.7-26, 2012.

¹⁸⁰ OLIVEIRA, *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*... pp.9-10.

¹⁸¹ OLIVEIRA, *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*... pp.9-10.

Diferente dos pioneiros pentecostais nos Estados Unidos, Parham, Seymour e Durham, que se envolveram em diversas questões políticas e sociais, não será visto, por parte de Daniel Berg e Gunnar Vingren, o uso do movimento pentecostal e suas igrejas e rebanhos de fiéis para manifestações políticas no Brasil até o ano de 1930. Mesmo que houvesse a participação de alguns membros da denominação em manifestações políticas, foram casos isolados, sem incentivos por parte da liderança dos suecos.¹⁸²

Berg e Vingren sentiam aversão à ideia de a igreja ser ligada ao Estado. Os missionários defendiam a concepção das “igrejas-livres”, e por esse motivo, igualmente pelo fato de serem estrangeiros em solo brasileiro, não se envolviam em questões políticas, pois o período que aqui se estabeleceram foi uma fase tensa na história da República Brasileira.¹⁸³

Por influências dos suecos, foi fundada na década de 1940, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Assim foram ampliadas as tiragens das revistas para a catequese dos fiéis, os primeiros hinários, a publicação dos jornais e a diversificação dos folhetos evangelísticos. A CPAD foi fundada em meio a muitas controvérsias financeiras, pois houve um empréstimo da igreja norte-americana para sua construção.¹⁸⁴

A criação de uma editora segue o processo natural da edição e publicação de literaturas ligadas a novas confissões religiosas. Jornais, hinários e folhetos diversos já demandavam certo esforço quanto a impressão e distribuição. Além desses fatores, o Governo Federal exigia à época que todos os jornais se registrassem no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), como personalidade jurídica ou pessoa físicas que apresentassem títulos de propriedade para manter os próprios jornais. Assim, em 1948, a sede própria da CPAD foi fundada no Rio de Janeiro, com suas prensas tipográficas e oficinas que atendiam as demandas de impressão da Assembleia de Deus no Brasil.¹⁸⁵

Com isso, os suecos perderam importância e influência para a Assembleia de Deus por questões financeiras, pois durante a Segunda Guerra, os missionários no Brasil

¹⁸² CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.31.

¹⁸³ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.31.

¹⁸⁴ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.32.

¹⁸⁵ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... pp.346-350.

ficaram sem ajuda das igrejas suecas. Nesse período as igrejas americanas começaram a investir, com o intuito de estender sua influência.¹⁸⁶

Nos anos 1940, a Assembleia de Deus inaugura seus templos nos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. Se instala em Niterói e Duque de Caxias, e amplia sua presença em Belford Roxo, Itaperuna, Campos dos Goytacazes e Petrópolis.¹⁸⁷

Nessas primeiras décadas de expansão do Pentecostalismo, em diversas cidades, a Assembleia de Deus, principal denominação pentecostal em solo brasileiro, já estava rapidamente organizada em todo o país, em tão curto espaço de tempo¹⁸⁸, com um padrão estabelecido para o treinamento de obreiros leigos e de mobilização dos fiéis¹⁸⁹. Tal posição, logo nos primeiros anos, garantiu a Assembleia de Deus a posição de pioneira e guardiã da considerada legítima doutrina pentecostal no Brasil.¹⁹⁰

Até a década de 1950, muitos missionários suecos cooperaram para a institucionalização e fortalecimento da Assembleia de Deus no Brasil. Fundaram jornais da denominação como o Boa Semente, Som Alegre e o *Mensageiro da Paz*, que serviram para unificar a denominação em torno dos ensinamentos doutrinários.¹⁹¹

Em meados da década de 1950, atendendo a pedidos de membros, a Assembleia de Deus fundou, em Belém, o Colégio Evangélico, que possuía na época os cursos primário e secundário e um curso doméstico.¹⁹²

A partir de 1953, os brasileiros assumem em definitivo a presidência da Convenção Geral.¹⁹³ Anteriormente, apenas Paulo Leivas Macalão tinha assumido a presidência no ano de 1937. Nessa época, a Assembleia de Deus começou a se dividir em ministérios, mesmo que, desde a década de 1920, já tivesse começado uma luta interna

¹⁸⁶ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.32.

¹⁸⁷ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... pp.200-218.

¹⁸⁸ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... p.9.

¹⁸⁹ CAVALCANTI, *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica*... p.193.

¹⁹⁰ OLIVEIRA, *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*... p.6.

¹⁹¹ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.32.

¹⁹² CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil*... p.59.

¹⁹³ “A Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus do Brasil (CGADB), fundada em 1930 e registrada em 1946, é uma organização religiosa sem fins econômicos, para promover a união e o intercâmbio das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus, e manter o controle de seus órgãos, da CPAD e das demais pessoas jurídicas existentes e promover o desenvolvimento espiritual e cultural, mantendo a unidade doutrinária”. CONSOLIDAÇÃO do estatuto social da convenção geral dos ministros das igrejas evangélicas assembleia de Deus do Brasil. Rio de Janeiro: Estatuto Social, 2019.

pelo poder político e financeiro da igreja.¹⁹⁴ Apesar disso, a Convenção Nacional realizada em 1957, em Belo Horizonte, relata que a principal denominação pentecostal do Brasil, congregava cerca de 700.000 pessoas.¹⁹⁵

O auge da presença dos EUA deu-se na década de 1970, com a existência, no Brasil, de pelo menos 20 famílias missionárias. Mas, nesse caso, a influência financeira da igreja norte-americana se encontra bem reduzida. A igreja norte-americana deixa uma presença simbólica no país porque lhe era interessante poder dizer que trabalhava ao lado da Assembleia de Deus brasileira, que neste momento era a maior do mundo.¹⁹⁶

Desde os anos 50, o Pentecostalismo cresce no Brasil. Sua expansão acelera-se acentuadamente a partir da década de 1980, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar também crescente visibilidade pública, espaço na televisão e poder político partidário.¹⁹⁷ Nesta década, a Assembleia de Deus é um ramo significativo do pentecostalismo e da religiosidade brasileira, mas surgem outras duas denominações. A primeira é formada pela Igreja do Evangelho Quadrangular e a outra a O Brasil para Cristo.¹⁹⁸

Esse movimento da década de 1950, é chamado de deuteropentecostalismo, conhecido como segunda onda, pois diferencia-se da primeira onda, do pentecostalismo clássico, que dava ênfase ao batismo no Espírito Santo. Já o movimento da segunda onda enfatizava as milagrosas curas divinas e o exorcismo.¹⁹⁹

A chamada segunda onda, também é marcada pela fragmentação do pentecostalismo, com o surgimento de novas denominações também identificadas com as doutrinas pentecostais, como O Brasil para Cristo, em 1956 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, em 1962.²⁰⁰

¹⁹⁴ ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000. pp.47-48.

¹⁹⁵ CONDE, *História das Assembleias de Deus no Brasil...* p.10.

¹⁹⁶ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.85.

¹⁹⁷ MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, ano 8, n.4, p.69.

¹⁹⁸ ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa...* p.49.

¹⁹⁹ CASSIN, "House of Cunha": *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.32.

²⁰⁰ SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.58.

Em meados da década de 1960, após o Concílio Vaticano II²⁰¹ e a Conferência de Medellín²⁰², a Igreja Católica na América Latina começou a se aproximar das camadas mais pobres da população.²⁰³ Neste mesmo período, e posteriormente, na década de 1970 percebe-se um despertar religioso nas Igrejas protestantes tradicionais, como os metodistas, presbiterianos e batistas, por exemplo. Esse tipo de avivamento favoreceu o surgimento de novas denominações oriundas de igrejas tradicionais, geralmente, com a organização eclesiástica e administrativa já conhecida, mas com características pentecostais em seus cultos, doutrinas e práticas.²⁰⁴

Sendo assim, a segunda onda do pentecostalismo em certa medida contribuiu para o surgimento da terceira onda, ou seja, o deuterpentecostalismo favoreceu o nascimento do neopentecostalismo, pois ambos são muito semelhantes em seus ensinamentos, e a terceira onda acrescentou apenas a teologia da prosperidade como novidade, sendo esta a base da teologia e prática neopentecostais.²⁰⁵

Em 1979, a Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil (CGADB) passa por uma reestruturação que a deixa com moldes mais burocráticos, permitindo que Convenções Estaduais, ainda que precárias, também se organizassem. Esse processo de burocratização foi, posteriormente, importante para que o projeto político de candidaturas coordenadas a Constituinte tivesse tanto êxito.²⁰⁶

A terceira e última onda da expansão pentecostal no Brasil, conhecida como neopentecostalismo, começou nos anos 1970, no Rio de Janeiro, coincidindo com a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, e também

²⁰¹ O Concílio Vaticano II (1962-1965) tem sido amplamente interpretado, em meios protestantes, como a adoção de alguns princípios dos reformadores, tais como, por exemplo, o uso do idioma local, em lugar do latim, na missa. Muitos católicos radicais tem desde essa época apelado para isso como justificativa para suas ideias de vanguarda e ocasionalmente heterodoxas. Não há dúvida de que a Igreja de Roma tornou-se mais aberta a influências externas do que era antes do Concílio Vaticano II, embora não estejam ainda muito bem definidos os efeitos dessa abertura a longo prazo. Roma acha-se no momento comprometida com o diálogo ecumênico como nunca antes. FERGUSON, *Novo dicionário de teologia...* p. 705.

²⁰² A Conferência Latino-americana de Bispos (Celam) ocorreu em Medellín, na Colômbia, em 1968. Os temas tratados no Concílio Vaticano II foram intensamente explorados e ampliados. Tal feito abriu a porta para uma visão cristã mais renovada das condições socioeconômicas mundiais. Para um boa parte do sacerdócio católico latino-americano envolvida desde sempre com os pobres, assinalou a oportunidade de reexame de respostas seculares passadas, como o comunismo e o socialismo, anteriormente consideradas oficialmente suspeitas pela Igreja. FERGUSON, *Novo dicionário de teologia...* p. 997.

²⁰³ ROLIM, *Pentecostalismo: Brasil e América Latina...* p.85.

²⁰⁴ CAMPOS JR, *Pentecostalismo...* p.49.

²⁰⁵ CASSIN, “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*... p.35.

²⁰⁶ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo...* p.93.

com a derrocada do milagre econômico, favorecendo o surgimento de novas denominações.²⁰⁷

Os neopentecostais na prática, possuem crenças e doutrinas que destoam dos pentecostais clássicos. Esequias Soares, ressalta que os pesquisadores consideram o neopentecostalismo um movimento e não necessariamente uma simples denominação, pois não apresenta uma linha teológica definida na perspectiva acadêmica, e nem é representado por convenções ou concílios que caracterizam as denominações protestantes no Brasil.²⁰⁸

Acerca das principais denominações neopentecostais, Paulo Romeiro diz que o bispo canadense Robert McAlister, foi o “agente catalisador do neopentecostalismo no Brasil”.²⁰⁹ McAlister é oriundo de uma família pentecostal, e se estabelece no Brasil em 1959, antes já havia pregado na Assembleia de Deus em São Cristóvão e se tornou conhecido como um pregador evangelista de cruzadas de curas e milagres.²¹⁰

Robert McAlister foi o fundador da Igreja Pentecostal de Nova Vida, se auto denominando bispo primaz, e a partir dessa igreja surgiram o bispo Edir Macedo e o missionário R.R. Soares, dois expoentes do movimento neopentecostal brasileiro.²¹¹

Em 1981, McAlister publica o livro intitulado *Dinheiro, um assunto altamente espiritual*, onde fala sobre a prosperidade financeira, um dos pilares da teologia da prosperidade, característica principal de denominações neopentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Apostólica Renascer em Cristo e Comunidade Sara Nossa Terra.²¹²

Esequias Soares aponta que essas igrejas e seus respectivos líderes inovaram na relação com o dinheiro, e além disso estabeleceram novos métodos em relação aos já praticados pelo pentecostalismo, deixando de lado pautas teológicas como a escatologia, a santificação e a parousia²¹³, sendo enfáticos na felicidade terrena.²¹⁴

²⁰⁷ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.8.

²⁰⁸ SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.154.

²⁰⁹ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperança e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005. p.44. in: SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p.155.

²¹⁰ SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.155.

²¹¹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais...* p.33.

²¹² SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.156.

²¹³ Termo de origem greco-romana usado pelos escritores do Novo Testamento para descrever o retorno do Cristo ressuscitado para buscar os cristãos. ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário de Escatologia Bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p.124.

²¹⁴ SOARES, *O pentecostalismo brasileiro...* p.158.

Durante as décadas de 1980 e 1990, o pentecostalismo, percentualmente, se torna hegemônico no contexto protestante. O principal desafio da Assembleia de Deus não é somente realizar uma apologética pentecostal em defesa da *glossolalia*, por exemplo, mas é exatamente desenvolver algum diferencial dentro do pluralismo religioso que começa a se desenvolver com características de mercado.²¹⁵

Os anos 1990 foram decretados pela Assembleia de Deus do mundo inteiro como sendo a “Década da Colheita”. A Assembleia de Deus no Brasil estabeleceu o alvo de 50 milhões de convertidos, ou seja, de que um em cada três brasileiros fossem membro da Assembleia de Deus até o ano 2000.²¹⁶

²¹⁵ ALENCAR, *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*... p.49.

²¹⁶ ANTONIAZZI, *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*... p.96.

Capítulo II - Pentecostalismo brasileiro, religião e política.

O Pentecostalismo, desde suas origens no contexto da tradição evangélica, tem desenvolvido ensinamentos e práticas acerca da cidadania de seus fiéis e da tensão envolvida entre as esferas da Igreja e do Estado. Desde a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, o movimento não realizou apenas novas leituras acerca da fé cristã, mas também um movimento amplo de reordenação da sociedade da época.²¹⁷

A análise dos movimentos políticos e dos interesses das lideranças pentecostais durante o século XX tem nos permitido observar, no presente, uma prática política que busca intensamente lugar de destaque no jogo político a líderes pentecostais.

A ideia é que seja possível compreender a relação que se deu entre o poder estabelecido e a legitimação dos interesses institucionais dos líderes pentecostais, representados por elementos como a censura, o conservadorismo, o anticomunismo, o apoio – velado ou mais explícito a regimes autoritários e a corrida eleitoral pela formação de uma bancada evangélica.

As imbricações entre religião e política no Brasil podem ser compreendidas em duas esferas: em um plano, tem-se o uso político da religião; e no outro plano, tem-se o uso religioso da política. As existências dessas duas esferas não se excluem, pelo contrário, se complementam e em momentos de eleição, por exemplo, é possível delinear fronteiras entre essas elas.²¹⁸ Progressivamente os líderes pentecostais aumentam sua presença na vida pública, para além da religião, se apresentando como uma alternativa de fé para o país, repercutindo seus hábitos na cultura e na política brasileira.²¹⁹

Para Berger, assim como para Eliade, a religião é um modo de conceber o cosmos como categoria pertencente ao sagrado. No entanto, a religião concebe não apenas o mundo natural como algo sagrado, mas também as coisas criadas pelo homem como sagradas. Deste modo, a religião trata as criações naturais como se fossem sagradas, ou atribui um significado sagrado a coisas que em si mesmo não possuem qualquer significado.²²⁰ Na prática pentecostal, o discurso religioso acabou sacralizando a ação política.

²¹⁷ GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2014. pp.10-11.

²¹⁸ GOUVÊA NETO, *Interações...* pp.323-342.

²¹⁹ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.11.

²²⁰ OLIVEIRA, *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais...* p.12.

A religião tem também papel de legitimação²²¹. Tal função é necessário à manutenção e à reprodução da ordem social estabelecida, uma vez que o homem tem necessidade de explicações e justificativas para aceitar as coisas tais como a ele se apresentam. Essa tarefa é cumprida pela religião na medida em que legitima as instituições sociais.

Atribuir-se valor sagrado às normas e valores criados pelos homens parece naturalmente bom, porque tudo o que é considerado sagrado é inquestionavelmente bom. Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, e nada mais que um produto humano, que no entanto retroage continuamente sobre seu produtor.²²²

À vista disso, a sociedade em sua totalidade serve como estrutura de plausibilidade para um mundo que pode ser legitimado pela religião, e quando isso acontece, todos os processos sociais importantes que se produzem nele confirmam a realidade deste mundo.²²³ A religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico.²²⁴

A religião serve, assim, para manter a realidade do mundo socialmente construído no qual os homens existem em suas vidas cotidianas. Seu poder legitimante tem, contudo, outra importante dimensão, a integração de um conjunto de doutrinas e dogmas ligados à prática religiosa diferentes da realidade que colocam em dúvida aspectos práticos da vida cotidiana.

Pelo dito acima e também por ser um fenômeno social, coletivo, a religião tem dimensões políticas, podendo ser transformada em instrumento de ação política. Sendo assim, para elucidar as motivações e interesses que levaram os membros da igreja pentecostal a desenvolverem seus projetos e práticas políticas alinhados ao regime autoritário que viveu o Brasil de 1964 a 1985, e com os instrumentos políticos dos quais

²²¹ Para Norberto Bobbio, a Legitimidade é um atributo do Estado, que consiste na presença, em uma parcela significativa da população, de um grau de consenso capaz de assegurar a obediência sem a necessidade de recorrer ao uso da força. Por esta razão que todo poder busca alcançar consenso, de maneira que seja reconhecido como legítimo, transformando a obediência em adesão. A crença na Legitimidade é, pois, o elemento integrador na relação de poder que se verifica no âmbito do Estado. BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. pp.675-679.

²²² BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado - Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. pp.15-16.

²²³ OLIVEIRA, *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*... p.12.

²²⁴ BERGER, *O Dossel Sagrado - Elementos para uma teoria sociológica da religião*... p.41.

lançaram mão para obter apoio de setores da sociedade brasileira, é preciso retomar a orientação de alguns autores a respeito da escrita da História Política na contemporaneidade.²²⁵

Devemos assim, considerar que a história política objeto de nosso interesse passou por grandes transformações durante a primeira metade do século XX. Em meio a esse processo, a interdisciplinaridade possibilitou o uso de novos conceitos e técnicas de investigação, além de novas abordagens e problemáticas. Serge Bernstein é um dos autores que se destacou nesse movimento em busca do entendimento dos comportamentos políticos a partir da formulação do conceito de cultura política. Para ele, a cultura política é uma chave que introduz a diversidade, o social, os ritos e símbolos, e onde se acredita que reina o partido, a instituição, o imutável. Ela permite sondar os rins e corações dos atores políticos. Seu estudo é mais que enriquecedor, é indispensável.²²⁶

De acordo com Berstein, para se fazer uso da história política, convém observar-se alguns princípios básicos, como a necessidade de se pensar em cultura política de uma forma conjugada à cultura global de uma sociedade; atentando-se para a pluralidade das culturas políticas em determinado momento histórico, e ao uso do conceito antropológico de cultura como ponto de partida para as análises nesse âmbito.

Serge Bernstein compreende cultura política como:

Sistemas de representação fundados sobre determinadas visões de mundo, sobre leituras do passado histórico, sobre escolhas de sistemas institucionais e de uma sociedade considerados ideais de acordo com modelos retidos e que se expressam através de um discurso, código, símbolos e ritos que a evocam sem que outra mediação seja necessária.²²⁷

Além da concepção de cultura política, outros dois conceitos elaborados por Pierre Bourdieu são fundamentais para destacar a problemática abordada neste capítulo. Tratam-se estes da noção de capital político e campo político. O primeiro, capital político, diz respeito a uma forma de capital simbólico firmado na crença e no reconhecimento, e que

²²⁵ Dentre os autores, destacamos alguns para exemplificar. JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976, pp.181-196; BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, pp. 326-348.

²²⁶ BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique. In: Vingtième Siècle, Revue d'histoire, nº 35 juil/sep.1992, p. 67-77.

²²⁷ BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique ... p.71.

só pode ser mantido se houver de um lado acumulação de crédito e de outro não houver descrédito. O segundo, campo político, é um conceito utilizado a respeito do entendimento de campo político como sendo um local de lutas concorrenciais, que compreende embates e negociações entre os atores políticos envolvidos.²²⁸

Esses conceitos apontam para como o pentecostalismo no decorrer das décadas buscou reconhecimento da sociedade fora dos limites religiosos, e como desenvolveu seus embates para se firmar no cenário político nacional.

Em um país onde o povo pouco participa das associações e instituições civis, com trabalhadores que pouco frequentam os sindicatos, salvo para alguma assistência; com poucos moradores filiados às associações de bairro; o qual o eleitorado raramente se comunica com seus representantes; e as vítimas de violência evitam recorrer à polícia e às instituições de justiça, com exceções para a justiça do trabalho, pode-se observar severa alienação frente à ordem pública.²²⁹

A pouca frequência em associações, sindicatos e partidos tem por contraponto uma presença constante nas celebrações das igrejas. Em termos de sociabilidade, o que não se tem em um ambiente é compensado pelo outro. A atividade religiosa acaba servindo para atender necessidades insatisfeitas no plano temporal. Busca-se na experiência espiritual, o que de certa forma não se encontra na terra.²³⁰

Valoriza-se a participação do conjunto de fiéis nas atividades cotidianas da igreja. Exercitam-se nas congregações diferentes modelos de participação associativa. E de certa forma, o aprendizado associativo que é feito na igreja local tem consequências no comportamento diante do universo mais amplo da sociedade civil.²³¹

A expansão dos pentecostais, ocorrida nas últimas décadas, pode ser dimensionada tendo em vista condições conjunturais estabelecidas a partir das mudanças emergentes na segunda metade do século XX.²³² A visão na perspectiva pentecostal explica, em grande parte, a forma como os evangélicos se comportam em diversos palcos, e como na cosmologia pentecostal as conquistas e os fracassos tendem a ter explicações

²²⁸ As definições dos conceitos assinalados encontram-se na obra *O poder simbólico*. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

²²⁹ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.119.

²³⁰ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.134.

²³¹ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.148.

²³² LOPES, *A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal...* p.43.

mágicas ou sobrenaturais, sendo atribuídas ora à mão forte da divindade e de seus anjos, ora à interferência maligna de seus adversários espirituais.²³³

Atualmente, as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios, pois fazem parte do tecido político. Enquanto corpos sociais, as igrejas cristãs difundem crenças que não se limitam às ciências do sagrado e aos fins últimos do homem. Proferem julgamentos em relação à sociedade com advertências e interdições, tornando-se um dever de consciência para que os fiéis se submetam a elas.²³⁴

Esses julgamentos colocam a ética pentecostal no Brasil em posição de grande ambiguidade, pois ela é predominantemente moralista, conservadora e crítica em relação a comportamentos específicos nos âmbitos familiar, social e político, considerando-os pecaminosos.²³⁵ Essa ética pode ser resumida como um cumprimento de deveres, em um contexto culturalmente patriarcalista, onde se predominavam valores e comportamentos da classe média, que buscava defender suas posições institucionais e religiosas.²³⁶

Se os desafios do mundo moderno²³⁷ contribuem para marginalizar as igrejas, também é necessário observar que novas demandas religiosas engendra novos modos de presença na sociedade, pois a religião, sobretudo o pentecostalismo, aumenta as suas relações com a política.²³⁸ Isso posto, cabe a ressalva: a recusa de entender o movimento religioso aqui privilegiado como monolítico. Isso é, embora se mencione diversas vezes durante este trabalho “o pentecostalismo”, busca-se também destacar que este não se trata de um movimento perfeitamente uniforme e homogêneo.

A religião continua a manter relações com a política, ampliando sua capacidade de intervenção e sua diversidade de atuação, de forma que as crescentes relações entre

²³³ SMIDERLE, Carlos G. S. M. Entre Babel e Pentecostes: Cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.31, n.2, pp.78-104, 2011.

²³⁴ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp.331-334.

²³⁵ ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Evangélicos e ética no Brasil. *Revista Reflexus*, Vitória, v.5, n.2, 2011. pp.101-102.

²³⁶ ZABATIERO, *Revista Reflexus...* pp.103-104.

²³⁷ Esses desafios estão representados nas roupas da moda, no entretenimento do cinema ou da TV, na cultura produzida no teatro ou na música, ou simplesmente, quando as determinações doutrinárias são confrontadas ante ao surgimento de qualquer tipo de inovação. É a rejeição as coisas do “mundo” no jargão pentecostal.

²³⁸ COUTROT, Aline. *Religião e política...* p.335.

religião, fé privada na modernidade, e ação política, ação na praça pública, são de grande atualidade e também de inegável interesse analítico para as ciências humanas.²³⁹

Nessa relação entre a política e a religião, os militares encontraram no jargão amplamente defendido, acerca da “moral e dos bons costumes”, uma grande motivação para que os fiéis pentecostais legitimassem seus interesses, e aumentassem sua influência na sociedade, assim como suas aspirações políticas.

Desta forma, pode-se observar como as determinadas transformações e as aparentes novas concepções sobre assuntos como costumes, política, sociedade e cultura, são na verdade, resultados de um processo histórico gradual que vem ocorrendo nas últimas décadas, influenciados por múltiplos agentes políticos e religiosos, que culminaram na criação de uma cultura política brasileira, onde os interesses políticos e valores religiosos desencadearam o desenvolvimento de uma nova dinâmica representada em disputas eleitorais e presença religiosa no espaço público.

O pentecostalismo é um movimento religioso muito diversificado internamente, pois é marcado por grande pluralidade teológica, litúrgica e comportamental. As igrejas pentecostais são multifacetadas, às vezes até antagônicas, e no decorrer do século XX, organizaram-se de formas tão diversas, que estabeleceram entre si diferenças se comparadas ao modelo original que havia sido estabelecido pela Assembleia de Deus. Por isso, não há uma única igreja representativa de seu conjunto. Por outro lado, a Assembleia de Deus ocupa uma posição privilegiada, devido a sua amplitude geográfica e a sua concentração demográfica entre os fiéis pentecostais.

A própria Assembleia de Deus evidencia, no decorrer de sua trajetória, uma maior disposição para adaptar-se às transformações que estavam em processo no pentecostalismo e na sociedade. Desde sua fundação, tal confissão não oculta a ruptura que realizou com as demais denominações evangélicas.²⁴⁰

Portanto, acredita-se ser possível compreender como as rupturas, as continuidades, e as especificidades deste cenário político e religioso, que foram construídas na implantação da ditadura até a redemocratização, uma vez investigadas a partir da ótica acadêmica, contribuirão para a compreensão e ampliação dos horizontes das pesquisas históricas acerca da política e religião no Brasil.

²³⁹ COUTROT, Aline. *Religião e política...* p.335.

²⁴⁰ GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença na política. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v.7, n.2, pp.69-100, 2017.

2.1 O pentecostalismo da Primeira República até a Ditadura.

No início do século XX, a maior preocupação política do protestantismo brasileiro era o cumprimento de uma lei que assegurasse a liberdade de culto. Uma luta pela sobrevivência. Por um lado, o embate pela continuidade, que na perspectiva protestante era a proteção das autoridades contra a atuação da Igreja Católica, em especial de sua hierarquia, adversária e competidora no mercado religioso brasileiro, agora aberto constitucionalmente à atuação de confissões religiosas variadas. Por outro lado, havia a preocupação de se consolidar como instituição, adquirindo-se identidade própria e desenvolvendo-se como uma liderança nacional.²⁴¹

Entre 1889 e 1930²⁴², a presença de protestantes no Congresso era quase nula. A maioria dos protestantes era constituída apenas por luteranos, sendo boa parte composta por monarquistas que decidiram se isolar na República.²⁴³ Nenhum deles tinha o endosso oficial de uma denominação. Inicialmente, esse pequeno grupo era marcado por preferências políticas múltiplas, cobrindo um leque desde a esquerda não marxista até a defesa apaixonada por regimes autoritários. Até então, os pentecostais eram quase ausentes do Congresso²⁴⁴, no entanto, é relevante observar, que desde o início, a inserção pentecostal na política brasileira se fez mais presente nas eleições para o legislativo do que naquelas para o executivo.²⁴⁵

O fato do protestantismo ser uma pequena minoria religiosa não permitia a pretensão de uma maior participação em uma República oligárquica, que tinha na base os coronéis e no topo a política dos governadores, sem espaço para as massas. Nos documentos evangélicos da época, porém, era constante a referência à crença de grupos protestantes de que teriam uma missão histórica no Brasil. Crença essa tomada por missão: por meio do evangelho, os fiéis protestantes acreditavam poder educar os

²⁴¹ CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2002. p.193.

²⁴² Período da História do Brasil conhecida como República Velha. É delimitado entre a proclamação da República até a Revolução de 1930.

²⁴³ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.84.

²⁴⁴ FRESTON, Paul. Protestantismo e democracia no Brasil. *Lusotopie*, Paris, n.2, pp.329-340, 1999.

²⁴⁵ LACERDA, Fabio. *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p.41.

cidadãos brasileiros nos princípios da democracia, da liberdade e da igualdade de direitos.²⁴⁶

O pentecostalismo brasileiro, que nasceu nas primeiras décadas do século XX, alcançou inicialmente uma extensa faixa de pessoas economicamente e culturalmente desprivilegiadas, tendo suas bases aí estabelecidas. Desde o início, dirigiu-se diretamente a eles, e deles obteve seus primeiros líderes.

Os caminhos abertos pelo pentecostalismo estão ligados, social e historicamente, ao contexto sócio-político das últimas décadas do Estado oligárquico, bem como a seu desenvolvimento durante a fase do Estado Novo e o período populista.²⁴⁷

Já na década de 1920, diversificava-se a estrutura social do país, com o crescimento do operariado e das camadas médias urbanas. As difíceis condições sociais do trabalhador urbano motivaram a organização dos trabalhadores para a resistência à opressão dos setores empresariais e das investidas de um Estado que entendia as reivindicações dos setores mais baixos da população como danosas à ordem.²⁴⁸ Nesse sentido, atribui-se ao presidente Washington Luiz a afirmação: “a questão social é um caso de polícia”.

Nesse ambiente, chegaram os imigrantes europeus. Vieram para os trabalhos nas lavouras, nas fábricas e em diversos serviços urbanos, constituindo a maioria dos trabalhadores nos dois centros urbanos mais importantes do País, que eram as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.²⁴⁹

Essa é a conjuntura na qual começou a firmar-se o pentecostalismo. Sua entrada pelas camadas sociais urbanas é um dado histórico que nos faz observá-lo em uma conjuntura sócio-econômico-política, e não apenas sob o prisma da religião ou da cultura.

Um dos aspectos comumente invocados para a explicação do aumento do protestantismo brasileiro, em especial da expansão pentecostal, é o fenômeno da urbanização. Tem-se dito que a urbanização, compreendida como crescimento de população aglomerada, é fator primordial para o entendimento do aumento das igrejas pentecostais.²⁵⁰

²⁴⁶ LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro - Estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1963. pp.173-174.

²⁴⁷ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.73.

²⁴⁸ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.74-75.

²⁴⁹ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* p.76.

²⁵⁰ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.29,30.

O pentecostalismo é entendido como um fenômeno essencialmente urbano, caracterizado como uma reação frente à sociedade urbana, cujos valores, apresentados como carregados de pecado por essa vertente religiosa, são rejeitados e condenados pelos mesmos fiéis, que se apresentam como eleitos para a salvação. Por isso, o comportamento dos crentes, enquanto resposta a esses valores, reveste-se das seguintes notas: ênfase na busca da santificação pessoal, busca dos dons do Espírito e esperança viva na segunda vinda de Cristo. Tais crenças, imbuídas fortemente da crença da santificação pessoal, fazem o indivíduo voltar-se para uma sociedade futura, utópica, a qual será instalada com a vinda de Cristo, o que proporciona certo afastamento da realidade e da sociedade atual.²⁵¹

A mensagem produzida pelo pentecostalismo brasileiro responde satisfatoriamente as demandas e interesses, inclusive religiosos, das camadas mais pobres. O crescimento pentecostal efetivou-se sob a mediação de um trabalho religioso: agentes produtores de bens de salvação travaram estreito relacionamento com os receptores ou consumidores de tal trabalho apologético, uns e outros de camadas pobres.

Durante o período do governo de Vargas, os evangélicos viram novas possibilidades em decorrência do estreitamento das relações entre a Igreja Católica e o Estado, que tinha obtido grandes benefícios com o golpe de 1930. A ideia era reagir a reaproximação entre governo federal e hierarquia católica, movimento necessário, para as lideranças católicas, devido à perda do status de religião oficial, de tempos do Império, dada a consagração na Constituição republicana de 1891 do laicismo de Estado. A partir de então, já no governo Vargas, manifestou-se o desejo de segmentos evangélicos de que eles se fizessem ouvir nos espaços políticos, sobretudo na Assembleia Constituinte.²⁵²

A partir da Constituinte de 1933 e 1934, aconteceu a estreia da figura do chamado “político evangélico” através da eleição do paulistano e pastor metodista Guaracy Silveira, pelo Partido Socialista. Com o êxito de Guaracy, aumentaram-se as candidaturas para deputado federal, como nas eleições estaduais de 1934.²⁵³ Depois de 1946, os candidatos protestantes começaram a participar com mais presença nos pleitos eleitorais. Na década de 1950, a presença protestante se consolidou em uma participação

²⁵¹ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.118-119

²⁵² GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.85.

²⁵³ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.85.

pluripartidária, com pouca sustentação ideológica, marcada apenas pelo desejo de representatividade política no período.²⁵⁴

As mudanças estruturais que ocorreram entre 1946 e 1964, tornaram mais livre a disputa nos pleitos eleitorais. Nas eleições de 1947, houve um crescimento de deputados estaduais e vereadores evangélicos eleitos, e, na Câmara dos Deputados, foram eleitos sete evangélicos durante a 39ª Legislatura entre 1951 e 1955, representados em cinco igrejas, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Batista, Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana Independente e Igreja Metodista, nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará.²⁵⁵ Esse tímido aumento de parlamentares evangélicos na década de 1940 terá envolvimento pleno a partir da década de 1980.²⁵⁶

O pentecostalismo, por sua origem popular, tanto quanto a suas lideranças como quanto sua membresia, ao canalizar a espontaneidade e emoção dos anseios religiosos das classes populares, ofereceu condições para a emergência, no plano religioso, de um espaço público de caráter religioso, com elementos saídos das camadas populares e que veicularam sua cultura popular impregnada de suas crenças.²⁵⁷

Durante a década de 1950, a Assembleia de Deus era o ramo mais significativo do pentecostalismo brasileiro. No plano sócio-político era a fase áurea do populismo, da organização de novos partidos políticos e da emergência de líderes populistas. A urbanização era acelerada e o interesse pela industrialização tornava-se crescente.²⁵⁸

Adotar tal perspectiva, unindo contexto político e o desenvolvimento do pentecostalismo entre nós, não busca reduzir o pentecostalismo a simples dimensão do social, nem esvaziá-lo da sua especificidade de credo religioso. Não se deseja reduzir religião à política. Ao contrário, quer-se demonstrar rica relação entre estes dois universos, o religioso e o político. Quer-se, reafirma-se aqui, entender como o proselitismo das massas populares se situa no contexto sócio-político. Deixar essa abordagem de lado, é tratar o fato religioso como um dado isolado da sociedade civil, principalmente, em um momento em que as classes populares começavam a ganhar

²⁵⁴ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.86.

²⁵⁵ FRESTON, *Protestantes e Política no Brasil ...* pp.168-170.

²⁵⁶ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.85.

²⁵⁷ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.66.

²⁵⁸ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* p.50.

relevância. As classes populares anunciavam sua presença no final da Primeira República, e passaram a chamar a atenção das classes dominantes nas décadas posteriores.²⁵⁹

2.2 A expansão do pentecostalismo na ditadura civil-militar.

A deposição do presidente João Goulart, em abril de 1964, foi, primeiramente, uma ruptura da ordem constitucional implantada a partir da Constituição Federal de 1946. Os poderes funcionavam em sua plenitude, dentro dos limites da legalidade constitucional. Os partidos políticos, os sindicatos e o movimento estudantil, entre outros, vivenciavam um momento de pujança da sociedade civil. No entanto, a legalidade do Estado brasileiro era rompida por mais um golpe de Estado, que não era novidade na existência do Brasil enquanto nação soberana.²⁶⁰

O Golpe de Estado se dá em particular conjuntura internacional: com o apogeu da Guerra Fria e a divisão das áreas de influência entre as grandes potências, EUA e URSS, ficando hipoteticamente a América Latina reservada à tutela norte-americana. Além disso, os anos 1960 se constituíram em momento peculiar na história do Ocidente devido ao fervor revolucionário e ao idealismo de crença e esperança da construção de um mundo novo. Idealismo, particularmente, da juventude percebida como ameaça ao sistema capitalista e à sua classe dirigente.²⁶¹

No plano interno, pode-se destacar o impacto do sindicalismo rural, finalmente implantado com 40 anos de atraso em relação ao urbano, abrindo caminho ao trabalho de conscientização política, em clave contestadora de direitos, por parte do campesinato. Os setores mais arcaicos da velha ordem de origem senhorial se sentiam cada vez mais vulneráveis diante da possibilidade da implantação das Reformas de Base, na célebre expressão do governo Goulart, como a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma tributária, e tantas outras, que tentariam desconcentrar a renda e a propriedade, com o

²⁵⁹ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.62-63.

²⁶⁰ SANTANA, Gustavo. *A separação dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário*. Politize!, 2016. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/separacao-dos-tres-poderes-executivo-legislativo-e-judiciario/>>. Acesso em: 27 dez 2022.

²⁶¹ CAVALCANTI, Robinson. *A Igreja, o País e o Mundo - Desafios a uma fé engajada*. Viçosa: Ultimato, 2000. p.61.

fortalecimento do mercado interno, ao lado de uma política externa afirmativa de nossa soberania.²⁶²

Pode-se observar que o golpe de 1964 não derivou de derrota e ocupação estrangeira. Ainda que o apoio dos Estados Unidos tenha sido essencial, ele foi um levante liderado pelas forças de direita, que contou com apoio de parte da sociedade, em luta contra o processo de mudanças sociais que estava acontecendo durante o governo de João Goulart.²⁶³

Para Rodrigo Patto, essa é uma relação entre resistência e colaboração, que se estabeleceu para designar os comportamentos diante da ditadura instalada a partir de 1964. Desta relação surge o conceito de acomodação, que derivou do domínio nazista na Europa, que se ocupa de expressar a dicotomia a respeito das atitudes daqueles que foram submetidos ao poder dos conquistadores alemães e seus aliados.²⁶⁴ Esse conceito aplicado ao Brasil pós-golpe de 1964 deve-se aos grupos que se imaginavam diante de mais uma experiência fascista.²⁶⁵

Philippe Burrín também faz uso do conceito da acomodação para expressar as atitudes dos setores que não resistiram aos vitoriosos, e assim, preferiram adaptar-se ao novo regime instituído. Da mesma forma que Burrin, parte-se do pressuposto de que tal processo de acomodação foi voluntário. Isto diante dos interesses que alcançaram desde políticos e empresários, até intelectuais e artistas. Dentre os elementos que motivaram a acomodação para Burrín, aponta-se a convivência ideológica, que atende com muita consistência a relação entre política e religião no período da ditadura militar.²⁶⁶

A acomodação no caso brasileiro, para Rodrigo Patto, tem duas singularidades. Primeiro, ela integra o repertório da cultura política brasileira, portanto, não é apenas produto de uma situação autoritária específica. Segundo, a acomodação não foi somente uma maneira de adaptar-se à ditadura: tratou-se de jogo de mão dupla, que envolvia o Estado e as partes interessadas no estabelecimento e manutenção do governo autoritário.²⁶⁷

²⁶² CAVALCANTI, *A Igreja, o País e o Mundo - Desafios a uma fé engajada...* p.62.

²⁶³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. *Páginas*, Rosário, v.8, n.17, pp. 9-25, 2016.

²⁶⁴ MOTTA, *Páginas...* pp. 9-25.

²⁶⁵ MOTTA, *Páginas...* pp. 9-25.

²⁶⁶ BURRÍN, Philippe *apud* MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. *Páginas*, Rosário, v.8, n.17, pp. 9-25, 2016.

²⁶⁷ MOTTA, *Páginas...* pp. 9-25.

Robert Paxton nos mostra que os processos de acomodação de regimes considerados autoritários foram capazes de preservar a lealdade de conservadores, ainda que alguns setores vinculados ao apoio da ordem estabelecida não concordassem plenamente com todas as práticas de quem estivesse no poder.²⁶⁸

Tal prática política de acomodação também se aplica ao ambiente religioso pentecostal, e pode ser observada nas práticas conservadoras dos membros das denominações pentecostais. Estas, identificam-se com a ordem estabelecida, tomando-a por aliada, seja pela existência de inimigos comuns, como o comunismo, por exemplo, seja pelo compartilhamento de ideais moral e políticos conservadores.

O Golpe de 1964 significou um retrocesso institucional, uma quebra na ordem democrática estabelecida desde o final do primeiro governo Vargas. Foi uma derrota do pensamento e da prática liberal, consagrada pela Constituição de 1946, e um desastre para as esquerdas. A ditadura buscou legitimidade por êxitos econômicos, que ampliavam e beneficiavam a classe média - que depois seria proletarizada, perdendo progressivamente seu poder aquisitivo - e prejudicavam o operariado, com o achatamento salarial e consequente perda do poder aquisitivo. Com o controle da imprensa, veiculava-se o chamado “milagre econômico” e as mensagens patrióticas em torno daquela que seria potência emergente, o “Brasil grande”, nação dirigida por generais e tecnocratas.²⁶⁹

As razões da politização pentecostal tem seu início no Regime Militar, que a partir de 1968, procurou apoio nos evangélicos, uma vez que haviam se desentendido com alguns setores da Igreja Católica.²⁷⁰ No entanto, é possível perceber que desde a década de 1950, houve entre os pentecostais uma série de tentativas esparsas e discretas de participação eleitoral que foram mais ou menos significativas no plano social e político.²⁷¹ Mesmo assim, pode-se observar que aqueles que apoiaram o golpe de 1964, corroboraram atividades cívico-religiosas encampadas pela Assembleia de Deus em São Paulo, durante

²⁶⁸ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.234.

²⁶⁹ CAVALCANTI, *Cristianismo e política...* p.210.

²⁷⁰ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, pp.284-296,2009.

²⁷¹ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* p.248.

a comemoração pelos 150 anos da Proclamação da Independência do Brasil²⁷², com a intenção de ressignificar o movimento golpista.²⁷³

O dado mais relevante para o protestantismo brasileiro da década de 1960 foi o surgimento do Movimento de Renovação Espiritual²⁷⁴. A crença na contemporaneidade de todos os dons do Espírito Santo, incluindo-se a glossolalia, foi inserida na prática das denominações históricas. A doutrina do Espírito Santo se tornou o motivo de controvérsia entre os evangélicos daquela década. Os tradicionalistas acusavam os renovados de divisionistas, de estarem se desviando de sua genuína herança histórico-doutrinária. Estes, por sua vez, influenciados pelo pentecostalismo, acusavam as igrejas tradicionais de frieza espiritual, imobilismo, carnalidade ou mundanismo, e de se fecharem à ação do Espírito, perdendo as bênçãos subsequentes.²⁷⁵

O resultado foi uma sucessão de cismas. Batistas, congregacionais, presbiterianos, metodistas, presbiterianos independentes e outros que perderam sua unidade denominacional com a saída voluntária, ou a expulsão dos defensores das práticas e crenças pentecostais, organizando-se em suas próprias denominações. Nasceram novas denominações que mantiveram a maioria das tradições de suas antecessoras, acrescidas das doutrinas e práticas pentecostais.²⁷⁶

²⁷² Na primeira quinzena de setembro, o *Mensageiro da Paz* publica um editorial intitulado “liberdade”, onde dizia que: passados 150 anos desde que a liberdade brasileira foi proclamada, o brasileiro se sente um homem livre. Em setembro de 1972, a Assembleia de Deus da cidade de São Paulo, como noticiou o *Mensageiro da Paz*: numa demonstração pública de civismo e amor pátrio, saiu as ruas do populoso bairro da Lapa, para comemorar o sesquicentenário da Independência da nossa Pátria. Em discurso improvisado o pastor João Pereira de Andrade e Silva, discursou referindo-se ao General Emílio Garrastazu Médici da seguinte forma: “o presidente Médici é o legítimo comandante de todos os brasileiros, um dos Comandantes da Revolução Democrática, vitoriosa em 31 de março de 1964”. In: GOMES, Geziel. “Editorial: Liberdade”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 42, nº17, p.2, 15 de setembro de 1972. CARLOS FILHO, Manoel. “A Assembleia de Deus e o sesquicentenário”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 43, nº3, p.12, 15 de fevereiro de 1973.

²⁷³ ALMEIDA, Adroaldo José S. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.128.

²⁷⁴ O Movimento de Renovação Espiritual, tal qual o pentecostalismo, enfatizou diversos temas da missão evangélica, como a crença no batismo com o Espírito Santo e a experiência dos dons carismáticos e, ainda, o iminente retorno de Cristo. Neste momento é necessário dizer que não é simples pentecostalização, mas o resgate de ênfases doutrinárias que já estiveram presentes em segmentos do protestantismo em épocas anteriores, em especial, nos chamados Grandes Despertamentos ou Reavivamentos, que ocorreram na Inglaterra e nos Estados Unidos, entre os séculos XVII e XIX. LAMARTINE, Heitor. (2021). Congregacionais e a Renovação Espiritual no Nordeste. *PLURA, Revista De Estudos De Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion*, 12(2), 60–79. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1839>

²⁷⁵ CAVALCANTI, *Cristianismo e política...* p.214.

²⁷⁶ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.59-60.

Meses antes da eclosão do 31 de março de 1964, líderes do Movimento de Renovação Espiritual, preocupados com a situação nacional e com a indefinição dos rumos políticos, convocaram as igrejas a celebrarem um Dia Nacional de Jejum e Oração pela Pátria. Meses depois, o presidente João Goulart era deposto. A crença generalizada entre os protestantes era de que o movimento de 31 de março foi uma resposta de Deus às orações de seu povo. Isso concorreu para dar uma chancela ao novo regime, de certa forma, sacralizando-o, inibindo, por outro lado, críticas futuras ao governo ditatorial.²⁷⁷

O Movimento de Renovação concorreu para tornar o protestantismo brasileiro ainda mais pentecostal, e assim, místico, emotivo, legalista. A divisão entre pentecostalismo clássico e o que surge a partir do Movimento de Renovação Espiritual, pode ser considerada, no espaço de quase quarenta anos, um avanço que alcançou outras instituições protestantes históricas que agora aderiam a doutrina e prática pentecostal.²⁷⁸

Para Leonildo Campos, os pentecostais, enquanto uma vertente do protestantismo brasileiro, se tornaram progressivamente um grupo religioso que luta pelo que entendem como a moralização da política e da sociedade, a partir do pressuposto da batalha espiritual. Mais especificamente, no período da ditadura, o adversário dos pentecostais era o “perigo vermelho” encarnado no comunismo. Deste modo, diante do golpe militar em 1964 e seus desdobramentos, os líderes pentecostais, a fim de ascenderem nos quadros dirigentes, usaram o pensamento anticomunista para se aproximar do poder instituído²⁷⁹, tornando assim, os valores religiosos como sendo a principal base da mobilização anticomunista.²⁸⁰

O fenômeno do anticomunismo diz respeito a uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo a que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas, como a produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos ativistas e variadas manifestações públicas.²⁸¹

²⁷⁷ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.215.

²⁷⁸ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.76.

²⁷⁹ CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” - Uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: Texto preparado para o GT Religião e Sociedade. Caxambu: XXVI ANPOCS, 2002. p.6. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt18-19/4486-lcampos-os-politicos/file>>. Acesso: 01 jan 2022.

²⁸⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. pp.17-18

²⁸¹ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, 2002, p.464.

Desta maneira, percebemos que o anticomunismo brasileiro teve sua fase inicial entre 1917²⁸² e 1930, compreendendo como seus alvos os movimentos operários de inspiração anarquista, socialista e, mais tarde comunista²⁸³, refletindo uma influência externa marcante. Após o Estado Novo, o anticomunismo ficou marcado como doutrina típica de grupos reacionários e conservadores.²⁸⁴ E, entre 1961 e 1964, o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, constituindo-se na fagulha principal a detonar o golpe militar em 31 de março.²⁸⁵

A permanência no tempo de um conjunto básico de representações anticomunistas permite afirmar que se estruturou uma tradição anticomunista na sociedade brasileira. Entretanto, isto não implica em supor que os argumentos e imagens utilizados em 1964 tenham sido idênticos aos que foram utilizados na década de 1930. As denúncias sobre o “inferno soviético”, por exemplo, tenderam a falar menos da violência, que foi o tema dominante no período anterior, embora a referência a atrocidades que teriam sido cometidas na URSS não tenha desaparecido de todo. Na década de 1960, as críticas tenderam a concentrar-se na tentativa de mostrar o modelo comunista como frágil no aspecto econômico e deficiente no plano social.²⁸⁶

Assim, o golpe civil-militar de 1964, somado à ofensiva político-ideológica dos norte-americanos, tendeu a concentrar-se nos setores mais receptivos ao pensamento anticomunista, como as Forças Armadas, os partidos políticos conservadores e determinados grupos religiosos.²⁸⁷

O golpe civil-militar de 1964 foi uma resposta a tal ofensiva, quando setores expressivos da sociedade se deixaram convencer pelas advertências e campanhas dos anticomunistas, de que o país corria sério risco de comunização sob o governo de João Goulart, que por sua herança política, o trabalhismo de Vargas, e suas ligações com os sindicatos, faziam com que fosse tido, por determinados estratos do conservadorismo político, por esquerdista.²⁸⁸ Entre as forças que tramaram o golpe de Estado também era

²⁸² MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.16.

²⁸³ RODEGHERO. *Revista Brasileira de História*... p.478.

²⁸⁴ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.34.

²⁸⁵ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.286-287.

²⁸⁶ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.301.

²⁸⁷ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.17-19.

²⁸⁸ ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção dos regimes autoritários - Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.73.

corrente a ênfase discursiva nos riscos da influência da Revolução Cubana, ocorrida em 1959, que implementou o primeiro regime socialista no Continente, enfim, no temor do crescimento das esquerdas, tudo isso maximizado pela presença de João Goulart na presidência da República²⁸⁹, tornando-se necessária, e única saída para evitar este cenário, retirar o presidente do poder à força.²⁹⁰

As razões para a emergência deste quadro são tanto de ordem interna quanto externa. No plano internacional, o país foi influenciado pelos acontecimentos que dominavam o Continente. Como antecipado acima, o impacto da Revolução Cubana, e a opção por um governo socialista na ilha, em 1961, a América Latina se viu lançada para o centro da Guerra Fria.²⁹¹ Até então, a região era considerada secundária pelas superpotências. Os norte-americanos mantinham-se atentos e estavam prontos a intervir se achassem necessário, mas entendiam que a América Latina corria riscos menores em comparação a outros continentes.²⁹²

A ditadura originada pelo golpe civil-militar resultou de uma conjunção complexa de condições, de processos e de ações. Ao longo de suas duas décadas de vigência, muitos, em especial grupos empresariais e financeiros, acumularam riquezas, privilégios e favores no processo de afirmação do nacional-estatismo. Como é da natureza de tal conjuntura política, os grupos por ela privilegiados não desejavam a redistribuição de riquezas e de poder. Assim, ainda que tenha havido crescimento econômico notável nos anos iniciais da década de 1970, época do chamado “milagre brasileiro”, o país crescia sem redistribuir renda, ao contrário, concentrava-a. E o sistema ditatorial respondia pela repressão aos que demandassem maior repartição da riqueza nacional.

Mais uma vez, quando surgia o risco de contestação ao *status quo*, os partidários o regime de força apelavam ao imaginário anticomunista, novamente frisando o temor de desordem e de caos sociais, conjuntura que seria marcado pela subversão dos princípios e dos valores vigentes, inclusive dos religiosos. A ideia de que a dita “civilização ocidental e cristã” estava ameaçada no Brasil pelo espectro do comunismo ateu,

²⁸⁹ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.293.

²⁹⁰ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.19.

²⁹¹ ROLLEMBERG; QUADRAT, *A construção dos regimes autoritários - Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*... p.73.

²⁹² MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.286,287.

assombrava muitas consciências, trabalhadas há décadas por meticulosa e persuasiva propaganda contra a dita ameaça vermelha.²⁹³

A questão central na perspectiva religiosa cristã mais tradicional é que o comunismo confrontava fundamentos básicos da fé, tornando-se intrinsecamente mau, e não estava restrito apenas a um programa de revolução social e econômica, mas se constituía numa filosofia e sistema de crenças que concorria diretamente com a religião no intuito de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. O anticomunismo religioso anunciava que a filosofia comunista se opunha aos postulados básicos do cristianismo, negando a existência de Deus e professando o materialismo ateu. Junto disso, ainda segundo essa ótica cristã conservadora, o comunismo propunha a violenta luta de classes em oposição ao amor e à caridade cristã, pretendendo assim substituir a moral cristã e a destruição da família. Com seu eventual êxito, o comunismo traria o desaparecimento da Igreja cristã, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários²⁹⁴, ao destruir os três pilares da sociedade livre: Deus, Pátria e Família.²⁹⁵

A campanha anticomunista do início da década de 1960 foi alavancada por diversas organizações que já existiam antes do golpe, como a organização civil Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), a Sociedade Brasileira da Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) de inspiração católica, a entidade cívico-patriótica Liga da Defesa Nacional (LDN) e o grupo religioso Movimento por um Mundo Cristão (MMC).

Alguns desses grupos possuíam profundos vínculos com valores cristãos, como os Voluntários da Pátria para a defesa do Brasil Cristão, que era um grupo anticomunista ligado à Diocese de Niterói, e a Liga Cristã contra o Comunismo, que tinha a presença de políticos, jornalistas, religiosos, pastores e outros representantes da sociedade civil.²⁹⁶

Essas organizações tinham como atividade principal espalhar a propaganda anticomunista entre diversos setores da sociedade. As representações anticomunistas traziam em seu repertório denúncias acerca dos sofrimentos no mundo comunista, a

²⁹³ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. pp.18-37.

²⁹⁴ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.38-41.

²⁹⁵ ROLLEMBERG; QUADRAT, *A construção dos regimes autoritários - Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*... p.75.

²⁹⁶ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.294-295.

associação do comunismo à imagem do mal, como representações e imagens de demônios, doenças e violência, bem como a incitação a práticas imorais.²⁹⁷

O compromisso dos religiosos para com o anticomunismo não se restringiu ao espaço interno da igreja, ou seja, as possibilidades de doutrinação oferecidas pela pregação nos momentos e no ambiente religioso.²⁹⁸ Sendo assim, na década de 1960, é possível observar um ecumenismo anticomunista. Representantes de igrejas cristãs, judeus, espíritas e até umbandistas ocuparam lugar nas mobilizações do período, onde fiéis de todos os credos eram atraídos para a “frente anticomunista”, pois a postura ecumênica fortalecia a imagem de que o repúdio ao comunismo era um sentimento universal e não atributo de um único grupo. O melhor exemplo desse ecumenismo deu-se na organização das “Marchas com Deus”, em março e abril de 1964. Pastores e rabinos participaram, ao lado dos padres, na preparação das Marchas em São Paulo e no Rio de Janeiro.²⁹⁹

Enquanto fenômeno social, as Marchas podem ser inseridas em um momento em que diversos setores da população saíram às ruas em repúdio ao governo nacionalista de João Goulart, que, segundo acreditavam, tinha aspirações comunistas e seguia para a destruição dos valores religiosos, patrióticos e morais da sociedade. Essas passeatas surgiram como uma espécie de pedido às Forças Armadas por uma intervenção salvadora das instituições, e depois de 31 de março de 1964, foram ressignificadas, transformando-se em uma demonstração de legitimação do golpe civil-militar.

A Marcha de São Paulo, em 19 de março de 1964, que reuniu cerca de 500 mil pessoas na Praça da República, inspirou a organização de atos semelhantes em outras cidades. A estratégia era pressionar o governo de Goulart e sua base de apoio popular, entre eles os comunistas, e fazer frente às mobilizações esquerdistas programadas para os meses seguintes.³⁰⁰

O pedido para a intervenção militar não podia ser mais claro. Sintetizava os desejos dos que compareceram à Marcha. A adesão à manifestação de São Paulo foi expressiva. Foi um movimento majoritariamente de classe média, de pessoas “bem vestidas”. Dentre eles, temia-se fortemente o comunismo. Possuíam o temor de serem esmagados pela inflação e por uma crise econômica. Dentre os elementos do repertório

²⁹⁷ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.301.

²⁹⁸ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.45.

²⁹⁹ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.303-304.

³⁰⁰ CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da família com Deus pela liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. *Revista de História*, São Paulo, n.180, 2021. p.3.

político de direita que circulava entre a classe média, pode-se dizer que o medo do comunismo era o principal.³⁰¹

Programou-se um grande evento para o Rio de Janeiro, no dia 2 de abril, que tornou-se uma comemoração pelo sucesso da campanha anticomunista, com a derrubada do governo de João Goulart. A Marcha do Rio de Janeiro teve os mesmos ingredientes observados na manifestação da Praça da Sé: ataques ao comunismo, acusado de almejar o poder ditatorial para destruir a pátria, família e religiões.³⁰²

As Marchas acabaram por constituir algumas das maiores manifestações públicas de nossa história política, e tornaram-se emblemáticas não só pelo número de manifestantes, como também pela notável estrutura de propaganda a serviço de seus organizadores e capacidade de mobilização popular para a ação política.³⁰³ Tais manifestações pretendiam demonstrar o caráter popular do golpe, uma vez que nesse momento uma grande parcela dos cidadãos ia às ruas comemorar a vitória, dar ação de graças pelo afastamento do comunismo das terras brasileiras.³⁰⁴

O processo de formação da “união sagrada” contra o comunismo se consumou, reunindo as elites empresariais, militares, políticas, religiosas e as classes médias, todos amedrontados mediante a possibilidade de uma suposta ruptura revolucionária. Em meados de março, a formação da frente anticomunista havia se consolidado, compondo um arco de alianças que alcançou praticamente todos os segmentos da elite brasileira, com forte apoio da classe média.³⁰⁵ O medo do comunismo teve o efeito de provocar uma poderosa mobilização conservadora.³⁰⁶

Para legitimar esse pensamento, o pentecostalismo construiu uma história escatológica, a qual a expansão comunista objetivava o fim dos tempos. Assim os crentes pentecostais identificavam nas doutrinas, crenças, profecias e revelações, a resposta para os acontecimentos históricos.³⁰⁷

³⁰¹ CORDEIRO, *Revista de História...* p.17.

³⁰² MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.328.

³⁰³ REIS, *Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à constituição de 1988...* p.74.

³⁰⁴ ROLLEMBERG; QUADRAT, *A construção dos regimes autoritários - Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina...* p.83.

³⁰⁵ CAVALCANTI, *A Igreja, o País e o Mundo - Desafios a uma fé engajada...* p.63.

³⁰⁶ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... pp.326-328.

³⁰⁷ MARTELLI, Lindolfo Anderson. O pentecostalismo em alteridade ao comunismo - Construções imaginárias sobre “o mal que precede o fim dos tempos”. In: *Anais do Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: XXV ANPUH, 2009. p.4. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_1ed85157cb8ac5da20452b5054dfe02b.pdf>. Acesso em: 10 ago 2021.

A constituição do imaginário pentecostal foi pautada em uma interpretação bíblica e uma moral puritana, cujas relações sociais e as aspirações religiosas estavam baseadas em uma profunda mentalidade escatológica.³⁰⁸

A relação entre a mentalidade escatológica pentecostal e o anticomunismo, na cosmovisão da Assembleia de Deus, está associada com o fim dos tempos. Inicialmente, as ações comunistas, as transformações políticas e todo o sistema soviético são interpretados como sinais escatológicos, associando o comunismo às demais catástrofes ligadas ao imaginário, como pestes, terremotos e outros sinais.³⁰⁹

Pode-se então, nesse contexto, salientar a escolha de determinadas imagens que se repetem no tempo e que relacionam o comunismo ao inferno, e os comunistas ao demônio, representando-os como vermes, abutres, polvos, serpentes, e associando-os à doença, ao estrangeiro, à traição, à ilusão. Discurso tão negativo que contribuiu fortemente para o imaginário anticomunista.³¹⁰ O rótulo de comunista poderia, às vezes, ser utilizado para designar inimigos políticos, ou para se referir à pessoas com posicionamentos anticlericais.³¹¹

Pentecostais, fiéis da Assembleia de Deus, quando analisavam as relações sociais, sempre relacionavam os fatos reais a eventos espirituais, não fazendo uma clara separação entre o transcendente e o material. Desta forma, o pensamento pentecostal transformava o comunismo em um inimigo social, contribuidor para o mundanismo, sendo o agente de proliferação de vários pecados que pertencem ao mundo.³¹²

O movimento pentecostal, representado pela Assembleia de Deus, entendia que o comunismo era constituído por um sistema de crenças que concorreria com a religião, a medida que propunha fornecer sentido ao mundo e aos valores humanos. Acreditavam

³⁰⁸ Altamente confuso e esotérico para um leitor não acostumado com a teologia dispensacionista, as profecias escatológicas de Daniel e Ezequiel são utilizadas pelos autores e pastores pentecostais para traduzir os eventos geopolíticos para sua comunidade, de uma forma que o avanço do comunismo em detrimento ao cristianismo, ao invés de gerar insegurança ou uma crise de fé, estes eventos geram uma expectativa escatológica já que os avanços comunistas fazem parte de um plano infalível de Deus, que culminará com a exaltação de Israel, o surgimento do Anticristo e o estabelecimento do reino milenar de Deus. In: RIBEIRO, Filipi dos Santos. Com os pés na terra e os olhos no céu: Conservadorismo político e realinhamento eleitoral dos evangélicos brasileiros nas eleições presidenciais de 1989 e 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2015. p.100.

³⁰⁹ MARTELLI, O pentecostalismo em alteridade ao comunismo - Construções imaginárias sobre “o mal que precede o fim dos tempos”... p.6.

³¹⁰ RODEGHERO. *Revista Brasileira de História*... p.464.

³¹¹ RODEGHERO. *Revista Brasileira de História*... p.485.

³¹² MARTELLI, O pentecostalismo em alteridade ao comunismo... p.5.

que os comunistas eram influenciados por forças satânicas, e que seus ensinamentos eram contrários a fé.³¹³

Por isso, a preferência teológica para uma visão pós-milenarista, em busca de uma coletividade idealizada, em forma de sociedade ética, moral, sem sofrimentos e, sobretudo, próspera. Assim, os fiéis legitimam um novo modelo de vida e forjam uma nova identidade.³¹⁴

Em linhas gerais, deveria ser mais adequado falar em anticomunismos. O anticomunismo, antes que um corpo homogêneo, é, na realidade, uma frente ampla que reuniu grupos políticos e projetos diversos, tendo como o único ponto de união, a recusa ao comunismo.³¹⁵

As relações políticas, culturais e religiosas exibem a identidade do grupo religioso que as põem em prática. No caso da cultura evangélica, observa-se a tendência da religiosidade autônoma, em que os indivíduos buscam satisfazer seus interesses pessoais para formar visões de mundo, afirmar ou questionar sua identidade. A família foi considerada pelos evangélicos e católicos conservadores o bastião de resistência às mudanças socioeconômicas e culturais do século XX.³¹⁶

Na década de 1960, surgiu o primeiro candidato oficial de uma igreja pentecostal. Levy Tavares foi candidato e eleito a deputado federal, em 1962, pelo Partido Social Democrático (PSD). Com o bipartidarismo imposto pelo regime ditatorial originado do golpe de 1964, passa ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo reeleito em 1966. Na eleição de 1970, troca novamente de partido e ingressa na ARENA, partido que dá sustentação ao regime ditatorial, e se torna suplente do mandato. A presença de pentecostais na política durante a ditadura revela a afinidade da religião com o regime, e como a representatividade nos cargos políticos permaneceu estável durante todo o período (1964-1985).³¹⁷

A conhecida expansão do pentecostalismo brasileiro, na década de 1970, tem uma intrínseca relação com as condições sociais, culturais e materiais estabelecidas, que

³¹³ MARTELLI, O pentecostalismo em alteridade ao comunismo... p.6.

³¹⁴ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.327.

³¹⁵ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.32.

³¹⁶ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.327.

³¹⁷ GONÇALVES, PEDRA, *Diversidade Religiosa ...* p.86.

buscavam reorganizar a vida das pessoas, com o intuito de propiciar novas formas de relação de trabalho, lazer, sociabilidade e religiosidade no espaço urbano.³¹⁸

Durante as décadas de 1960 e 1970, o protestantismo brasileiro ocupa um lugar de destaque na ditadura. Ainda assim, vozes minoritárias e dissonantes buscavam se manter distantes em algumas denominações históricas como as de tradição metodista, batista e luterana. Enquanto parte significativa da Igreja Católica no Brasil se manteve distante de apoiar os militares, alguns setores mais conservadores da Igreja Católica apoiava e buscava apoiar o regime imposto pela ditadura. Mesmo não sendo uma totalidade entre as religiões cristãs, a associação do protestantismo não era com democracia, mas com a repressão.³¹⁹

Os militares eram movidos por um tipo de utopia autoritária na qual o Brasil só se tornaria uma grande potência se eliminasse a subversão e a corrupção que eles entendiam existir sobretudo entre os políticos civis, notadamente os que haviam sustentado os governos populistas de Vargas e Goulart. Por este motivo, uma das bandeiras dos golpistas de 1964 era o combater à corrupção. Os militares viam os políticos como demagógicos e subornáveis. Esse era um discurso ético-moral, que supunha mais amplamente que os brasileiros eram despreparados e incapazes de viver a democracia, sendo necessário, portanto, prepará-los, coibindo práticas como a corrupção e outros desvios.³²⁰

A opção pentecostal pela adesão ao poder tem relação com o momento histórico específico, refletindo mudanças na apreensão da realidade. O processo de mudança social do protestante brasileiro, quanto ao poder político, irá ocorrer a partir de uma mudança de mentalidade.³²¹

O ano de 1974 ficou marcado para considerável parte dos evangélicos. Um protestante, pela primeira vez, assumiu o maior cargo público do país. Foi indicado pelas Forças Armadas o general Ernesto Geisel, de tradição luterana, para assumir a presidência da República, e a sua eleição pelo Colégio Eleitoral ressoou entre as mais variadas

³¹⁸ LOPES, A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal... p.43.

³¹⁹ FRESTON, *Lusotopie...* p.332.

³²⁰ FICO, Carlos. História do Brasil Contemporâneo: Da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Editora Contexto, 2016. pp.67,74.

³²¹ SANTOS, José Siderio dos. *Política e Religião - Um estudo da bancada evangélica eleita por São Paulo em 2002 para o congresso nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. pp.71-73.

denominações evangélicas³²², principalmente pela Assembleia de Deus que já havia se tornado a maior denominação pentecostal em território brasileiro.³²³

Pode-se afirmar que foi notório o crescimento quantitativo do protestantismo brasileiro durante o período repressivo (1968-1978). A evasão de jovens diminuiu e as conversões de pessoas de classe média eram vistas com mais frequência. As matrículas nos seminários teológicos cresceram, e a produção musical e programas evangélicos, que eram veiculados no rádio e na tv, aumentaram consideravelmente. Novas livrarias e editoras foram fundadas, com maior variedade de livros à disposição do público.³²⁴

No caso da Assembleia de Deus, as transgressões enquanto desobediência ao regime foram excepcionalmente raras durante o período militar. Mas, a partir da segunda metade da década de 1980, com o restabelecimento de um governo civil no país, a organização de uma Assembleia Nacional Constituinte e a diminuição da censura, a Assembleia de Deus foi inserida em um novo cenário, sendo forçada a fazer adaptações.³²⁵

2.3 Pentecostalismo e a abertura política

A religiosidade de cunho pentecostal, em especial no final da década de 1970 e 1980, encontrou muitos canais de comunicação, por vezes conflitivos com a sociedade, em um tempo especialmente importante em que o Brasil transitava de um regime autoritário para um modelo democrático. Desta forma, a questão relevante que se apresentou nesse contexto foi a participação política dos pentecostais no processo de abertura política e redemocratização, que se caracterizou com crescente atuação na mídia e na política.³²⁶

Se, por volta dos 1970, os evangélicos limitaram sua ação proselitista midiática ao rádio e aos impressos, na década de 1980, a consolidação dos hábitos em relação ao uso da televisão, ocorreu de forma massiva, com a entrada desses grupos religiosos no

³²² ALMEIDA, *Pelo Senhor, marchamos...* p.128.

³²³ Momento registrado no Jornal *Mensageiro da Paz* de agosto de 1973, sobre a sucessão militar da Ditadura Militar, quando o General Ernesto Geisel foi anunciado para substituir na presidência o General Garrastazu Médici.

³²⁴ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.237.

³²⁵ ALMEIDA, *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)...* p.165.

³²⁶ PEDDE; SANTOS. *História Unisinos...* p.285.

então principal veículo de comunicação social³²⁷, o que possibilitou a comunicação em massa de suas mensagens e interesses.³²⁸

No final dos anos 1970 e na década de 1980, houve profundas mudanças políticas no Brasil. Revogado o Ato Institucional nº5 (AI-5), sustentáculo legal da ditadura, os presos políticos foram libertados, os exilados retomaram, a censura foi extinta e os partidos, sindicatos e outras associações passaram a se organizar livremente. Com o fim do AI-5 e a sanção da Lei da Anistia³²⁹ em 1979, surgiu-se então, um clima de esperança e liberdade.³³⁰

Esse ambiente, contudo, foi abalado por alguns reveses. A anistia ampla, também deixou impunes os torturadores. No final do governo do general Figueiredo, o último general-presidente, a campanha pelas Diretas Já, que levou multidões às ruas do país em 1984, foi enfraquecida pelas elites, que consolidaram a transição “lenta, gradual e segura” pela via indireta do Colégio Eleitoral.³³¹

O pentecostalismo, enquanto prática religiosa, está bem entrosado com os diferentes preceitos do capitalismo, servindo ao mesmo tempo aos interessados em consumir os serviços oferecidos pelo sagrado, que em certa medida parece servir para ascensão social em diferentes formas de conquista.³³²

Outro aspecto é a crise econômica que se arrasta do fim dos anos 1970, com a derrocada do milagre econômico e durante toda a década de 1980, que foi muito afetada

³²⁷ O pioneiro foi Manoel de Mello, da Igreja O Brasil para Cristo, mas seu programa teve curta duração. Posteriormente, Walter McAllister influenciado pelos televangelistas americanos como Billy Graham e Jimmy Swaggart, ocupou a grade da TV Tupi entre 1965 e 1967. Seu trabalho influenciou Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, que a partir da década de 1980 faz inserções cada vez maiores até a aquisição da Rede Record em 1989. DE SANTI, Alexandre; BRUM, Maurício. Como os programas evangélicos ganharam as rádios e TVs do Brasil. Revista Superinteressante. 16 mar. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/como-os-programas-evangelicos-ganharam-as-radios-e-tvs-do-brasil/>>

³²⁸ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.327.

³²⁹ BRASIL. Lei nº 6683, de 28 de agosto de 1979, concede anistia e dá outras providências. Art. 1º - É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidos da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, 28 ago 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=1%C2%BA%20C3%89%20concedida%20anistia%20a,de%20funda%C3%A7%C3%B5es%20vinculadas%20ao%20poder>. Acesso em: 15 out 2022.

³³⁰ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.238.

³³¹ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.239.

³³² LOPES, A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal... p.44.

pela hiperinflação e agravada pelos planos econômicos que não lograram êxito, que tendia a neutralizar os efeitos tradicionais da conversão, como a vida honesta distante dos jogos de azar, a imagem de bom cidadão pagador de todos os seus impostos e mantenedor da família com um trabalho regular e não dado a vadiagem.

Na perspectiva pentecostal, a política partidária tem sido buscada para garantir uma ampliação da legitimidade social, da maior segurança de atuação dessas denominações frente ao poder estatal e maior presença na mídia. Sem dúvidas, está é uma demonstração de vigor na disputa e nos conflitos do campo religioso, mas acaba se enquadrando nas regras institucionais do Estado brasileiro.³³³

Os sujeitos religiosos como o conhecido pastor Silas Malafaia, pastor Marco Feliciano e o Bispo Manoel Ferreira, oriundos da Convenção Geral da Assembleia de Deus, o Bispo Edir Macedo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus que hoje protagonizam diversas situações da política nacional por meio de ações públicas e opinativas acerca de temas públicos como por exemplo, as questões de gênero, que estimulam banalização do ódio e da violência, iniciaram a trajetória pública na década de 1980³³⁴, quando as mudanças políticas permitiram o surgimento de novos personagens.

O fim do bipartidarismo, o início das eleições diretas e uma nova Constituição foram eventos da história recente que possibilitaram novos nomes e grupos para a política brasileira, como o Bispo Rodrigues da Igreja Universal do Reino de Deus, e a deputada Benedita da Silva e os demais candidatos eleitos pela Assembleia de Deus.

Nesse período da década de 1980, os pentecostais já estavam inseridos em diferentes pleitos eleitorais desde as eleições de 1982, por meio de diferentes partidos políticos como o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo Partido Liberal (PL).

As relações entre pastores e partidos se estabeleceram a partir de articulações políticas representativas, e enredos que foram constituídos no contexto social em que a condição da economia se agravava progressivamente.³³⁵

³³³ PEDDE; SANTOS. *História Unisinos...* pp.294-295.

³³⁴ Ainda em 1980, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inaugurou um novo padrão de classificação religiosa, distinguindo protestantes históricos e pentecostais. Nessa época, os protestantes históricos ainda compunham a maior parte da parcela evangélica brasileira, representando cerca de 51% do total. GOUVÊA NETO, *Interações...* p.325.

³³⁵ LOPES, A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal... p.121.

Nesta eleição de 1982, vários candidatos pentecostais a cargos legislativos e executivos distribuíram-se pelos vários partidos, independente do apoio prestado ao regime. Apesar do pluripartidarismo, o partido do governo (PDS) congregou a maioria dos candidatos e dos eleitores crentes. Houve, não obstante, os que se filiaram aos partidos da oposição, inclusive ao Partido dos Trabalhadores (PT). Apesar da preferência pelo situacionismo, eleitores e candidatos se espalharam por outras áreas, a fim de que tivessem mais oportunidades de ocupar as cadeiras legislativas.³³⁶

Do mesmo modo, na década de 1980, durante o governo Sarney já era notória a proximidade entre igrejas pentecostais, políticos e partidos que se definiam como de direita, desvelando uma forte adesão ao poder.³³⁷ Então, desde a redemocratização, a política protestante foi transformada, tornando-se muito mais visível.³³⁸ Os discursos e projetos nas igrejas pentecostais fez surgir coligações que conseguiram eleger candidatos que formaram a chamada “bancada evangélica”³³⁹, indicando uma rede de relações com interesses reais e realizações propositivas.³⁴⁰ Em tal aproximação com a política, em especial, a partir dessas eleições pluripartidárias de 1982, os evangélicos passaram a almejar maior legitimidade diante da sociedade, deixando definitivamente de lado, um pensamento defendido por alguns líderes: “crente não se mete em política”.³⁴¹

A transformação desses valores evangélicos mudou o modo de agir e pensar, reformulando identidades. A imagem do crente ascético, apolítico e sectário não combina mais com o discurso de uma instituição mais moderna e adepta às tecnologias e sociedade e, a antiga máxima, que anatematizava o século e a política, deu lugar à expressão “irmão vota em irmão”, valorizadora da busca por representatividade em várias esferas de poder.³⁴² Esse discurso ainda ressoa com certo pragmatismo³⁴³ no pensamento “é dando que se recebe”³⁴⁴.

³³⁶ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* p.244.

³³⁷ SANTOS, *Política e Religião - Um estudo da bancada evangélica eleita por São Paulo em 2002 para o congresso nacional...* p.76.

³³⁸ FRESTON, *Lusotopie...* p.335.

³³⁹ A bancada evangélica, de maioria notadamente pentecostal, surge com a presença dos candidatos evangélicos eleitos para a Assembleia Constituinte em 1986.

³⁴⁰ LOPES, *A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal...* pp.123-127.

³⁴¹ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: O jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, 2014. p.282

³⁴² GOUVÊA NETO, *Interações...* p.328.

³⁴³ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.240.

³⁴⁴ Expressão atribuída originalmente a São Francisco de Assis, deturpada pelo então deputado federal Roberto Cardoso Alves. Líder conhecido do Centrão, referia-se ao apoio às manobras dedicadas a ampliar

A “bancada evangélica”, formada pelos “políticos de Cristo”, marca uma nova geração de políticos evangélicos, surgida em um contexto de crescimento da presença pentecostal no Brasil, que fez os pentecostais saírem de um território quase marginalizado para assumir uma atuação mais sistemática e calculada no panorama político. A intenção é eleger um Presidente da República evangélico. Trata-se, porém, de um sonho com lastro messiânico-milenarista, no qual há sempre um salvador, no caso, um “salvador da pátria”, um “político de Cristo”, que iniciará uma nova estirpe de políticos para o Brasil.³⁴⁵

Nesse imaginário, onde política e religião se misturam, prevalece a definição religiosa sobre a natural. O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer vitória do Bem sobre o Mal, tratando-se, portanto, de um líder religioso e político. O líder tem tal status não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais e extraordinárias lhe dão autoridade. Trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age somente graças ao seu dom pessoal, colocando-se fora ou acima da hierarquia estabelecida, desautorizando-a ou subvertendo-a, impondo a ruptura de ordem estabelecida, ruptura essa que pode ser breve ou de longa duração.³⁴⁶

A partir dessa explicação, entende-se por carismática a pessoa que é considerada extraordinária em algo, que não se compara a nenhuma outra pessoa, alguém exemplar para a humanidade e que se assemelhe a um emissário divino revelado aos homens. Essa perspectiva corrobora uma espécie de sincretismo político-religioso, que contribuiu para ministrar a democracia brasileira no período.³⁴⁷

De acordo com a retórica desses políticos pentecostais, o Parlamento se torna o lugar central de disputas e lutas para implantação de valores morais cristãos na sociedade. A batalha pentecostal, antes mística, a partir dessa inserção religiosa da política, se torna física, cabendo aos representantes religiosos lutarem, por meio de projetos e conchavos

o mandato do Presidente José Sarney, que em troca oferecia favores atraentes, como concessões de emissoras de rádio e televisão.

¹²⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” - Uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: Texto preparado para o GT Religião e Sociedade. Caxambu: XXVI ANPOCS, 2002. p.7. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt18-19/4486-lcampos-os-politicos/file>>. Acesso: 01 jan 2022.

³⁴⁶ QUEIROZ, Maria Isaura de Pereira. *Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965. p.5.

³⁴⁷ CASSIN, Max David Rangel. O Messias não prometido. In: Anais do 2º Encontro Internacional: História e Parcerias. Rio de Janeiro: Anpuh/RJ, 2019, p.3. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1568655785_ARQUIVO_514726498ca890992d81bd441c1386c5.pdf>. Acesso: 06 fev 2022.

políticos, com o objetivo de tornar o Brasil um paraíso terrestre.³⁴⁸ O mundo continua condenado, e o crente luta para torná-lo um paraíso na Terra. A crença na teologia da prosperidade e a guerra contra o diabo ajudam a legitimar, aos olhos dos fiéis, a participação das lideranças evangélicas na arena política.³⁴⁹

Então, o surgimento dessas candidaturas pentecostais significou mais que apenas uma proposta teológica. Elas estavam relacionadas aos interesses dos próprios representantes pentecostais, que buscariam se fortalecer diante de sua igreja e no próprio campo evangélico. Com maior presença na vida pública e acesso aos recursos públicos para uma franca expansão numérica de seus fiéis no Brasil, visavam reagir às mudanças de valores e costumes no ambiente social brasileiro advindas da redemocratização, vistas como uma ameaça à socialização evangélica.³⁵⁰

A Assembleia de Deus enfrentou uma série de pressões sociais relacionadas às mudanças que aconteceram no Brasil na década de 1980, como um novo governo, nova Constituição, novas manifestações políticas e culturais e diversos planos econômicos, que pressionavam a principal denominação pentecostal na penúltima década do século XX.³⁵¹

Os pentecostais brasileiros saíram de seus casulos religiosos e passaram a assumir uma posição pró-cultura, organizando as demandas de seus fiéis e introduzindo suas pautas próprias de costumes outrora circunscrita ao ambiente eclesiástico, mas agora presente na ordem política da sociedade.

A política eleitoral é um tema tratado no púlpito da Igreja, onde há grande influência das lideranças religiosas sobre os fiéis, e assim, a igreja se transforma em uma base eleitoral importante para eleger um político que se apresenta como cristão.³⁵²

O sucesso do projeto político pentecostal se deu por causa da proximidade que a igreja tem com o fiel, assim como pelas influências que ela exerce na vida dos devotos. Com uma pauta voltada para a família e a moral cristã, o segmento conseguiu legitimar sua presença na arena política e remodelar a identidade de seus membros que antes eram apolíticos. Além disso, a própria estruturação das igrejas pentecostais, pelo fato de serem

³⁴⁸ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.328.

³⁴⁹ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.328.

³⁵⁰ LACERDA, *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo...* p.39

³⁵¹ FONSECA, *Revista Brasileira de História...* p.279

³⁵² MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.2, 2005. p.392.

dispostas de forma centralizada e oligárquica, dá suporte aos dirigentes para que tomem suas decisões, e assim, as transmitam diretamente aos seus fiéis.³⁵³

O aumento da membresia relaciona-se, em potência, com o aumento do cabedal político da denominação. Alguns políticos ingressaram nas igrejas e continuaram fazendo sua militância política entre os fiéis da própria igreja³⁵⁴. Deste jeito, se o político consegue a anuência dos dirigentes da denominação para participar dos cultos, distribuir material da campanha e falar com os fiéis, ele não só tem a oportunidade de ter acesso a um grande público, como também pode ser reconhecido como um representante dos cristãos. Ou seja, na lógica dos dirigentes partidários, os pentecostais que disputam uma vaga no poder legislativo podem contar com os votos dos irmãos de credo, potencializando suas chances de vitória eleitoral.³⁵⁵

Um determinado líder da Assembleia de Deus, diz: “somente os eleitos de Deus devem ocupar os postos-chave da nação”. A pretensão é óbvia. É difícil para a denominação imaginar outro papel político para si mesma, pois sempre se viu como moralmente superior. Por este motivo, com relação ao poder secular, ela tem dificuldade em integrar-se em pé de igualdade com outros participantes; só admite ser marginalizada, vendo o século e a atividade política como decaída, postura vigente no passado, ou ser cabeça, propondo-se, pela política “salvar” a nação da corrupção moral.³⁵⁶

Há um triunfalismo baseado na ideia de que os evangélicos tem um direito divino de governar. Este direito de governo se liga com conceitos de batalha espiritual. Creem que a transformação do Brasil há de começar pela restauração espiritual da nação, e que Deus está levantando homens cheios do Espírito para a tomada dos postos de comando. Ou, nas palavras do presidente do Conselho nacional de pastores: “como seres espirituais, nascidos de novo, somos a nata da sociedade. A Igreja tem a resposta que os políticos procuram”.³⁵⁷

A Assembleia Constituinte que redigiu a Carta Magna de 1988 inaugurou, desde sua fase preparatória, anterior ao pleito de 1986, que elegeu os deputados e senadores constituintes, uma nova era para os evangélicos na política, cuja atuação foi cada vez mais

³⁵³ GOUVÊA NETO, *Interações...* p.331.

³⁵⁴ SANTOS, *Política e Religião - Um estudo da bancada evangélica eleita por São Paulo em 2002 para o congresso nacional...* p.75.

³⁵⁵ MACHADO, *Estudos Feministas...* p.393.

³⁵⁶ FRESTON, *Lusotopie...* p.338.

³⁵⁷ FRESTON, *Lusotopie...* p.338.

marcada pelas igrejas pentecostais. Foram 32 evangélicos eleitos para a Assembleia Constituinte de 1986, sendo 18 deles pentecostais. A presença evangélica nesta Constituinte e sua crescente participação nas eleições brasileiras explicaria porque a arena eleitoral teria se tornado objeto privilegiado dos estudos sobre evangélicos e política no Brasil.³⁵⁸

Os evangélicos participaram de maneira reduzida, tímida e individual da campanha pelas Diretas Já, de 1984. Foi na campanha pela Constituinte que houve uma presença mais nítida e articulada. O Movimento Evangélico Pró-Constituinte foi organizado na maioria dos Estados. Candidatos foram lançados por diversas denominações pentecostais, que antes eram baluartes da alienação, sendo vários deles eleitos, constituindo grande representação no Congresso Nacional.³⁵⁹

Malgrado os obstáculos, distorções e limitações, chegamos à Constituição Federal de 1988, restaurou-se o Estado de Direito, a democracia formal e as liberdades públicas. Porém, permanecem problemas de ordem econômica e social, como a manutenção da desigualdade social e a má distribuição de renda, e também a manutenção, na esfera pública de políticos que foram defensores do regime ditatorial inaugurado nos anos 1960.

Nesse competente processo de manutenção e circulação de elites, promovem-se alianças espúrias e promiscuidades ideológicas, com a cooptação de democratas e progressistas de outrora, para servirem de fachada para novas fórmulas de manutenção do poder.³⁶⁰

Avança a chamada “privatização da religião”. Aumenta o contingente das pessoas que mantêm a identidade religiosa e a crença, mas preferem fazê-lo fora das instituições religiosas. O pentecostalismo continua crescendo vigorosamente, mediante o proselitismo pessoal, midiático e a oferta sistemática de serviços mágico-religiosos para a solução de problemas pontuais e imediatistas de saúde, psicológicos, familiares e financeiros. As suas promessas mágicas e taumatúrgicas aproveitam-se, sobretudo, da vulnerabilidade social de parcela considerável da população brasileira.³⁶¹

³⁵⁸ LACERDA, *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo...* p.37.

³⁵⁹ CAVALCANTI, *Cristianismo e política ...* p.240.

³⁶⁰ CAVALCANTI, *A Igreja, o País e o Mundo - Desafios a uma fé engajada...* p.64.

³⁶¹ O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Entrevista concedida por e-mail a Revista Cadernos IHU em Formação. A grande transformação no campo religioso brasileiro, São Leopoldo, ano 8, n.43, 2012. pp.8-10.

O crescimento do pentecostalismo na política partidária brasileira mostra o quanto se alastra a influência religiosa na política, e isso causa preocupação com a possibilidade de que, a longo prazo, se desenvolva um modelo teocrático de governo.³⁶²

Observa-se, desta forma, uma crescente ocupação religiosa da esfera política. Pastores pentecostais, a cada pleito, buscando transformar seus rebanhos religiosos em currais eleitorais, com intuito de eleger seus próprios representantes, e apoiar outros candidatos em troca de benesses e privilégios. Essa forma predominante de política pentecostal busca fortalecer lideranças internas, acessar recursos para a expansão religiosa e disputar espaços na religião civil³⁶³, tudo sob a justificativa de defender seus valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública.³⁶⁴

Tal concepção de política e sua decorrente prática na esfera pública estão fortemente identificadas com questões de interesses internos do pentecostalismo. A proposta de ajudar o povo e defender valores caros à membresia, expressa, e ao mesmo tempo reforça, a política de proteção e assistência. Neste ponto, o político, em troca de seu apoio parlamentar, pressiona o governo para assumir seu papel protetor. Essa relação está em consonância com a visão predominante nos setores sociais de maior expansão do pentecostalismo, como os pobres e pouco escolarizados.³⁶⁵

Uma análise recente dos valores políticos dos brasileiros demonstra que os “que esperam do Estado uma política mais protecionista” são justamente os menos instruídos, que tendem a ser mais passivos, mais religiosos e mais preconceituosos. Nessa perspectiva, estamos diante de um círculo vicioso em que a sociedade espera um Estado protetor, e a classe política faz com que o governo assuma esse papel para manter um estilo de dominação.³⁶⁶

A imagem do pentecostalismo não pode mais ser vista solta e dissociada da sociedade brasileira. O pentecostalismo brasileiro foi e continua sendo um produto social. Não é apenas um fenômeno religioso, trazido por missionários estrangeiros, mas uma

³⁶² PEDDE; SANTOS. *História Unisinos...* p.285.

³⁶³ FRESTON, *Lusotopie...* p.336.

³⁶⁴ O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Entrevista concedida por Ricardo Mariano a Revista Cadernos IHU em Formação por e-mail. A grande transformação no campo religioso brasileiro, São Leopoldo, ano 8, n.43, 2012. pp.98-99.

³⁶⁵ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e Religião - A participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.158.

³⁶⁶ MACHADO, *Política e Religião - A participação dos evangélicos nas eleições...* p.158.

experiência religiosa que incorporou traços culturais e religiosidade popular preexistentes.³⁶⁷

Sob a perspectiva política, a inserção dos pentecostais na praça pública não fez, e ainda não faz avançar a democracia em nosso país. Além disso, revelou-se uma grande capacidade de transferir a influência da esfera religiosa para a política.³⁶⁸

Constitui-se tão somente em mais uma força, entre outras, que retira de seu discurso religioso a fundamentação, ideológica inclusive, para a influência pública. Mesmo com sua presença cada vez mais pujante e influente no espaço público, o pentecostalismo ainda mantém um discurso desfavorável às instituições, às eleições e aos partidos políticos.³⁶⁹

A relevância da crença religiosa para o campo político é progressivamente demonstrada pelos fatos. O fenômeno tende a ser reduzido a um grupo de interesse, todavia, os pentecostais foram à política em busca de recursos para potencializar o capital simbólico acumulado em suas instituições religiosas.³⁷⁰

Ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil contribuiu para um declínio numérico da Igreja Católica³⁷¹, e na segunda onda, pentecostalizar parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo. O ativismo pentecostal na política partidária, por sua vez, tornou-se um elemento constitutivo da democracia brasileira nas últimas décadas.³⁷²

Depois de um século, o crescimento continua majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, entre as camadas mais pobres da população nacional. O pentecostalismo, embora contenha um contingente de classe média, recruta a maioria de seus adeptos entre os pobres das periferias. Sua base social circunscrita às classes populares faz com que o pentecostalismo, não obstante de sua vertiginosa expansão

³⁶⁷ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* p.253.

³⁶⁸ MACHADO, *Estudos Feministas...* p.393.

³⁶⁹ PEDDE; SANTOS. *História Unisinos...* pp.294-295.

³⁷⁰ FERNANDES, *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política...* p.135.

³⁷¹ O declínio numérico do catolicismo no Brasil, deve-se em grande parte ao número de indivíduos batizados e não necessariamente de praticantes.

³⁷² O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Entrevista concedida por e-mail a Revista Cadernos IHU em Formação. A grande transformação no campo religioso brasileiro, São Leopoldo, ano 8, n.43, 2012. p.98.

numérica e de seu crescente poder político e midiático, mantenha-se numa posição claramente subordinada ao campo religioso brasileiro. Seu baixo prestígio social deriva de sua postura sectária e da crença baseada no monopólio dos bens ditos de salvação e de determinada verdade apresentada por divina.³⁷³

Na trajetória histórico-religiosa do pentecostalismo há, sem dúvida, gestos claros de uma mudança de ótica em relação a sociedade e na prática político-partidária, embora ainda esparsos e parciais. Pode-se dizer que a experiência pentecostal, em sua forma particular de implantação, abrigou-se. Não no sentido de que absorveu apenas elementos culturais. Mas no fato de que no plano sócio-político conseguiu, de certa forma, mesmo que parcialmente, descobrir as aspirações mais profundas das classes populares, e estas buscaram demarcar lugares, com exigências de participação, como uma nova conquista.³⁷⁴

Desta maneira, o pentecostalismo assumiu novos traços, diferentes até dos que já possuiu outrora. E isso mais por exigência das condições sociais concretas e da ação de novos agentes, do que propriamente pela força das crenças.

³⁷³ O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Entrevista concedida por e-mail a Revista Cadernos IHU em Formação. A grande transformação no campo religioso brasileiro, São Leopoldo, ano 8, n.43, 2012. p.99.

³⁷⁴ ROLIM, *Pentecostais no Brasil...* pp.259-260.

Capítulo III - O Pentecostalismo pelas páginas do *Mensageiro da Paz*.

Ao longo de pouco mais de um século, a Assembleia de Deus enquanto instituição religiosa esteve sujeita às diversas pressões advindas das mudanças que ocorreram no Brasil durante o século XX. Entre tais câmbios, destacam-se mudanças de governo, os diversos planos econômicos adotados no Brasil, a outorga ou promulgação de várias Constituições, e diversos movimentos culturais que alcançavam diversas camadas da sociedade.

Desde o início de sua circulação na década de 1930, o periódico da Assembleia de Deus – o *Mensageiro da Paz* – pautava prioritariamente estudos bíblicos, decisões de seus líderes e mensagens bíblicas variadas. No entanto, ao longo das décadas posteriores, este nunca abandonou as questões da política brasileira que interessavam à Assembleia de Deus. Assim, enquanto órgão oficial, o *Mensageiro da Paz*³⁷⁵, ao passo que era utilizado a serviço da evangelização e da propagação dos valores defendidos pela denominação, também era um instrumento a ser usado pela Igreja nos momentos de tensões sociais e políticas no Brasil.

Deste modo, neste derradeiro capítulo, por intermédio do *Mensageiro da Paz*, buscamos compreender como a imprensa, enquanto documento de pesquisa, serve para ampliar nossa compreensão sobre a variedade de fontes históricas encontradas nos periódicos.³⁷⁶ Além disso, deve-se ressaltar como é importante identificar a relevância histórica dessas publicações em determinados momentos, e como elas atuam em conjunturas distintas diante de forças ou grupos que podem ser identificados como aliados ou adversários nas mais variadas situações.³⁷⁷

³⁷⁵ Nos números iniciais o *Mensageiro da Paz*, publicava apenas amenidades como breves artigos teológicos, poesias, notícias sobre o nicho pentecostal divididas nas seções intituladas como: Na Seara do Senhor, Breves Monções e Testemunhos. Também possuía anúncios comerciais sobre a venda de literatura pentecostal e a relação com os endereços das Igrejas e de seus pastores.

³⁷⁶ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.255, 2007.

³⁷⁷ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.283, 2014.

Mesmo que o termo *imprensa* seja usado para denominar qualquer material impresso³⁷⁸, e a Assembleia de Deus produza um variado leque de impressos, o recorte escolhido é o da imprensa periódica.

Os meios de comunicação impressos têm sido fonte perene de pesquisa. Rapidamente percebe-se que os jornais são um manancial de informações sobre determinado período. Por eles, é permitido acessar ideias, conflitos, fatos diversos e, nesse sentido, transformam-se em um relato proveitoso para o historiador.³⁷⁹

Admitir a importância desses impressos é reconhecer o jornal como um dos principais anais de informação histórica, e como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de informação, de modo a possibilitar a escrita da História por meio da imprensa.³⁸⁰

A imprensa se constitui, ao mesmo tempo, fonte de pesquisa e lugar de memória, uma vez que produz e registra os acontecimentos de uma época. Além de um veículo de comunicação, a imprensa é um agente social que introduz novas formas de pensar e também de interpretar as aspirações e demandas da sociedade.³⁸¹

Até o início do século XX, os periódicos não eram tomados como objetos de estudo. No entanto, com a renovação dos estudos históricos e a ênfase numa abordagem que privilegiava o socioeconômico, a imprensa entrelaçou-se às discussões sobre ideologia e política.³⁸²

No ensino e na investigação da História sobre os mais variados temas, a utilização de materiais da imprensa está cada vez mais generalizada. Nas últimas décadas, incorporou-se a perspectiva de que a imprensa, além de documento, é também monumento, remetendo ao campo da subjetividade e da intencionalidade com o qual pretendemos lidar.³⁸³

³⁷⁸ MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.17, 2007.

³⁷⁹ CARVALHO, Alessandra. “Contando a história” da ditadura civil-militar: grande imprensa e a construção da memória no Brasil democrático. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (Org.). História e memória das ditaduras do século XX. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p.395.

³⁸⁰ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp.111-118.

³⁸¹ SETEMY, Adrianna. 1968: Ao passado presente nos meios de comunicação de massa. In: DAHAS, Nashla; RIBERTI, Larissa Jacheta; JOFFILY, Mariana (Org.). 1968 - Perspectivas desde o tempo presente. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p.115.

³⁸² MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, v.3, n.3, pp.17-18, 2007.

³⁸³ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.255, 2007.

A renovação historiográfica que alcançou as abordagens políticas e culturais proporcionou a devida importância à imprensa, que passou a ser considerada fonte documental e agente histórico capaz de intervir nos processos e episódios. Uma força ativa e não um mero registro de acontecimentos ou simples inventário de fontes. Constitui-se, assim, um espaço privilegiado de elaboração de ideias, projetos e embates, em contato com outras instâncias e atores coletivos.³⁸⁴

Tais renovações no estudo da História política não poderiam ser negadas à análise da imprensa a partir de preocupações historiográficas, posto que a imprensa registra através das notícias os embates que ocorrem na arena do poder. O principal resultado dessas transformações no estudo da imprensa reside na forma de abordar a notícia, pois o historiador dispõe de ferramentas para a análise do discurso que problematizam a identificação entre a narração do acontecimento e o acontecimento de fato.³⁸⁵

Nesse caso, o pesquisador que trabalha com as notícias dos periódicos precisa levar em consideração, por exemplo, as motivações que levaram à decisão de dar publicidade e destaque a tal acontecimento.³⁸⁶

Entender o periódico enquanto ator do sistema político é compreender que este mobiliza recursos para alcançar seus objetivos, que precisam estar devidamente alinhados com a empresa editora a quem representa, tal qual um grupo de interesse, que para alcançar seus objetivos, necessita narrar e comentar temas relevantes como política, sociedade, economia e cultura perante os seus leitores.³⁸⁷

A análise historiográfica nos mostra que a política é o lugar das contradições que mais tem desafiado a capacidade de adaptação das igrejas, sobretudo, as pentecostais no Brasil. Em todos os planos, essas igrejas, no curso do processo eclesial-civil, de acordo com a conveniência, assumem uma forma mais moderada ou mais agressiva nos seus discursos e práticas.³⁸⁸

³⁸⁴ MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.20, 2007.

³⁸⁵ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp.138-139.

³⁸⁶ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.140.

³⁸⁷ BORRAT, Héctor. El periódico, actor del sistema político. *Revista Anàlisi*, Barcelona, n.12, pp.68-69, 1989.

³⁸⁸ LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *Igreja e Política no Brasil*. Coleção cadernos de história da igreja no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

Desse modo, a articulação entre o estudo do político e suas múltiplas possibilidades de abordagem, e o uso das fontes de mídia impressa têm ampliado a compreensão de determinadas práticas da História brasileira no século XX.³⁸⁹

Além de considerar a imprensa como um agente histórico, ela também pode ser lida como fonte documental, ganhando uma dimensão que geralmente é atribuída aos livros. Assim, a imprensa é tomada como portadora de conteúdos que formulem, de modo mais consistente, ideias, tendências e projetos.³⁹⁰

O *Mensageiro da Paz*, enquanto imprensa escrita, servirá de fonte para entendermos as especificidades reveladoras de sua ideologia e de seus contatos com o poder. Para Derocina Alves Campos Sosa:

Os jornais estão localizados na encruzilhada desses elementos: estado, política e poder, combinando-se com eles, ora endossando o discurso oficial, ora opondo-se a ele. O uso de fonte jornalística como instrumento a ser utilizado em história política, conseqüentemente, não tem como deixar de levar em consideração o viés ideológico, presente ou na feitura do texto ou em sua leitura à época em que foi produzido.³⁹¹

Esses jornais de temática específica, como o *Mensageiro da Paz*, são editados como porta-vozes de um determinado grupo com princípios e interesses comuns. Essa imprensa alternativa, como um periódico de menor porte, ainda representa os interesses de grupos até então minoritários, com seus projetos de interesse nacional mais ou menos definidos.³⁹² Constitui-se, então, a oportunidade de analisar a História através da imprensa enquanto fonte primária para a pesquisa histórica.³⁹³

³⁸⁹ SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: Considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista História em Reflexão*, Dourados, vol.8, n.48, p.6, 2010.

³⁹⁰ MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.23, 2007.

³⁹¹ SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. *Revista Biblos*, Rio Grande, n.19, pp.109-110, 2008.

³⁹² SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: Considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista História em Reflexão*, Dourados, vol.8, n.48, p.8, 2010.

³⁹³ ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: Algumas Considerações Metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, vol.4, 1985.

3.1 O *Mensageiro da Paz* e a expansão pentecostal da Assembleia de Deus no Brasil

O primeiro periódico impresso pela Assembleia de Deus foi o jornal *A Voz da Verdade*³⁹⁴, que circulou nos anos de 1917 e 1918, na cidade da Belém. Posteriormente, em 1919, começa a circular na região Norte do Brasil o jornal *Boa Semente*³⁹⁵, que tinha o objetivo de ser utilizado de forma doutrinária pelos alunos da escola dominical. Em 1929, surge, no Rio de Janeiro, com propósito evangelizador, o jornal *O Som Alegre*.³⁹⁶

O surgimento de jornais em regiões distantes, com propósitos distintos, aponta para características múltiplas na perspectiva pentecostal da Assembleia de Deus.³⁹⁷ Enquanto na região Norte, berço do pentecostalismo, temos uma postura direcionada para a formação doutrinária dos convertidos, no Sudeste observamos um interesse mais proselitista.

Cada uma dessas regiões tem seu contexto e experiências, com vozes diversas sobre os mesmos temas ligados ao pentecostalismo. Essa diversidade de notícias e vozes não parecia ser uma perspectiva interessante para a liderança da Assembleia de Deus.

Desta maneira, em 1930, durante a 1ª Assembleia Geral Ordinária da Assembleia de Deus, realizada na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, surge o jornal *O Mensageiro da Paz* a partir da fusão dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*. *O Mensageiro da Paz* se torna o órgão oficial³⁹⁸ de comunicação da Convenção Geral da Assembleia de Deus, sendo de circulação nacional, diferente dos anteriores.³⁹⁹

O surgimento do *Mensageiro da Paz* como resultado da fusão dos jornais ocorre em um momento de transformação na configuração política do Brasil. Em 1930, Getúlio Vargas chega ao poder e, em 1937, estabelece a Ditadura do Estado Novo. Da mesma

³⁹⁴ O jornal *A Voz da Verdade* foi criado pelos pastores Almeida Sobrinho e João Trigueiro. Seu objetivo era levar as notícias da Assembleia de Deus em Belém para as outras regiões do Brasil.

³⁹⁵ O jornal *Boa Semente* surgiu em janeiro de 1919, em substituição ao jornal *A Voz da Verdade*, que começou a circular em 1917. O *Boa Semente* era editado para atender aos Estados da Região Norte, e seus primeiros diretores eram os missionários Samuel Nyström e Nels Julius Nelson.

³⁹⁶ O jornal *O Som Alegre* começou a circular em 1929, e durante um ano era editado em paralelo com o *Boa Semente*. O *Som Alegre* visava atender os Estados da Região Sudeste, e era editado pelo casal Gunnar e Frida Vingren.

³⁹⁷ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.61.

³⁹⁸ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p.43.

³⁹⁹ D'AVILA, Edson. *Assembleia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. p.45.

forma que o país, a Assembleia de Deus é influenciada pelo contexto histórico em curso. O resultado da união desses jornais, tendo em vista a distribuição nacional, permite centralizar as ideias e doutrinas da igreja⁴⁰⁰ e estabelecer uma postura conservadora.⁴⁰¹

Ao considerarmos as dimensões continentais do território brasileiro e o que poderia ser viável produzir em termos de comunicação na década de 1930, um jornal de alcance nacional estava entre o que poderia se considerar de mais moderno e eficiente.⁴⁰²

Nos seus primeiros números, o jornal era publicado quinzenalmente, e sua distribuição ocorria pelas mãos de colportores⁴⁰³, que além do *Mensageiro da Paz* vendiam exemplares da Bíblia.⁴⁰⁴

O nascimento de publicações como o *Mensageiro da Paz* é sinal da estruturação de uma corrente de opinião. O interesse desse tipo de imprensa é primeiramente apreender o extenso leque de posições políticas e sociais do cristianismo. O movimento inicial visa os próprios fiéis e assinantes do jornal e, depois, quem puder ser alcançado, pois jornais de temática cristã geralmente são lidos por grupos, seja na igreja, ou então em família,⁴⁰⁵ como vemos exemplificado logo no primeiro número do *Mensageiro da Paz*:

O *Mensageiro da Paz* é o portador da Salvação que deve entrar em todos os lares. Todo o crente que tiver o privilégio de lê-lo, deve esforçar-se por propagá-lo entre seus parentes, amigos e conhecidos. Deus recompensa todo aquele que tome interesse pela evangelização.⁴⁰⁶

⁴⁰⁰ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.279, 2014.

⁴⁰¹ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p.85.

⁴⁰² ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: Origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000. p.102.

⁴⁰³ O colportor é o indivíduo responsável pela distribuição ou venda de publicações, livros e panfletos religiosos.

⁴⁰⁴ Ver ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

⁴⁰⁵ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp.348-349.

⁴⁰⁶ VINGREN, Gunnar. "Mensageiro de paz". *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 01, p.6, dezembro de 1930.

Os redatores e diretores do *Mensageiro da Paz*, desde a sua fundação até meados da década de 1980, enfatizavam que o jornal cumpria a função de um evangelista silencioso ao ser incumbido do papel de ser o portador da mensagem da salvação.⁴⁰⁷

Embora o *Mensageiro da Paz* não represente na totalidade o que a Assembleia de Deus produziu institucionalmente, acabou se constituindo, ao longo das décadas, como um de seus principais veículos doutrinários, permitindo compreender como se construíram as representações identitárias.

Desde os primeiros jornais citados até o *Mensageiro da Paz* que circula atualmente, o periódico deixou de ser um mero informativo, que servia quase exclusivamente para o público interno, com avisos de eventos e endereços das igrejas. Mais recentemente, o periódico passou a militar em favor dos interesses políticos e sociais da igreja e também do movimento pentecostal, posicionamento ilustrado por discurso apologético da doutrina evangélica, com a narração de testemunhos e os diversos artigos sobre temas considerados bíblicos.⁴⁰⁸

Para Paul Freston, a relação do pentecostalismo com a mídia explica em partes o seu crescimento, mas o meio de comunicação não funciona de forma isolada, está dentro de um contexto maior, que inclui o contato com familiares, vizinhos e colegas de trabalho.⁴⁰⁹

A identidade pentecostal a partir do desenvolvimento da Assembleia de Deus foi construída com o apoio desses veículos de comunicação, pois neles estão presentes opiniões dos líderes, teologia, doutrina, orientações para comportamentos específicos e o estabelecimento de normas e valores que se tornam um aparato simbólico legitimador das ações e práticas da igreja.⁴¹⁰

⁴⁰⁷ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

⁴⁰⁸ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias brasileiras de Deus: Teorização, história e tipologia - 1911-2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p.154.

⁴⁰⁹ FRESTON, Paul. Entrevista concedida a revista *Cadernos IHU em formação*. 2012. Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ Instituto Humanitas - Unisinos, São Leopoldo.

⁴¹⁰ MARTELLI, Lindolfo Anderson. O pentecostalismo em alteridade ao comunismo - Construções imaginárias sobre “o mal que precede o fim dos tempos”. In: *Anais do Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: XXV ANPUH, 2009. p.4. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548772007_1ed85157cb8ac5da20452b5054dfe02b.pdf>. Acesso em: 10 out 2022.

Ao voltar a atenção para o *Mensageiro da Paz* enquanto fonte não significa pensá-lo como um fiel depositário da verdade, pelo contrário, a proposta é pensá-lo a partir das suas parcialidades, observando o grupo que o edita, e o que este exercita nas diferentes conjunturas políticas e sociais. Assim, o pesquisador pode se debruçar sobre o jornal e entendê-lo a partir de seus variados usos.⁴¹¹

O *Mensageiro da Paz* atualmente é descrito como sendo:

Um dos mais importantes e tradicionais veículos de comunicação evangélico, está mais dinâmico, abrangente e moderno. Notícias, artigos fundamentados na Bíblia e testemunhos dos milagres operados por Deus estampam as 28 páginas do jornal. Além de noticiar os fatos das Assembleias de Deus, informa e analisa os acontecimentos no Brasil e no mundo sob a ótica cristã.⁴¹²

Nos primeiros anos do periódico em questão, há uma certa euforia com a tiragem que aumenta a cada mês, pois na década de 1930, a Assembleia de Deus com um número de pouco mais de 13 mil membros, possuía tiragem informada de quase um jornal para cada membro. Na década de 1950, com a membresia já estimada em 120 mil membros, a tiragem chegou a casa dos 50 mil exemplares. Praticamente, um jornal para cada dois fieis.⁴¹³

No *Mensageiro da Paz* de janeiro de 1960, na primeira página, logo acima do valor informado, estampava a seguinte expressão: *o jornal evangélico de maior tiragem na América do Sul.*⁴¹⁴ No primeiro número publicado em outubro de 1960, os leitores são convocados a uma campanha para atingirem uma tiragem de 100 mil exemplares:

100 mil exemplares - Alvo das comemorações do cinquentenário. Algumas razões porque deve fazê-lo: Porque contribui para comemorar o CINQUENTENÁRIO das Assembleias de Deus do Brasil. Porque dessa forma concorre para evangelizar e salvar os perdidos. Porque o poder da mensagem impressa é maior que o mais importante sermão.⁴¹⁵

⁴¹¹ SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista História em Reflexão*, Dourados, vol.4, n.8, p.5, jul/dez 2010.

⁴¹² *Jornal Mensageiro da Paz*. Disponível em: <<https://www.cpad.com.br/jornal-mensageiro-da-paz--setembro---2013--990009/p>>. Acesso em 01 de agosto de 2022.

⁴¹³ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. pp.154-155.

⁴¹⁴ *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, p.1, janeiro de 1960.

⁴¹⁵ *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, nº18, p.6, outubro de 1960.

Uma campanha como essa e com os motivos apresentados reforça que o *Mensageiro da Paz*, enquanto mídia escrita, era uma progressão da religião do livro. Mesmo não tendo a mesma sacralidade da Bíblia, pretendia chegar perto.⁴¹⁶

No *Mensageiro da Paz* publicado na segunda quinzena de outubro de 1960, a campanha em favor do aumento da tiragem do jornal avançava para o seguinte tom:

MENSAGEIRO DA PAZ - NÚMERO ESPECIAL DE JUNHO DE 1961 - COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. Nesse número será publicada a história das Assembleias de Deus, sua origem e seu desenvolvimento. Só haverá um número no mês de junho de 1961. Será um número ilustrado e terá melhor apresentação do que o número de Natal deste ano. Queremos alcançar o alvo de 100.000 exemplares na tiragem de cada quinzena e nesse número pretendemos dobrar essa tiragem para 200.000 jornais.⁴¹⁷

Carece de fontes a confirmação de que o *Mensageiro da Paz* tenha conseguido alcançar a meta de 100 mil impressões. Da mesma forma, não é possível confirmar que tenha alcançado a meta da tiragem de 200 mil exemplares. Algumas fontes orais dizem que, na década de 1980, a tiragem ultrapassou enfim a tiragem de 100 mil jornais, mas não se tem conhecimento de algum documento que possa confirmar isso.⁴¹⁸

Ao longo das décadas, o *Mensageiro da Paz* conseguiu realizar seus objetivos de exposição da doutrina e defesa dos interesses pentecostais. Até os dias atuais, continua sendo uma grande referência da Assembleia de Deus. Porém, é possível perceber que a sua importância já foi muito mais significativa.⁴¹⁹

O surgimento do *Mensageiro da Paz* não se deu em algum vazio institucional da denominação religiosa que ele representa. Sua gênese e desenvolvimento revelam a intenção da igreja em ter um porta-voz impresso que se tornasse mais um meio de influência do pentecostalismo junto à sociedade e também em relação a outras

⁴¹⁶ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p.154.

⁴¹⁷ *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, nº19, p.6, outubro de 1960.

⁴¹⁸ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. pp.155-156.

⁴¹⁹ ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: Origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000. p.102.

denominações. E, muito importante para a presente discussão, o *Mensageiro da Paz* pretendia, igualmente, marcar posição na cena pública, espaço político que, no decorrer do século XX, passou por transformações nas relações de poder e dimensões culturais em diversos setores da sociedade.⁴²⁰

3.2 O palanque político montado em um periódico religioso

Não há dúvidas de que a religiosidade pentecostal encontrou muitos canais de comunicação com a sociedade nacional. Tal se deu principalmente em determinados momentos do século XX, quando o Brasil transitava entre o regime autoritário e o modelo democrático. Nesses momentos, o movimento pentecostal começou a despertar para o campo político.

De um modo geral, a preocupação dos pentecostais com as questões políticas não é novidade. No Brasil, as religiões desse credo tem assumido progressivamente um lugar influente no universo político-partidário⁴²¹, mesmo que o status religioso e social deixe o pentecostalismo e seus líderes em situações precárias diante da sociedade.⁴²²

O êxito do projeto político pentecostal se deve pelo menos a três fatores. Primeiro, a relação de proximidade que a igreja estabelece com o fiel. Segundo, a influência da igreja exercida nos aspectos particulares da vida deste fiel. E, por fim, a pauta voltada para o tema familiar e a moral cristã. Assim o pentecostalismo, sobretudo a Assembleia de Deus, conseguiu estabelecer uma prática na arena política, e também moldar a identidade política de seus membros.⁴²³

Assim, é muito importante identificar a força histórica ativa das publicações em determinados momentos históricos, ou seja, como os impressos nestes casos se colocam

⁴²⁰ MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.26, 2007.

⁴²¹ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, p.285, 2009.

⁴²² BUNDY, David. Pentecostalismo, ética social, ministério social e direitos humanos: experiências da Europa. In: ALENCAR, Gedeon Freire; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Faria. Pentecostalismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas. Vitória: RELEP, 2022. p.38.

⁴²³ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.45.

e atuam em relação às distintas conjunturas, quem são seus aliados ou amigos, ou quais grupos ou forças sociais podem ser identificados como inimigos ou forças de oposição.⁴²⁴

Muito embora a divulgação e afirmação da doutrina pentecostal tenha sido o objetivo primeiro do *Mensageiro da Paz*, na concepção de seus fundadores, os diretores, os redatores e os articulistas que vieram a seguir não se furtaram a oportunidade de expressar opinião sobre questões políticas. Desse modo, o *Mensageiro da Paz* enquanto periódico se torna uma fonte peculiar para a análise e compreensão dos aspectos políticos que representam os interesses da Assembleia de Deus e das suas congêneres pentecostais.⁴²⁵

As razões da politização pentecostal iniciam durante o Regime Militar que, a partir do golpe em 1964, buscou apoio nos evangélicos, tendo em vista que se desentendera com a Igreja Católica.⁴²⁶

Após o golpe de 1964, que destituiu da presidência da República o presidente João Goulart, não houve qualquer menção favorável ou comentário contrário a respeito. Não houve defesa do presidente constitucional, tampouco de sua deposição. A posição do principal periódico pentecostal em território brasileiro foi de completo silêncio na ocasião e nos meses seguintes. Nenhuma matéria ou opinião noticiou sobre o clima de instabilidade no país, marcando assim, uma escolha consciente e deliberada da direção do *Mensageiro da Paz*, chancelada pelos pastores que presidiam a Assembleia de Deus naquele momento.⁴²⁷

Posição diametralmente oposta aos principais órgãos da imprensa nacional, como o Correio da Manhã e O Globo, que trouxeram editoriais acerca do assunto já nos primeiros dias de abril de 1964, assim como de outros periódicos mantidos por outras denominações evangélicas.⁴²⁸

⁴²⁴ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.283, 2014.

⁴²⁵ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.106.

⁴²⁶ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, p.290, 2009.

⁴²⁷ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. pp.106-107.

⁴²⁸ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.107.

Após a instalação dos militares no poder, o *Mensageiro da Paz* passou a endossar algumas pautas estabelecidas pelo governo vigente. Dentre elas, o anticomunismo. Desta maneira, a suposta ameaça representada pelos comunistas foi denunciada e combatida pelos meios jornalísticos, laicos ou não.⁴²⁹

Com o passar do tempo, assim como outros grupos deixaram registros de sua luta contra o comunismo, o *Mensageiro da Paz* também o fez. A análise de tais registros e das práticas anticomunistas permite não só compreender a forma como eles encaravam o assim chamado “perigo comunista”, mas também a maneira como eles utilizavam esta luta para construir sua própria identidade e garantir a sua coesão interna.⁴³⁰

Diante dos conceitos e doutrinas pentecostais, os comunistas eram frequentemente relacionados com as forças do mal, a besta ou até mesmo a figura do demônio.⁴³¹ Os jornais de grande circulação no Brasil descreviam a União Soviética como sendo um ambiente anárquico de destruição e caos. A caracterização do comunismo soviético enquanto experiência perversa se tornou um dos principais elementos do imaginário anticomunista.⁴³²

A medida que se aumentara o temor ao comunismo, a atuação anticomunista também se amplificara. Na imprensa periódica pentecostal, o espaço dedicado foi consideravelmente ampliado com o empenho de alguns periódicos menores para encontrar argumentos para mostrar a impropriedade do comunismo.⁴³³

Nas edições do *Mensageiro da Paz* em 15 de setembro⁴³⁴ e em 1º de outubro de 1964⁴³⁵ foi veiculado o seguinte acerca do Comunismo:

⁴²⁹ MARTELLI, Lindolfo Anderson. *Escatologia e anticomunismo nas Assembleias de Deus do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p.93.

⁴³⁰ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, 2002, p.465.

⁴³¹ MARTELLI, Lindolfo Anderson. O pentecostalismo em alteridade ao comunismo - Construções imaginárias sobre “o mal que precede o fim dos tempos”. In: Anais do Simpósio Nacional de História. Fortaleza: XXV ANPUH, 2009. p.2. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_1ed85157cb8ac5da20452b5054dfe02b.pdf>. Acesso em: 10 ago 2021.

⁴³² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p.21.

⁴³³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p.26.

⁴³⁴ MAGALHÃES, Athayde. “O cristão e as falsas ideologias”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 34, nº18, p.2, setembro de 1964.

⁴³⁵ MAGALHÃES, Athayde. “O cristão e as falsas ideologias - conclusão”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 34, nº19, p.2, outubro de 1964.

Nunca é demais advertirmos sobre as falsas ideologias e a sua ação deletéria sobre a sociedade humana e a fé cristã. Para eles [comunistas], “a religião é o ópio do povo”. Certamente como o ópio é um narcótico que entorpece, produzindo a insensibilidade no paciente, o que permite que ele se deixe dominar sem reagir, assim também “a religião”. Se não bastasse essas satânicas considerações, bastaria afirmar que eles fundamentam suas teorias no darwinismo, tais como o evolucionismo, a geração espontânea e a ilógica, absurda e ímpia assertiva de que o gênero humano é oriundo do macaco.

O comunismo é um produto oriundo de um misto de miséria e injustiça social. Acredito mesmo que o comunismo seja uma espécie de salário para aqueles que, por egoísmo, e avareza tem o essencial aos seus semelhantes, contrariando as leis de Deus... Se quisermos vencer o comunismo voltemos para o autêntico cristianismo, porque nada conspira mais contra a Sociedade humana do que o não cumprimento dos ditames das virtudes... A Revolução que em boa hora veio para desarticular o comunismo, a subversão e a corrupção, certamente há de voltar a sua atenção para o conteúdo dos livros didáticos, que roubam do adolescente todos os sentimentos cristãos.

A publicação de colunas como essas é importante para entender o surto anticomunista da década de 1960. O que pode parecer uma postura inovadora, é na verdade o pentecostalismo da Assembleia de Deus buscando sua representatividade.

A participação dos fiéis pentecostais provocou impacto à medida que a divulgação dessas ideias anticomunistas passaram a mobilizar um grupo que, aos poucos, se tornou numeroso e influente. Os ensinamentos propagados no periódico conferiram apoio a mobilização anticomunista, fortalecendo a impressão de que todos os cristãos estavam se levantando contra o comunismo.

Sendo inadmissível no pensamento pentecostal a adesão às ideias revolucionárias, e a união do pensamento político com a prática religiosa pentecostal, o menor sinal de contestação a ditadura militar era algo a ser enfrentado.⁴³⁶ Nas edições publicadas entre os anos de 1964 e 1967, o *Mensageiro da Paz* publicou artigos de temática política se referindo ao comunismo como uma ideologia a ser combatida.⁴³⁷

No pentecostalismo, as interpretações dos sinais escatológicos nos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse estão relacionadas a um movimento que precederia o fim dos

⁴³⁶ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.285, 2014.

⁴³⁷ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.109.

tempos. Os pentecostais compreendiam que o sinal da Besta⁴³⁸, representado pelo número 666, iria acompanhar um governo maligno. Era comum a ligação do comunismo como um sistema de governo representante do anticristo.⁴³⁹ É o que se vê abaixo:

Na Rússia o horror do bolchevismo está ficando cada vez mais forte. Mas não somente ali, como também no resto do mundo, ele está ganhando cada vez mais terreno. O governo dos Soviets, na Rússia, decretou ultimamente uma lei que proíbe os crentes a comprar e vender. É necessário aceitar um sinal para se poder viver. Esta lei está funcionando desde o mês de Novembro deste ano. Não será este sinal a marca da besta?⁴⁴⁰

No imaginário pentecostal, o plano político do anticristo já estaria em ação na Rússia e a evidência da regulação da compra e venda apontava para isto. A adesão ao comunismo não era apenas um passaporte para a morte, mas também sinal de adoração à Besta, uma marca de destruição e devoção ao demônio. A teologia pentecostal interpreta que o anticristo é uma autoridade humana que governará todas as nações.

Ao nosso modo de entender bíblicamente os eventos que se desenvolvem no mundo moderno, tudo indica que Gogue e seus aliados estão a vista e não demorará muito tempo e o mundo terá nova oportunidade para reconhecer que Deus é o Senhor do universo. Observa-se que a Capital da URSS está ali constando (Moscou) e bem assim a cidade de Tobolk, às margens do rio Tobol, na Sibéria; o que nos fala da realidade de que daquele país ou confederação de países, surgirá o famoso Gogue que capitaneará a guerra com propósito de exterminar a Israel. “Quando estas coisas começarem a acontecer, levantai as vossas cabeças porque já a vossa redenção está próxima. Olhai para a figueira e para as demais árvores”, disse Jesus. É o que necessitamos e devemos fazer: estar atentos à Palavra de Deus e aos sinais que denunciam o seu preciso cumprimento.⁴⁴¹

⁴³⁸ Na perspectiva pentecostal, o anticristo é o personagem opositor de Cristo ou, pelo menos, aquele que se coloca no lugar de Cristo. No Apocalipse joanino, o Anticristo é descrito como um personagem perigoso, incontrolável e altivo. Sua aparência e personalidade misturam características de animais ferozes como o urso, o leão e o leopardo. A teologia pentecostal se encarrega de tornar sua descrição, através dos textos bíblicos, similar a de ditadores que já passaram pela história da humanidade, cf.in Dicionário de Escatologia Bíblica. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. pp. 32,33.

⁴³⁹ MARTELLI, Lindolfo Anderson. *Escatologia e anticomunismo nas Assembleias de Deus do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p.112.

⁴⁴⁰ “Factos de interesse”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, p.2, dezembro de 1930.

⁴⁴¹ “Editorial: Gogue estará a vista?”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 40, nº 10, p.3, maio de 1970.

O pentecostalismo nutria a preocupação intensa em identificar de onde viria o mal. A hermenêutica do texto bíblico foi substituída pela busca e identificação de sinais que apontassem quem era o anticristo, seu governo correspondente e em que local surgiria.

Desde a década de 1940, o pensamento pentecostal acreditava que a região bíblica de Gogue se referia literalmente à Rússia. No início da década de 1940, o *Mensageiro da Paz* afirmava que as estratégias russas eram Gogue tomando posição para dominar, através de uma confederação, as forças que vão guerrear contra Deus.

O programa de expansão e domínio que a Rússia manifestou, com surpresa geral, nos últimos tempos; o despertar do gigante moscovita, a sua ameaça aos pequenos Estados limítrofes, indica que Gogue está tomando posição, prenúncio de que o Armagedom é uma coisa real⁴⁴².

Na perspectiva pentecostal, tudo o que se passava no mundo representava o pleno cumprimento das profecias bíblicas e do próprio Apocalipse. Os pentecostais acreditavam estar certos ao afirmarem que um dos quatro cavaleiros mencionados no texto bíblico já estava no mundo. Era o cavaleiro que montava sobre o cavalo vermelho⁴⁴³, cuja cor remete diretamente à representação do comunismo.⁴⁴⁴

A ditadura civil-militar no Brasil, que desde os primeiros momentos após o golpe em 1964 se mostrou muito violenta em diversos aspectos⁴⁴⁵, não foi suficiente para despertar algum tipo de indignação no movimento pentecostal.

O silêncio em relação ao golpe e a ausência de informações sobre o que acontecia no Brasil contribuíram para que o ambiente pentecostal interpretasse a si mesmo e ao mundo. Durante os anos que se seguiram, o que se viu no *Mensageiro da Paz* foi um destaque para o que foi chamado de intervenção divina em um país que, a despeito das

⁴⁴² “Prelúdio do Armagedom?”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 10, nº 2, p.1, janeiro de 1940.

⁴⁴³ O texto do Apocalipse de João capítulo 6, versículos 4 e 5, descreve: “Então surgiu outro cavalo, vermelho-afogueado. Ao que montava foi dado o poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros, e uma grande espada lhe foi dada” in: A BÍBLIA. Tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.2433.

⁴⁴⁴ MARTELLI, Lindolfo Anderson. *Escatologia e anticomunismo nas Assembleias de Deus do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p.129.

⁴⁴⁵ FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p.62.

atrocidades cometidas em todo território nacional, era interpretado como uma expansão do Reino de Deus, por meio do crescimento do movimento pentecostal.⁴⁴⁶

Em fevereiro de 1965, a mesa diretora da 17ª Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil publica a seguinte mensagem de agradecimento ao Presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, acerca da dispensa de ponto dos servidores públicos que estariam envolvidos no referido conclave. E, com palavras de elogio, se expressam assim:

Tão nobre e cristã atitude de Vossa Excelência, reflete superiores qualidades de espírito, às quais não nos podemos manter insensíveis, porquanto além de outros méritos que possui, é de ressaltar o sentimento de profunda compreensão por parte de Vossa Excelência do alto nível em que se situam os problemas do espírito, ora debatidos nesta Convenção. Expressamos, outrossim, a aspiração de que o Deus todo Poderoso permaneça orientando Vossa Excelência no exercício da Suprema Magistratura nacional, outorgando-lhe oportunidades sucessivas de conduzir o Brasil a dias mais promissores, segundo Sua sábia direção.⁴⁴⁷

No início da década 1970, quando a ditadura militar já dispunha de um vasto sistema de inteligência, censura prévia e repressão política, sem contar com os duradouros efeitos do Ato Institucional nº5 que garantiram ao Poder Executivo supremacia sobre os demais poderes e suspensão sobre as garantias constitucionais, é possível perceber como o interesse político do *Mensageiro da Paz* está mais alinhado com o regime:

Submissão é o ato pelo qual se faz declaração de obediência e de sujeição à vontade de outrem, o que só se consegue mediante a ação da verdadeira humildade pessoal. Esta definição é bíblica. De fato, em todo tempo a submissão trouxe bênção inumeráveis a aqueles que a tem praticado, e permanece sendo verdadeira bênção aos que a praticam no presente.⁴⁴⁸

Entre 1972 e 1973, houve uma quantidade significativa de matérias publicadas no *Mensageiro da Paz*, textos que reforçavam o apoio da Assembleia de Deus aos militares.

⁴⁴⁶ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.110.

⁴⁴⁷ “Mensagem da 17ª Convenção Geral ao Marechal Castelo Branco”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 35, nº 3, p.3, fevereiro de 1965.

⁴⁴⁸ GOMES, Geziel. “A bênção da submissão”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 40, nº8, p.3, abril de 1970.

Por ocasião do sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972, um trecho do editorial dizia o seguinte:

São passados 150 anos desde que a LIBERDADE brasileira foi proclamada, e hoje, mais que nunca antes, o brasileiro se sente um homem livre, igual aos demais de quaisquer nacionalidades, usando as LIBERDADES próprias de homens livres, para exercer suas atividades de cidadania com a cabeça erguida, de acordo com as leis e princípios que orientam a vida e ordem pública deste Colosso Gigante que se denomina BRASIL. É coisa significativa e elogiável ainda mais, é o interesse que hoje evidencia o Governo brasileiro em favor da juventude brasileira, envidando esforços orientativos e repressivos às práticas más, de modo a ter o Brasil um futuro mais livre, porque tendo seus filhos ainda mais sãos de mente e de costumes. Para que nosso país, no entanto, seja cada dia mais livre e a LIBERDADE se torne o apanágio de cada brasileiro, aí está a PERFEITA, a BENDITA, a GLORIOSA LIBERDADE que há em Cristo Jesus para todo aquele que nEle crê.⁴⁴⁹

É possível perceber que o significado da palavra *liberdade* ganhou significados específicos de acordo com o grupo social e político o qual a utilizava. Uma advertência repetida exaustivamente naquela época era “não confunda liberdade com libertinagem!”, o que muito contribuiu para a ressignificação da referida palavra nos chamados “anos de chumbo”.⁴⁵⁰ Enfim, um texto editorial onde a liberdade é descrita como “perfeita”, “bendita” e “gloriosa”, justamente no período mais agudo da ditadura militar. E, do ponto de vista do editor e dos redatores do *Mensageiro da Paz*, a garantia da liberdade no Brasil estava diretamente relacionada à condenação do comunismo e seus defensores.⁴⁵¹

E a violência dos militares aumentou a partir de 1968, com a decretação do AI-5, sofisticando-se também os aparatos institucionalizados de repressão. Assim, a ditadura montou mecanismo de repressão política sob a justificativa de preservação da segurança nacional. Antes mesmo da promulgação do AI-5, no governo anterior, o Marechal Castelo

⁴⁴⁹ GOMES, Geziel. “Editorial: Liberdade”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 42, nº 17, p.2, 15 de setembro de 1972.

⁴⁵⁰ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.128.

⁴⁵¹ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.121.

Branco havia introduzido na Lei de Segurança Nacional⁴⁵² a concepção de que se vivia uma guerra interna contra a subversão. Deste modo, além do comunismo como uma ameaça externa, era necessário, aos olhos do governo ditatorial, conter internamente elementos subversivos.⁴⁵³ Apoiando o regime, o pentecostalismo sacralizou o projeto de governo da ditadura, e estabeleceu que só este projeto poderia livrar a sociedade do mal total e absoluto chamado comunismo.

Em agosto de 1973, o *Mensageiro da Paz* já alardeava o sucessor do Presidente Emílio Garrastazu Médici, o General Ernesto Geisel.⁴⁵⁴ O fato de ser evangélico, mais exatamente de confissão Luterana, causou grande alvoroço no meio pentecostal:

Sem o propósito de analisar com maior profundidade, a personalidade marcante do ilustre General Ernesto Geisel, podemos afirmar que a escolha desse insigne homem público, para substituir o Presidente Garrastazu Médici, sob muitos aspectos, não poderia ser mais feliz. Desde já, o General Geisel pode contar com orações fervorosas dos crentes sinceros, e entre eles, como parcela relevante, estão os membros das “Assembleias de Deus”. Pois, para estes, o fato de ser evangélico o sucessor do General Médici, se reveste de significação especial. Há alguns anos passados, mesmo antes de eclodir o movimento revolucionário de 1964, o Senhor Jesus Cristo revelou, pelos dons que deu à Sua Igreja, que “este País ainda será governado por um servo Meu”. Essa profecia foi ouvida em um culto de vigília, realizado na residência de um crente, na capital de São Paulo. É um momento especial para a vida da Nação Brasileira e por isso registramos com euforia especial. Homem de caráter plasmado pelos ensinamentos auridos nas páginas aurifulgentes do Santo Evangelho, o Exmo. Sr. General Ernesto Geisel, buscará a graça e sabedoria do Alto, que lhe darão condições para governar “este tão grande povo”, que é o povo brasileiro.⁴⁵⁵

O jornalista Ricardo Alexandre lembra que uma notícia como essa define o conceito de messianismo. A ideia de que alguém foi designado desde a Eternidade pelo

⁴⁵² BRASIL. Lei nº 314, de 13 de março de 1967. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 13 mar 1967. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20 ago 2022.

⁴⁵³ FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p.67.

⁴⁵⁴ Antes de Ernesto Geisel, o Brasil teve outro presidente evangélico. Foi o presidente Café Filho, que enquanto vice, assumiu logo após o suicídio de Getúlio Vargas, nos anos de 1954 e 1955. Ambos, Café Filho e Geisel, empossados sem votação direta, mas Café Filho não desfrutou de tanto destaque político-religioso quanto Geisel no meio pentecostal.

⁴⁵⁵ ANDRADE E SILVA, João Pereira. “Sucessão presidencial - O general Ernesto Geisel, escolhido para substituir o Presidente Médici, é Evangélico, de confissão Luterana”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 43, nº 15, p.2, agosto de 1973.

próprio Deus para estar em um lugar específico, separado para uma missão específica. E questionar o Messias, é questionar a vontade de Deus. E defende o seguinte:

Não é na Bíblia, portanto, que se encontra a inspiração de tantos líderes, mas na propaganda de regimes autoritários. Nos imperadores romanos, que atribuíam a si origens mitológicas e fantásticas, ou nos líderes totalitários como Josef Stálin, a respeito de quem, aliás, foi cunhada a expressão “culto à personalidade”, em 1956, a fim de descrever os esforços do regime soviético para elevar um pessoa.⁴⁵⁶

Esse tipo de messianismo é uma boa forma de descrever o comportamento político-teológico do pentecostalismo no período. É o uso do cristianismo para fins políticos, com a exaltação dos generais como figuras unguidas para a salvação dos interesses sociais, religiosos, políticos, em clave conservadora ou mesmo reacionária, do movimento pentecostal.

A ditadura militar que se seguiu aos golpe de 1964 serviu para o movimento Pentecostal acentuar os elementos morais, conservadores e fundamentalistas que caracterizaram as principais pautas do *Mensageiro da Paz* e da denominação que ele representa até hoje.⁴⁵⁷ A relação entre o Pentecostalismo e as Forças Armadas se assegurou enquanto se manteve a noção de respeito e obediência irrestrita às autoridades constituídas.⁴⁵⁸

Assim, enquanto o exercício da autoridade não é discutido, se incute a obediência à autoridade do Estado e a devida ênfase ao poder de Deus, criando um obstáculo ao desenvolvimento de ideias onde o dominado confronte o dominante. Ou seja, com o passar do tempo, uma contra ideologia é sedimentada no interior do processo de atividade religiosa. Essa visão do sagrado em relação à sociedade não permite uma reflexão da prática doutrinária. A compreensão do texto de forma absoluta e não relativa é imposta à percepção de mundo do fiel pentecostal diante do cenário histórico-social.⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ ALEXANDRE, Ricardo. E a verdade vos libertará. São Paulo: Mundo Cristão, 2020. pp.28-29.

⁴⁵⁷ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.165.

⁴⁵⁸ Essa obediência irrestrita às autoridades advém de uma interpretação peculiar do texto bíblico da epístola aos Romanos que diz: “Seja todo homem submisso às autoridades que exercem poder, pois não há autoridade a não ser Deus e as que existem são estabelecidas por ele. Assim, aquele que se opõe a autoridade se revolta contra a ordem querida por Deus, e os rebeldes atrairão a condenação sobre si mesmos”. A BÍBLIA. Tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.1433.

⁴⁵⁹ ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985. pp.190-191.

Ainda no ano de 1973, um artigo do *Mensageiro da Paz* sob o título de Jeú, o Revolucionário, declarava o seguinte:

Felizmente, no Brasil, a “REVOLUÇÃO” foi a solução melhor. Solução mais consentânea com os interesses de nosso povo. A “REVOLUÇÃO” reconduziu o país à estrada certa do seu destino, evitando que prosseguisse a caminhada para o caos que se esboçava na desordem planejada, que objetivava conduzi-lo “ao pior”... Não foi uma “quartelada”, porém a eclosão do sentimento de brio da nacionalidade ofendida... Temos o Regime que mais convém ao Brasil e aos brasileiros.⁴⁶⁰

O articulista em questão defende abertamente a ditadura militar. Pouco mais de nove anos após o golpe de 1964, o *Mensageiro da Paz*, enquanto principal periódico pentecostal, demonstrava grande apreço aos militares tidos como responsáveis por “reconduzir o país à estrada certa do seu destino”.

Nesta conjuntura política, era agradável aos ouvidos dos militares o som dessa defesa. A adesão ao regime militar já estava consolidada, mas o envolvimento dos fiéis com a política partidária ainda não. Gradativamente, os discursos nos púlpitos, o envolvimento dos líderes e as páginas do *Mensageiro da Paz* se encarregaram de orientar clérigos e leigos a tomar partido em favor de candidaturas e partidarismos nos anos vindouros.⁴⁶¹

Na década de 1970, a Assembleia de Deus ensaiou tentativa de doutrinação política de seus membros, incluindo nas pautas do *Mensageiro da Paz* a relevância do regime militar. Essa era uma tentativa óbvia de demonstrar que a Assembleia de Deus, enquanto ícone do movimento pentecostal, não estava alheia às questões políticas que influenciavam os interesses da igreja.⁴⁶²

Uma preocupação de fácil percepção para a Assembleia de Deus, que está na linha editorial do *Mensageiro da Paz* na década de 1980, é com os rumos da política brasileira e com a abertura política promovida lentamente pelo governo de então, bem como a

⁴⁶⁰ ANDRADE E SILVA, João Pereira. “Jeú, o Revolucionário”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 43, nº 12, p.5, junho de 1973.

⁴⁶¹ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. pp.127-128.

⁴⁶² ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.141.

pressão dos grupos interessados no processo de redemocratização. Grupos estes que eram interpretados como revolucionários pelo periódico⁴⁶³.

Por causa dessa preocupação, foi publicado o seguinte editorial em julho de 1980:

O Estado existe dentro da vontade de Deus e ao Estado todos nós devemos obediência enquanto ele não se opuser à nossa fé. A Bíblia ensina que devemos estar sujeitos às autoridades superiores “porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades superiores que existem foram por ele instituídas”... A História, todavia, tem muitas e sábias lições a dar aos teólogos contemporâneos, engajados em movimentos revolucionários. É impossível furtar-se às funestas consequências de uma transformação social que não seja a operada pelo genuíno Evangelho de Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus... Transformar púlpitos em palanques políticos, ou substituir as Boas Novas de salvação por “slogans” revolucionários, é o mesmo que transformar bombeiros em incendiários.⁴⁶⁴

Os fiéis pentecostais veem neste processo uma forma de uniformizar as crenças praticadas. Qualquer procedimento de questioná-las ou fazer objeção à maneira como são produzidas é repellido rigorosamente.⁴⁶⁵

Como se sabe, a veiculação de editoriais cumpre o papel de demarcar a posição política de jornais e revistas, um espaço onde se encontra a opinião oficial de determinado periódico diante dos fatos de maior relevância em determinado momento histórico.⁴⁶⁶ Assim, os editoriais do *Mensageiro da Paz* tinham impacto na cena política.

O principal órgão de comunicação pentecostal ainda era instrumento de propaganda religiosa, mas incorporou ao seu conteúdo diversas publicações que refletiam uma reorientação no comportamento da igreja. Desta forma, o jornal conduziu seus leitores, os fiéis pentecostais, para a arena de disputas políticas e narrativas ideológicas,

⁴⁶³ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.283, 2014.

⁴⁶⁴ ALMEIDA, Abraão. “Editorial: Igreja e Política”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 1119, p.4, julho de 1980.

⁴⁶⁵ ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985. p.189.

⁴⁶⁶ MARQUES DE MELO, José (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo*. São Paulo: Editora FTD, 1992, p.91.

colocando quase em suspensão o objetivo primordial do *Mensageiro da Paz* que era a evangelização e doutrinação teológica.⁴⁶⁷

Diante do exposto, observa-se que o emprego de fonte jornalística como instrumento a ser utilizado em investigação de história política deve lançar luz em direção ao viés ideológico presente na redação do texto, ou em sua leitura à época em que foi escrito.⁴⁶⁸

Um outro fator a ressaltar é que, na década de 1980, a crise econômica parecia neutralizar os efeitos tradicionais da conversão pentecostal; por exemplo, a mentalidade na qual os fiéis são configurados como uma força de trabalho honesta, dedicada e poupadora. Neste cenário, a liderança pentecostal buscava se antecipar apresentando candidatos legitimados pela igreja, para que seus adeptos não fossem cooptados pelos sindicatos ou partidos, e assim, as igrejas perdessem a influência já conquistada.⁴⁶⁹

O *Mensageiro da Paz*, que desde a sua fundação na década de 1930, pautou-se na publicação de estudos bíblicos, decisões oficiais da denominação e evangelização. Mas chegou à década de 1980 caracterizado por atribuir marcas de opinião a questões da política partidária brasileira conforme os seus interesses.⁴⁷⁰

No último *Mensageiro da Paz* de 1984, o editorial se encarregava de opinar sobre o processo de escolha do novo presidente do Brasil, como o anúncio dos novos ares políticos que estavam por vir:

Em 1964, após 18 anos de regime democrático, atravessadas algumas tempestades, desde que a nova Constituição foi promulgada em 1946, o Brasil se viu diante do mesmo quadro de instabilidade, que resultou no atual ciclo revolucionário, prestes a encerrar-se. E agora, o que temos diante de nós, senão a mesma guerra fria, na qual se destacam denúncias da maior gravidade e outras acusações mútuas entre os candidatos que se dispõem a governar o Brasil? Estamos acompanhando os fatos e conclamamos todo o povo de Deus a orar para que o próximo governante seja escolhido segundo a vontade de Deus, e

⁴⁶⁷ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.116.

⁴⁶⁸ SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. *Revista Biblos*, Rio Grande, n.19, p.111, 2008.

⁴⁶⁹ FRESTON, Paul. Evangélicos na política brasileira. *Revista Religião e Sociedade*, vol.16, n.1-2, p.39, 1992.

⁴⁷⁰ D'AVILA, Edson. *Assembleia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. pp. 99-100.

que desempenhe suas funções no maior interesse da nação, em busca de alternativas que promovam o bem-estar da sociedade brasileira.⁴⁷¹

O editorial destacou a relevância da transição política brasileira e exaltou o período ditatorial, tratando-o como um ciclo revolucionário que, a partir de 1964, proporcionou o fim da instabilidade surgida no período democrático a partir de 1946.⁴⁷²

Em setembro de 1985, o *Mensageiro da Paz* publicou o editorial “Democracia e comunismo”, o qual alertava sobre o perigo velado nos discursos em favor da democracia e liberdade que se espalhavam em todo o país. Para Nemuel Kessler, o editor, esses discursos já tinham levado outros países a se renderem ao comunismo.

A abertura democrática trouxe os partidos comunistas de volta à legalidade. Doravante, estarão participando abertamente da vida política do país, em busca do voto de milhões de brasileiros. Ainda que muitos procurem fazê-lo, não existe como compatibilizar a ideologia do comunismo com os princípios que fundamentam a fé cristã... Como cristão não temos porque aceitar uma ideologia que, exclui Deus do controle do Universo, por considerá-lo uma utopia criada para enganar os povos sofridos do mundo. Tentar conciliar a doutrina cristã com tal conceituação, que massacra a vida religiosa, seria algo contrário ao bom senso⁴⁷³.

Nesse ambiente pentecostal, onde a divisão entre religião e política foi se tornando cada vez mais uma linha tênue, o indivíduo que não apoiasse incondicionalmente a ditadura ou os seus pastores seria automaticamente classificado como comunista. Tal valia para liberais e sociais-democratas: aqueles que não concordassem com o regime ditatorial vigente seriam rotulados como participantes de algum plano mundial de implantação do comunismo. Cada um que fosse minimamente identificado com as ideias de esquerda, passaria a ser moralmente equivalente a um ditador de regime autoritário. A política e a religião⁴⁷⁴ se tornaram uma violenta e perigosa teologia de domínio⁴⁷⁵.

⁴⁷¹ KESSLER, Nemuel. “Editorial: Os evangélicos e a sucessão presidencial”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 1172, p.3, dezembro de 1984.

⁴⁷² FONSECA, André Doney. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.285, 2014.

⁴⁷³ KESSLER, Nemuel. “Editorial: Democracia e comunismo”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 1181, p.2, setembro de 1985.

⁴⁷⁴ MARTINS, Yago. *A religião do bolsonarismo*. Fortaleza: Episteme, 2021. pp.57-58.

⁴⁷⁵ A expressão teologia de domínio surge durante da década de 1980 nos Estados Unidos, quando o Partido Republicano passou a contar com o voto dos evangélicos interessados em ampliar sua presença nas eleições presidenciais. No Brasil, em linhas gerais trata da busca pela instituição de uma teocracia na sociedade contemporânea, onde os cristãos estão predestinados a ocuparem os postos de comando para incidirem na

Com a proximidade das eleições de 1986, a Assembleia de Deus, através do *Mensageiro da Paz*, se posiciona ainda mais claramente de modo político. Em diversas ocasiões até a chegada das eleições para a Assembleia Constituinte, o *Mensageiro da Paz* publicou numerosas notas, reportagens e em muitos editoriais a necessidade da representação evangélica na formulação da nova Constituição.

Nas linhas do periódico em questão, reproduziam-se expressões como: *um número expressivo de eleitos como porta-vozes da igreja na elaboração de nossa próxima Carta Magna;*⁴⁷⁶ *fundamental evitar que o nosso voto seja dado a pessoas sem nenhum lastro evangélico, a fim de que a nossa representação seja a maior possível;*⁴⁷⁷ e *chegou a hora de os nossos líderes evangélicos acompanharem e darem apoio aos nossos candidatos,*⁴⁷⁸ as quais marcavam o interesse pentecostal no período da Assembleia Constituinte.

Menções a outros grupos minoritários da década de 1980 buscavam legitimar o interesse da Assembleia de Deus em eleger deputados para o pleito que formou Assembleia Constituinte:

Grupos de mulheres, de índios, da comunidade negra, diversas associações e até homossexuais estão inteiramente mobilizados para levar seus representantes à Constituinte. E os evangélicos não podem esquivar-se do grande significado de escolher também aqueles que serão nossos porta-vozes no Congresso.⁴⁷⁹

Participar da Assembleia Constituinte era uma oportunidade que o pentecostal tinha para tentar superar esse complexo de grupo minoritário que se identificava, passando a ter uma voz política ativa e presente. O processo de abertura política e a Constituinte traziam consigo a oportunidade das denominações pentecostais, representadas pela Assembleia de Deus, para uma atuação política mais contundente.⁴⁸⁰

vida pública através de um domínio religioso cristão. cf. PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, Curitiba, n.76, pp.147-173, 2023.

⁴⁷⁶ COHEN, Eliézer. “Evangélicos encaminham documento a Sarney”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1186, p.12, fevereiro de 1986.

⁴⁷⁷ KESSLER, Nemeel. “Editorial: Os nossos candidatos à Constituinte”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1191, p.2, julho de 1986.

⁴⁷⁸ SALLES, Davi. “Vamos votar nos candidatos evangélicos?”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1192, p.12, agosto de 1986.

⁴⁷⁹ “Os rumos da Constituinte”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1193, p.14, setembro de 1986.

⁴⁸⁰ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.44.

As manifestações carismáticas com o passar dos anos não eram mais a única pauta do movimento pentecostal. O movimento passou por transformações, rupturas e continuidades, e agora tem interesse no poder político.⁴⁸¹ Ao longo dos anos, o periódico organizado pela Assembleia de Deus possibilitou ao pentecostalismo a exposição de uma teologia na qual o poder era um requisito.

O *Mensageiro da Paz* de outubro de 1986, ao convocar os crentes para orações em favor das eleições para a Assembleia Constituinte que ocorreu no dia 15 de novembro do mesmo ano, fez menção ao período da ditadura civil-militar como sendo resposta às orações dos crentes feitas na mesma data do ano anterior ao golpe:

No dia 15 de novembro de 1963, milhões de evangélicos reuniram-se para clamar. O país atravessava grave crise naquela ocasião. Negras nuvens ameaçavam cobrir-nos. O nosso clamor, porém, foi ouvido! Desde então, o povo de Deus vem jejuando e orando todo dia 15 de novembro. Vamos reunir-nos, agora, pela 24ª vez.⁴⁸²

Percebemos que, durante o ano de 1986, o *Mensageiro da Paz* apresentou importante movimento da CGADB, objetivando inserção duradoura na política brasileira. O resultado destas iniciativas da Assembleia de Deus é que houve incremento significativo de fiéis pentecostais no cenário político ao longo dos anos. Se, em 1982, havia 12 protestantes entre os parlamentares titulares, divididos entre deputados federais e senadores, o número saltou para 32 a partir de 1986.⁴⁸³

Neste ano, somente a Assembleia de Deus elegera 13 parlamentares e, nas legislaturas anteriores, a Assembleia de Deus houvera elegido apenas um parlamentar.⁴⁸⁴

O receio de que os movimentos religiosos se apresentem como ameaças à laicidade da sociedade contemporânea não é preocupação recente. Os grupos pentecostais são reconhecidos por suas opiniões inflexíveis no campo religioso. Ainda assim, é necessário considerar que a intransigência das religiões no campo político é menor do que

⁴⁸¹ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.43.

⁴⁸² “15 de novembro: é tempo de clamar”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1194, p.17, outubro de 1986.

⁴⁸³ D’AVILA, Edson. *Assembleia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. p.101.

⁴⁸⁴ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. p.191.

no universo religioso, uma vez que o pluralismo religioso é defendido para garantir a possibilidade de participação das religiões na esfera política.⁴⁸⁵

Além disso, a política, enquanto arte da negociação, certamente também influencia os personagens religiosos que assumem cargos políticos.

Mas o resultado, sob a perspectiva política, é que a inserção do movimento pentecostal no espaço público, até o presente momento, não fez retroceder ou avançar a democracia em nosso país. Constituiu-se apenas em mais uma força que retira do discurso religioso o impulso para a influência pública, se tornando um discurso político crítico aos poderes estabelecidos, ou à mercê dos partidos políticos que favoreçam a seus interesses.⁴⁸⁶

Na perspectiva pentecostal, o âmbito político serve para garantir legitimidade social e maior atuação frente ao Estado e outros setores da sociedade. De certa forma, é uma medida de demonstração de vigor nos conflitos estabelecidos no campo religioso, mas ainda enquadrado nas regras institucionais do Estado brasileiro.⁴⁸⁷

No período de pouco mais de um século, o movimento pentecostal brasileiro saiu de uma posição marginal da sociedade em direção ao centro. Com o passar dos anos, o movimento pentecostal teve a própria perspectiva teológica sendo diminuída face à adaptação das igrejas a novas demandas e a questionamentos advindos da própria modernidade.

Atualmente, igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus têm consciência da sua influência e usam a mídia e a arena política para proclamar e encaminhar suas demandas religiosas, militando sempre a favor dos próprios interesses corporativos, políticos e econômicos.⁴⁸⁸ Assim a imprensa periódica representada no *Mensageiro da Paz* pode ser considerada como um agente de modernização política.⁴⁸⁹

⁴⁸⁵ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, p.295, 2009.

⁴⁸⁶ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, p.294, 2009.

⁴⁸⁷ PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, p.295, 2009.

⁴⁸⁸ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.46.

⁴⁸⁹ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.350.

3.3 O conservadorismo pelas páginas do *Mensageiro da Paz*

Outro aspecto a ser considerado aqui é a defesa de pautas conservadoras, no âmbito moral, pelo pentecostalismo e seu principal porta-voz escrito. No Brasil, as ideias conservadoras adquiriram feições diversas de sua formulação original. Se, na Europa, a direção ideológica estava fundamentada na tentativa dos antigos grupos sociais manterem suas posições diante dos trabalhadores e dos grupos populares; no Brasil, a propagação de ideias vincula-se à emergência de novos grupos sociais e forças políticas.⁴⁹⁰

A sociedade política depende das instituições da sociedade civil, onde os jornais estão incluídos. Os jornais disseminam ideias e transportam narrativas para o mundo, sendo responsáveis pela criação de uma outra realidade. Os periódicos, ao usarem essas narrativas, criam contextos, referendando convenções que passam a ser interpretadas significativamente de acordo com suas linhas editoriais.⁴⁹¹

A politização evangélica no Brasil, em especial dos pentecostais, se caracteriza como a mais nova irrupção do conservadorismo ativo.⁴⁹² As trajetórias da ética social pentecostal foram inicialmente baseadas nos textos bíblicos descritos nos evangelhos e no livro de Atos, e em suas experiências.⁴⁹³

As práticas conservadoras presentes no pentecostalismo deram ao movimento religioso uma nova estratégia de presença e influência na sociedade, buscando visibilidade. Para a direita política, é um pujante aporte de recursos. Movimento baseado em determinada leitura dos valores cristãos, trazendo para a discussão política demandas tradicionais e moralistas, erguidas em pilares de moralidade privada.⁴⁹⁴

Desde a década de 1940, existia a censura de diversões públicas, que cuidava de coibir os assim classificados atentados à moral e aos bons costumes. Para os fiéis pentecostais, a censura era vista por um lado bom, que fortalecia os valores conservadores e reforçava a imagem de segurança nacional e de patriotismo.

⁴⁹⁰ BARBOSA, Marialva. *História cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p.105.

⁴⁹¹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p.111.

⁴⁹² PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira. Representantes de Deus em Brasília: A bancada evangélica na Constituinte. *Ciências Sociais Hoje*, n.11, 104-132, 1989.

⁴⁹³ BUNDY, David. Pentecostalismo, ética social, ministério social e direitos humanos: experiências da Europa. In: ALENCAR, Gedeon Freire; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Faria. *Pentecostalismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022. p.39.

⁴⁹⁴ FRESTON, Paul. Evangélicos na política brasileira. *Revista Religião e Sociedade*, vol.16, n.1-2, p.36, 1992.

A censura que se desenvolve nesse ambiente conservador tem pretensão pedagógica, posto que busca evitar atos considerados como “atentados à moral e aos bons costumes”, atos tomados como corruptores da sociedade brasileira.⁴⁹⁵ O *Mensageiro da Paz*, com uma matéria intitulada Censura às Publicações Obscenas, defendia o seguinte, no início da década de 1970:

É inegável a influência que a imprensa exerce atualmente sobre pessoas e coletividades. Vêzes há, todavia, que a persistente penetração de uma literatura mal dirigida pode contribuir para a degradação moral de uma sociedade ou um povo. Na imprensa evangélica, que prima por uma ação rigorosamente sagrada, mas os nossos leitores estão sujeitos, como quaisquer outros, à ação demolidora da imprensa imoral, erótica e pornográfica. Tornamos pública, aqui, nossa simpatia e profunda apreciação pelo decreto recentemente assinado pelos exmos. srs. Presidente da República e Ministro da Justiça, que estabelece censura prévia às publicações nacionais, numa tentativa de escoimar nossa imprensa dos abusos do erotismo, da licenciosidade e da ausência do pudor. Não faltam aqueles que se opõem terminantemente à medida governamental, posto que aprenderam a viver da exploração da inocência juvenil e de repente se veem impedidos de continuar a sementeira da cicuta. Os brasileiros responsáveis pela dignificação integral de nossa Pátria, reconhecendo a capital influência da imprensa, aplaudem ao Governo pela medida e esperam não haja retrocesso. Quanto à nossa posição, desnecessário se torna repetir que estamos comprometidos com o Evangelho, este Evangelho que apresenta o mais elevado padrão moral do mundo. E esperamos que a família brasileira não somente seja privada de uma literatura infigna e obscena, mas alcance a Palavra de Deus, alimento precioso que orienta nesta vida e encaminha para a eterna.⁴⁹⁶

Tendo em vista salvaguardar a família brasileira e a segurança nacional do que seria ameaça comunista, ameaça que pretendia dilacerar as resistências morais da nossa sociedade, o presidente Médici sancionou a Lei 1077.⁴⁹⁷ Essa legislação que proibia de

⁴⁹⁵ SETEMY, Adrianna. Estre a revolução dos costumes e a ditadura militar - As dores e as cores de um país em convulsão. São Paulo: Letra e Voz, 2019. pp.84-85.

⁴⁹⁶ GOMES, Gesiel. “Censura às publicações obscenas”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 3, p.4, março de 1970.

⁴⁹⁷ Decreto-Lei nº1077 de 26 de janeiro de 1970, decretava em seu artigo 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias À moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, 26 jan 1970. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/19651988/De11077.html>. Acesso em: 20 ago 2022.

forma prévia as publicações consideradas contrárias à moral e aos bons costumes de circularem através de quaisquer meios de comunicação.⁴⁹⁸

A censura praticada no regime militar, além da perspectiva conservadora, expressava também temores – superdimensionados e, em muitos casos, fantasiosos – correntes entre militares e civis apoiadores do regime ditatorial. Temores esses que levaram à restrição imposta a livros e periódicos que pudessem atentar contra a moral e os bons costumes, ou que promovessem incitamento à subversão da ordem política e social.⁴⁹⁹ Para coibir a difusão de material visto como suspeito ou danoso pelas autoridades de então, havia, inclusive, a previsão legal de apreensão e recolhimento do mesmo material pelo poder público.⁵⁰⁰

O conservadorismo que se desenvolve no pentecostalismo e na sociedade brasileira desde o início do século XX, é apenas uma voz dentre os discursos para a dominação de classes e reprodução social. A imprensa vinculada a essa confissão é uma dessas vozes, e cabe ao historiador a tarefa de interpretar essas vozes conforme os questionamentos elaborados no presente.⁵⁰¹ Considerando o *Mensageiro da Paz*, podemos destacar a posição inferior das mulheres na sociedade brasileira conforme o pensamento e doutrina pentecostal. A Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil e detentora de uma imagem conservadora, se encarrega de estabelecer um padrão de mulher que é representada nas suas publicações.

Ainda que a teologia pentecostal considere que o Espírito Santo age sobre todos de forma equânime, sugerindo uma igualdade entre homens e mulheres, entre a teoria teológica e a prática doutrinária, há uma distância considerável, pois na organização hierárquica e burocrática, as mulheres só conquistam melhores oportunidades de participação nos primeiros anos do movimento pentecostal, sendo progressivamente substituídas por homens com o passar do tempo.⁵⁰²

⁴⁹⁸ SETEMY, Adrianna. Em defesa da moral e dos bons costumes: a censura de periódicos no regime militar. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. pp.59,69.

⁴⁹⁹ FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. pp.82,84.

⁵⁰⁰ SETEMY, Adrianna. Em defesa da moral e dos bons costumes: a censura de periódicos no regime militar. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p.49.

⁵⁰¹ SETEMY, Adrianna. Estre a revolução dos costumes e a ditadura militar - As dores e as cores de um país em convulsão. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p.10.

⁵⁰² GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. p.62.

Em meados do século XX, o homem trabalhava para ganhar dinheiro e sustentar a família, e a mulher cuidava do lar. A mulher poderia votar, usar eletrodomésticos, educar os filhos e ser a dona de casa. Mas o homem era o chefe da família. Ele decidia o que comprar e como deveria se organizar a casa. O homem chegava em casa cansado do dia de trabalho, e a mulher após cuidar de todos os afazeres domésticos deveria estar pronta para bem recebe-lo.⁵⁰³ Esse tipo de hierarquia que constitui o homem como o cabeça do lar, na maioria das vezes,⁵⁰⁴ nem sempre é questionada pelas mulheres.

No *Mensageiro da Paz* publicado em 1º de maio de 1950, uma matéria relata o seguinte:

A mãe é a rainha do lar. É a ela que Deus dá a chave que abre a porta dos céus... São mulheres como Joquebede, Ana, Isabel e Maria que, pela oração da fé e pela admoestação do Senhor, dão ao mundo gigantes espirituais para enfrentar os problemas do povo de Deus. Mas, o que diremos aos maridos? Os maridos devem ser os sacerdotes das famílias. Deus os constituiu cabeças do lar.⁵⁰⁵

Essa relação de subserviência da mulher em relação ao homem ganha contornos mais visíveis na edição de abril de 1965 do *Mensageiro da Paz*:

A delicadeza e a modéstia fazem com que a mulher seja mais atraente. Não esperes que teu esposo te encha de luxo. Não debes pretender que sempre se faça sua vontade, nem pensar que sempre tens razão. Cozinha os pratos favoritos de teu esposo. Ele, como rei do lar te dará a metade do reinado. Não esqueças a graça da limpeza e do bem vestir. Sê cuidadosa e sê limpa. Tua alegria principal deve ser atender às necessidades e aos deveres do lar.⁵⁰⁶

Nesse sentido, algumas particularidades da vida privada passaram a ser abordadas no jornal, que cada vez mais estava presente nos lares dos fieis pentecostais, permitindo que as doutrinas e dogmas pentecostais modelassem de maneira incisiva os aspectos mais privados do cotidiano.⁵⁰⁷

⁵⁰³ VILLAS, Alberto. A alma do negócio. São Paulo: Globo, 2014. pp.13-14.

⁵⁰⁴ SETEMY, Adrianna. Em defesa da moral e dos bons costumes: a censura de periódicos no regime militar. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p.49.

⁵⁰⁵ “Toda a família”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 9, p.6, maio de 1950.

⁵⁰⁶ “Os 10 mandamentos da esposa feliz”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 35, nº 8, p.3, abril de 1965.

⁵⁰⁷ SETEMY, Adrianna. Entre a revolução dos costumes e a Ditadura Militar - As dores e as cores de um país em convulsão. São Paulo: Letra e Voz, 2019, p.107.

Na retórica do periódico em questão, o fiel ou a igreja que não se enquadrasse nesse modelo conservador do pentecostalismo é “pertencente ao mundo”. Assim, o dissidente é representado como pecaminoso, posto que o “mundo” é tido como marcado pelo pecado, inimigo de Deus e da igreja. No *Mensageiro da Paz* de janeiro de 1957, uma coluna com o título “Não, Não faz mal” publicou o seguinte:

A Igreja do Deus vivo não pode, em tempo algum, aliar-se com o mundo; assim como a luz não se une com as trevas, assim também a igreja não se pode unir ao mundo. Infelizmente, na atualidade há muitas igrejas unidas ao mundo na prática de todos os costumes, cinemas, esportes, trajes exagerados, pinturas, penteados extravagantes e muitos outros. Muito grave, em tudo isso, é a sutileza da linguagem do mundo, que diz: não faz mal. Mais grave ainda é que tais igrejas adotaram a mesma linguagem, de forma que a tudo dizem: não faz mal. Mas a Palavra de Deus é muito clara, quando insiste em afirmar: “Não ameis o mundo nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”.⁵⁰⁸

Práticas de controle social nesse sentido buscam sedimentar a imagem da igreja como protetora dos valores conservadores diante de uma sociedade marcada por contradições.⁵⁰⁹ A igreja se apresenta como a instituição escolhida por Deus para proteger os crentes dos perigos do mundo. Desde o início do movimento pentecostal no Brasil, mediante o investimento nessa construção, as igrejas colhem o que tanto esperavam: submissão incondicional de seus fiéis.

A fase mais aguda do conservadorismo moral pentecostal perdurou até os primeiros anos da década de 1980. Mesmo que diversos movimentos sociais tomassem as ruas do país, promovendo o restabelecimento gradual do Estado democrático, retomando ares de liberdade, o pentecostalismo convenientemente manteve sua pauta ao mesmo tempo moralista e de submissão à autoridade constituída.⁵¹⁰

No editorial do *Mensageiro da Paz* de dezembro de 1984, recomendava-se que os fiéis se mantivessem numa posição de prudência, uma vez que a igreja, como instituição sagrada, pairava acima de “conceitos ideológicos”. A igreja, para o editorialista, tinha de

⁵⁰⁸ REIS, José. “Não, não faz mal”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 27, nº 2, p.3, janeiro de 1957.

⁵⁰⁹ SETEMY, Adrianna. Entre a revolução dos costumes e a Ditadura Militar - As dores e as cores de um país em convulsão. São Paulo: Letra e Voz, 2019, p.111.

⁵¹⁰ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p.146.

preservar sua autonomia no novo regime democrático que se avizinhava, para que, assim, pudesse combater os “pecados sociais” no novo cenário político.⁵¹¹

Os primeiros passos do governo do presidente José Sarney seguiam rumo à organização de uma Assembleia Constituinte, tendo em vista uma nova Constituição que formalizasse o retorno ao Estado de Direito. Para tanto, a nova Carta Magna deveria formalmente assegurar eleições diretas para a Presidência da República, restrição da atuação das Forças Armadas, que seriam limitadas à defesa nacional, e a recuperação de uma série de direitos civis e sociais a toda população brasileira.⁵¹²

A partir desse momento, a Assembleia de Deus iniciou verdadeira cruzada para a representatividade dos pentecostais nos debates constituintes. Mas, nesse contexto, a preocupação era mais pelo estabelecimento de um pensamento conservador, conforme o editorial de Abril de 1985:

Na atual fase de transição, é preciso que se façam colocações sérias acerca do “modus vivendis” da nova república. Muitos confundem as mudanças propugnadas com a liberalização do comportamento, comprometendo assim a nossa já tão corrompida moralidade. Somos absolutamente intransigentes, quando indivíduos inescrupulosos, amantes da desgraça alheia e desejosos de lucro fácil, buscam aproveitar-se dos ventos democratizantes para transformar o nosso país em uma imensa terra de ninguém, onde a imoralidade seja o apanágio de todas as classes. De nada adiantarão todos os esforços para tornar o Brasil uma nação próspera, socialmente justa, se as bases forem carcomidas no que há de mais sagrado: os princípios éticos e cristãos que devem reger o comportamento humano. Democracia não significa convivência com a degradação. Enquanto, em outros tempos, o homossexualismo era sinônimo de indecência humana, hoje é considerado como um estilo normal de vida. Outros, no mesmo diapasão, apregoam a falência do casamento e defendem a liberdade conjugal, onde, na verdade, o fogo livre das paixões carnis, estabelecido como norma, coloca o homem no mesmo nível das práticas animais.⁵¹³

É possível perceber com clareza que a preocupação central do Editor do *Mensageiro da Paz* era com a suposta atmosfera de libertinagem que a onda de

⁵¹¹ FONSECA, André Dione. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.287, 2014.

⁵¹² FONSECA, André Dione. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.290, 2014.

⁵¹³ KESSLER, Nemuel. “Editorial - A moralidade da Nova República”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 55, nº 1176, p.2, abril de 1985.

democratização criava no país, em prejuízo dos “bons costumes” que, ainda nessa visão moralista confessional, eram progressivamente degradados na sociedade brasileira com a redemocratização.⁵¹⁴

A persistente luta por uma pauta moral intensificou, no pensamento pentecostal, a inclinação para o estabelecimento de um Estado classificado como “cristão”, e para uma possível hegemonia amparada pelo crescimento numérico de seus fiéis e expansão de sua influência no país. Progressivamente, seus líderes começaram a vislumbrar a possibilidade e talvez a necessidade, desse Estado evangélico.⁵¹⁵

O *Mensageiro da Paz* adquire, assim, a função de porta-voz da Assembleia de Deus, em contexto no qual os pentecostais demandavam maior visibilidade e participação nos destinos do país, que se transformava. Cabe o questionamento ao jornal enquanto fonte privilegiada para extrair de sua mensagem impressa os elementos capazes de representar e compreender determinado momento histórico em que o conservadorismo foi objeto de interesse.⁵¹⁶

⁵¹⁴ FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, p.290, 2014.

⁵¹⁵ RAMOS, Ariovaldo; ZACARIAS, Nilza Valéria. “Neopentecostais e o projeto de poder”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, edição 115, fevereiro de 2017.

⁵¹⁶ SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. *Revista Biblos*, Rio Grande, n.19, pp.112-113, 2008.

Considerações Finais

Consideramos, à medida que esta dissertação chega ao seu fim, que ela expressa como o pentecostalismo desenvolvido em solo brasileiro, em especial o modelo concebido pela Assembleia de Deus, desde o seu nascedouro no início do século XX até o estabelecimento de sua ocupação do cenário político nacional, contribuiu para a construção de um modelo ético pentecostal alicerçada inicialmente sobre experiências religiosas de caráter místico religioso, e com o passar do tempo acabou direcionada a questões culturais, sociais e políticas além dos limites da religiosidade que recebeu de herança de seus pioneiros.

Assim, introduzimos um panorama histórico da herança pentecostal, a partir das definições da crença e posteriormente doutrina na efusão do Espírito Santo, conforme descrito nas páginas do Novo Testamento bíblico, e como o pentecostalismo enquanto uma ramificação do cristianismo surgido após a Reforma Protestante se tornou um movimento religioso que migrou da Inglaterra para as colônias inglesas na América do Norte por meio do Metodismo.

Neste ponto, cabe salientar que as doutrinas pentecostais tão propagadas nos primeiros momentos da religião pentecostal no Brasil foram significativamente influenciadas pela ortodoxia cristã, e pela crença em uma transformação pessoal advinda da ideia de santificação iniciada por John Wesley.

Os movimentos religiosos avivalistas que se espalharam por cidades americanas ainda no século XIX foram os responsáveis por lançar fundamentos característicos do pentecostalismo empreendido no Brasil, como a rigidez das doutrinas e dos costumes, o apreço pelos mais pobres da sociedade, e a crença específica da glossolalia, que se tornou um dos traços mais marcantes da fé pentecostal propagada pela Assembleia de Deus.

Fundada pelos imigrantes suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, a Assembleia de Deus pode não ter sido a primeira denominação pentecostal a se estabelecer no Brasil, mas a partir de seu processo de expansão se tornou a principal dentre as demais. Tal expansão deve-se a abertura de novas igrejas em cidades do norte e nordeste, com maior impulso a partir do estabelecimento nas cidades do sudeste, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro que na primeira metade do século XX ainda desfrutava do destaque de ser a capital federal, que favoreceu o processo de institucionalização com a criação de

uma editora, um periódico de circulação nacional e maior proximidade geográfica com a sede do governo vigente.

Outro aspecto que foi observado na expansão pentecostal, é que sua expansão não foi simplesmente linear a partir da nova denominação iniciada pelos suecos, mas acabou se tornando fragmentário. O que se entende por deuterpentecostalismo e neopentecostalismo, com o surgimento de novas denominações revela fraturas no movimento original.

Seja pelo uso das mídias ou pelas novas abordagens teológicas, o interesse de se desprender do pentecostalismo da primeira onda, foi sem dúvidas, que atitudes elaboradas pelas ondas posteriores mostram em momentos específicos que a Assembleia de Deus não foi capaz de atender mais as demandas ou os interesses dos fiéis, obrigando uma tentativa mais apropriada de reorganizar seus interesses e prioridades.

Assim, tratamos de analisar em períodos específicos do século XX como o pentecostalismo se comportou diante de determinadas demandas e as soluções elaboradas por este movimento religioso.

Se no período da Primeira República, a missão do protestantismo brasileiro em geral, era se manter vivo e com liberdade de culto, o pentecostalismo quis estabelecer sua missão em meio as crescentes camadas populares das áreas urbanas, aproveitou-se dos imigrantes europeus, da urbanização das cidades e da possibilidade de atender a demanda com a oferta de seu discurso religioso.

Com a chegada do governo Vargas, os interesses políticos começaram a ser despertados no segmento evangélico, surgindo a figura do político evangélico na constituinte entre 1931 e 1934. Ainda que o eleito não tenha sido um pentecostal, mas um pastor metodista, o interesse pela representatividade política começou a ser despertada no pensamento pentecostal, ganhando formas mais delineadas a partir da deposição do presidente João Goulart, com o golpe de 1964.

Se o golpe que estabeleceu a ditadura liderada pelos militares, era um retrocesso institucional na ordem democrática, no pensamento pentecostal se tornou uma oportunidade para dar amplo apoio ao governo autoritário, tendo em vista maior visibilidade, ascensão para cargos de comando e a influência em outras camadas sociais ainda não alcançadas.

Tal apoio, pode ser bem representado nos costumes conservadores, mas foi ainda maior nas práticas anticomunistas.

A ideia de que a civilização cristã estava ameaçada no Brasil, por um comunismo ateu, trouxe verdadeiro assombro ao pentecostalismo, pois a revolução que traria um sistema político e filosófico, e que confrontaria diretamente a religião, conseqüentemente, ameaçaria os espaços conquistados pela religião pentecostal causando de maneira hipotética o desaparecimento de uma estrutura que já contava com considerável poder e influência.

Isso fez com o que o discurso anticomunista assumisse em muitas ocasiões o lugar de outros discursos característicos dos púlpitos das igrejas e até extrapolasse seus limites para fora dos templos, encarnando assim aspectos escatológicos do fim dos tempos para que ganhasse ainda mais atenção de seus ouvintes. O pentecostalismo da Assembleia de Deus, acreditava que os comunistas eram influenciados por forças satânicas, e os seus ensinamentos eram contrários a uma fé bíblica.

Aqui vemos, que a separação entre Igreja e Estado, que outrora fora defendida pelos evangélicos, foi deixada de lado em favor de uma prática política do Regime Militar, que passou interessar aos pentecostais.

No entanto, com diversas mudanças políticas durante a década de 1970, o pentecostalismo buscou segurança e manutenção dos seus interesses com novas regras institucionais que já estavam a vista, como por exemplo o fim do bipartidarismo e a permissão de que novos partidos políticos pudessem se organizar livremente.

Se durante muito tempo o discurso pentecostal, foi caracterizado essencialmente por uma lista de proibições que lembravam o decálogo. Assim vemos, para que fossem reconhecidas como autênticas testemunhas da fé cristã, os fiéis pentecostais zelavam para obedecer os textos bíblicos, mas em se tratando de interesses específicos como a inserção em espaços políticos, vemos que não houve a mesma dedicação em observar tais princípios de fé.

Me empenhei para demonstrar nessa pesquisa, alguns meios pelos quais o pentecostalismo da Assembleia de Deus desenvolveu meios para representar seus interesses, aproveitando a sua influência em todos os meios disponíveis.

Nas primeiras décadas do século XX, quando os jornais ainda tinham grande inserção em todas as camadas sociais, a Assembleia de Deus começa a publicar o

Mensageiro da Paz. Um periódico de alcance nacional. Primeiro, quase restrito aos fiéis e com o passar dos anos se tornou mais uma voz da principal denominação religiosa pentecostal.

Depois de todo o caminho percorrido desta pesquisa, vemos que a religiosidade pentecostal encontrou diversos meios de se comunicar com a sociedade, e quando havia o interesse de apresentar um discurso político, a Assembleia de Deus não hesitou em utilizar o *Mensageiro da Paz* como um legítimo porta voz.

Outros temas pertinentes ao interesse pentecostal foram as pautas conservadoras. O conservadorismo que se desenvolveu nas páginas do *Mensageiro da Paz* é muito particular e restrito aos interesses da própria Assembleia de Deus. Versava sobre costumes, papel da mulher, apoio a censura e sempre contrário ao atentados a moral e aos bons costumes.

Consideramos que estudos da imprensa, da política, da religião e da sociedade pelos historiadores contribuem efetivamente para a sociedade em que vivemos, para que, conseqüentemente, possamos transformá-la, de maneira que não se permita o estabelecimento de relações abusivas que avancem sobre os mais simples esquemas do cotidiano, instrumentalizadas pela política e pela religião, tais como as quais que pesquisamos.

Acreditamos assim, que os objetivos propostos para esta dissertação foram alcançados. Todas as nossas investigações possibilitaram responder as questões que nortearam esta pesquisa, no entanto compreendemos que existem outras possibilidades de pesquisa, tendo em vista que o conhecimento acerca do assunto ainda não foi esgotado.

Fontes

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, p.2, dezembro de 1930.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 10, nº 2, p.1, janeiro de 1940.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 20, nº 9, p.6, maio de 1950.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 30, p.1, janeiro de 1960.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 30, nº18, p.6, outubro de 1960.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 30, nº19, p.6, outubro de 1960.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 35, nº 3, p.3, fevereiro de 1965.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 35, nº 8, p.3, abril de 1965.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 40, nº 10, p.3, maio de 1970.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, ano 56, nº1194, p.17, outubro de 1986.

Mensageiro da Paz. Disponível em: <<https://www.cpad.com.br/jornal-mensageiro-da-paz--setembro---2013--990009/p>>. Acesso em 01 de agosto de 2022.

Bibliografia

A BÍBLIA. Tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Faria. *Pentecostalismo, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022.

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade vos libertará*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

ALMEIDA, Adroaldo José S. *Pelo Senhor, marchamos - Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ANDERSON, Allan (et al.) *Studying global pentecostalism: theories and methods*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2010.

ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário de Escatologia Bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

ANDRADE, Claudionor Côrrea de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

ANDRADE E SILVA, João Pereira. "Jeú, o Revolucionário". *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 43, nº 12, p.5, junho de 1973.

ANDREY, Marlon. *A teologia da confissão positiva e o American way of life no Brasil. Temporalidades*, Belo Horizonte, v.12, n.2, 2020.

ANTONIAZZI, Alberto (et al.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAÚJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BARBIERI, Sante Uberto. *Estranha estirpe de audazes*. São Bernando do Campo: Imprensa Metodista, 1958.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARROS, Angélica. *Infográfico: a árvore evangélica*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 8, n.87, dez.2012.

BASTOS FILHO, Atanael Ferreira. *Assembleia de Deus e a educação formal no Brasil: aspectos históricos, sociais e teológicos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado - Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique. In: Vingtième Siècle, Revue d'histoire, n° 35 juil/sep.1992, pp. 67-77.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BORRAT, Héctor. El periódico, actor del sistema político. *Revista Anàlisi*, Barcelona, n.12, pp.68-69, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Lei nº 314, de 13 de março de 1967. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20 ago 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº1077 de 26 de janeiro de 1970. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/19651988/Del1077.html>. Acesso em: 20 ago 2022.

BRASIL. Lei nº 6683, de 28 de agosto de 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=1%C2%BA%20C3%89%20concedida%20anistia%20a,de%20funda%C3%A7%C3%B5es%20vinculadas%20a%20poder>. Acesso em: 15 out 2022.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

BURTNER, Robert, CHILES, Robert. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. Rio de Janeiro: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1960.

BUYERS, Paul Eugene. *História do Metodismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1945.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” - Uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: Texto preparado para o GT Religião e Sociedade. Caxambu: XXVI ANPOCS, 2002. p.6. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt18-19/4486-lcampos-os-politicos/file>>. Acesso: 01 jan 2022.

CAMPOS JR. Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.

CARLOS FILHO, Manoel. “A Assembleia de Deus e o sesquicentenário”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 43, nº3, p.12, 15 de fevereiro de 1973.

CASSIN, Max David Rangel. “*House of Cunha*”: *Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2020.

_____. O Messias não prometido. In: Anais do 2º Encontro Internacional: História e Parcerias. Rio de Janeiro: Anpuh/RJ, 2019, p.3. Disponível em: <

https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1568655785_ARQUIVO_514726498ca890992d81bd441c1386c5.pdf>. Acesso: 06 fev 2022.

CAVALCANTI, Robinson. *A Igreja, o País e o Mundo - Desafios a uma fé engajada*. Viçosa: Ultimato, 2000.

COHEN, Eliézer. “Evangélicos encaminham documento a Sarney”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1186, p.12, fevereiro de 1986.

_____. *Cristianismo e política - Teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2002. p.193.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960. p.11.

CONSOLIDAÇÃO do estatuto social da convenção geral dos ministros das igrejas evangélicas assembleia de Deus do Brasil. Rio de Janeiro: Estatuto Social, 2019.

CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da família com Deus pela liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. *Revista de História*, São Paulo, n.180, 2021.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, 2007.

D’AVILA, Edson. *Assembleia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

DAHAS, Nashla; RIBERTI, Larissa Jacheta; JOFFILY, Mariana (Org.). *1968 - Perspectivas desde o tempo presente*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

DE SANTI, Alexandre; BRUM, Maurício. Como os programas evangélicos ganharam as rádios e TVs do Brasil. *Revista Superinteressante*. 16 mar. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/como-os-programas-evangelicos-ganharam-as-radios-e-tvs-do-brasil/>> Acesso em: 10 ago 2022.

ERICKSON, Millard J. (org.). *Dicionário Popular de Teologia*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011.

FERGUSON, Sinclair B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FERNANDES, Rubem César. *Novo nascimento - Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FICO, Carlos. *História do Brasil Contemporâneo: Da morte de Vargas aos dias atuais*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FITCHETT, William Henry. *Wesley e seu século*. Rio de Janeiro: Igreja Metodista de Vila Isabel, 1916.

FONSECA, André Dioneu. Informação, política e fé: O jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.68, 2014.

_____. História e Pentecostalismo. In: REIS, Tiago Siqueira (Org.) *Coleção História do Tempo Presente: Volume 1*. Boa vista: Editora da UFRR, 2019.

FRESTON, Paul. Evangélicos na política brasileira. *Revista Religião e Sociedade*, vol.16, n.1-2, 1992.

_____. *Protestantes e Política no Brasil: Da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UNICAMP, Campinas, 1993.

_____. Protestantismo e democracia no Brasil. *Lusotopie*, Paris, n.2, pp.329-340, 1999.

_____. Entrevista concedida a revista Cadernos IHU em formação. 2012. Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ Instituto Humanitas - Unisinos, São Leopoldo.

GILBERTO, Antônio (org.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GOMES, Geziel. “A bênção da submissão”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 40, nº8, p.3, abril de 1970.

_____. “Editorial: Liberdade”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 42, nº17, p.2, 15 de setembro de 1972.

GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença na política. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v.7, n.2, pp.69-100, 2017.

GONZÁLEZ, Justo L. *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*. Santo André: Editora Academia Cristã, 2005.

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

_____. O uso político da religião e o uso religioso da política: como a defesa de pautas morais indica uma compreensão de gênero. *Interações*, Belo Horizonte, n.22, 2017.

GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HOBBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KESSLER, Nemuel. “Editorial: Os evangélicos e a sucessão presidencial”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 1172, p.3, dezembro de 1984.

_____. “Editorial - A moralidade da Nova República”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 55, nº 1176, p.2, abril de 1985.

_____. “Editorial: Democracia e comunismo”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 1181, p.2, setembro de 1985.

_____. “Editorial: Os nossos candidatos à Constituinte”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1191, p.2, julho de 1986.

LACERDA, Fabio. *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LAMARTINE, Heitor. (2021). Congregacionais e a Renovação Espiritual no Nordeste. *PLURA, Revista De Estudos De Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion*, 12(2), 60–79. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1839>. Acesso em: 10 ago 2022.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.

LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro - Estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1963.

LOPES, Rodrigo Barbosa. *A miséria da teologia: Um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *Igreja e Política no Brasil*. Coleção cadernos de história da igreja no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.2, 2005.

_____. *Política e Religião - A participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.158.

MACIEL, Moisés Brasil. *Protestantismo Brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. *Religião e Política: o fenômeno evangélico*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, ano 8, n.4.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.52, pp.121-138, 2004.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2012

MARQUES DE MELO, José (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo*. São Paulo: Editora FTD, 1992.

MARTELLI, Lindolfo Anderson. O pentecostalismo em alteridade ao comunismo - Construções imaginárias sobre “o mal que precede o fim dos tempos”. In: *Anais do Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: XXV ANPUH, 2009. p.4. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_1ed85157cb8ac5da20452b5054dfe02b.pdf>. Acesso em: 10 out 2022.

_____. *Escatologia e anticomunismo nas Assembleias de Deus do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARTINS, Yago. *A religião do bolsonarismo*. Fortaleza: Episteme, 2021.

MILLER, Denzil R. *De Azuza para África para as nações*. Malawi: Assemblies of God World Missions, 2005.

MOREL, Marco. O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v.3, n.3, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. *Páginas*, Rosário, v.8, n.17, pp. 9-25, 2016.

OLIVEIRA, Arilson. Secularização e mercado religioso e Peter Berger. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Rio Grande, v.4, n.7, pp.7-26, 2012.

OLIVEIRA, Raimundo F. *A doutrina pentecostal hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida Acadêmica, 1999.

PASSOS, João Décio (Org.). *Movimentos do Espírito - Coleção Ecclesia 21*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEARLMAN, Myer. *Atos - E a igreja se fez missões*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton R. A inserção dos pentecostais na política: uma ameaça à democracia? *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.3, pp.284-296, 2009.

PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira. Representantes de Deus em Brasília: A bancada evangélica na Constituinte. *Ciências Sociais Hoje*, n.11, 104-132, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura de Pereira. *Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

RAMOS, Ariovaldo; ZACARIAS, Nilza Valéria. "Neopentecostais e o projeto de poder". *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, edição 115, fevereiro de 2017.

REILY, Duncan A. *A Influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil, 1953.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Filipi dos Santos. Com os pés na terra e os olhos no céu: Conservadorismo político e realinhamento eleitoral dos evangélicos brasileiros nas eleições presidenciais de 1989 e 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2015.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, 2002.

ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *O que é Pentecostalismo?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção dos regimes autoritários - Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SALLES, Davi. “Vamos votar nos candidatos evangélicos?”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1192, p.12, agosto de 1986.

“Os rumos da Constituinte”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº1193, p.14, setembro de 1986.

SANTANA, Gustavo. A separação dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Politize!, 2016. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/separacao-dos-tres-poderes-executivo-legislativo-e-judiciario/>>. Acesso em: 27 dez 2022.

SANTOS, José Siderio dos. *Política e Religião - Um estudo da bancada evangélica eleita por São Paulo em 2002 para o congresso nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

SETEMY, Adrianna. Estre a revolução dos costumes e a ditadura militar - As dores e as cores de um país em convulsão. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: Considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista História em Reflexão*, Dourados, vol.8, n.48, 2010.

SMIDERLE, Carlos G. S. M. Entre Babel e Pentecostes: Cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.31, n.2, pp.78-104, 2011.

SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. *Revista Biblos*, Rio Grande, n.19, 2008.

VALÉRIO, Samuel Pereira. Pós-pentecostalismo - Apontamentos teológicos e sociológicos. *Sacrilegens - Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião*, Juiz de Fora, v.11, n.1, pp.111-123, jan/jun.2014.

VINGREN, Gunnar. “Mensageiro de paz”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, nº 01, p.6, dezembro de 1930.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Evangélicos e ética no Brasil. *Revista Reflexus*, Vitória, v.5, n.2, 2011.

ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: Algumas Considerações Metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, vol.4, 1985.